

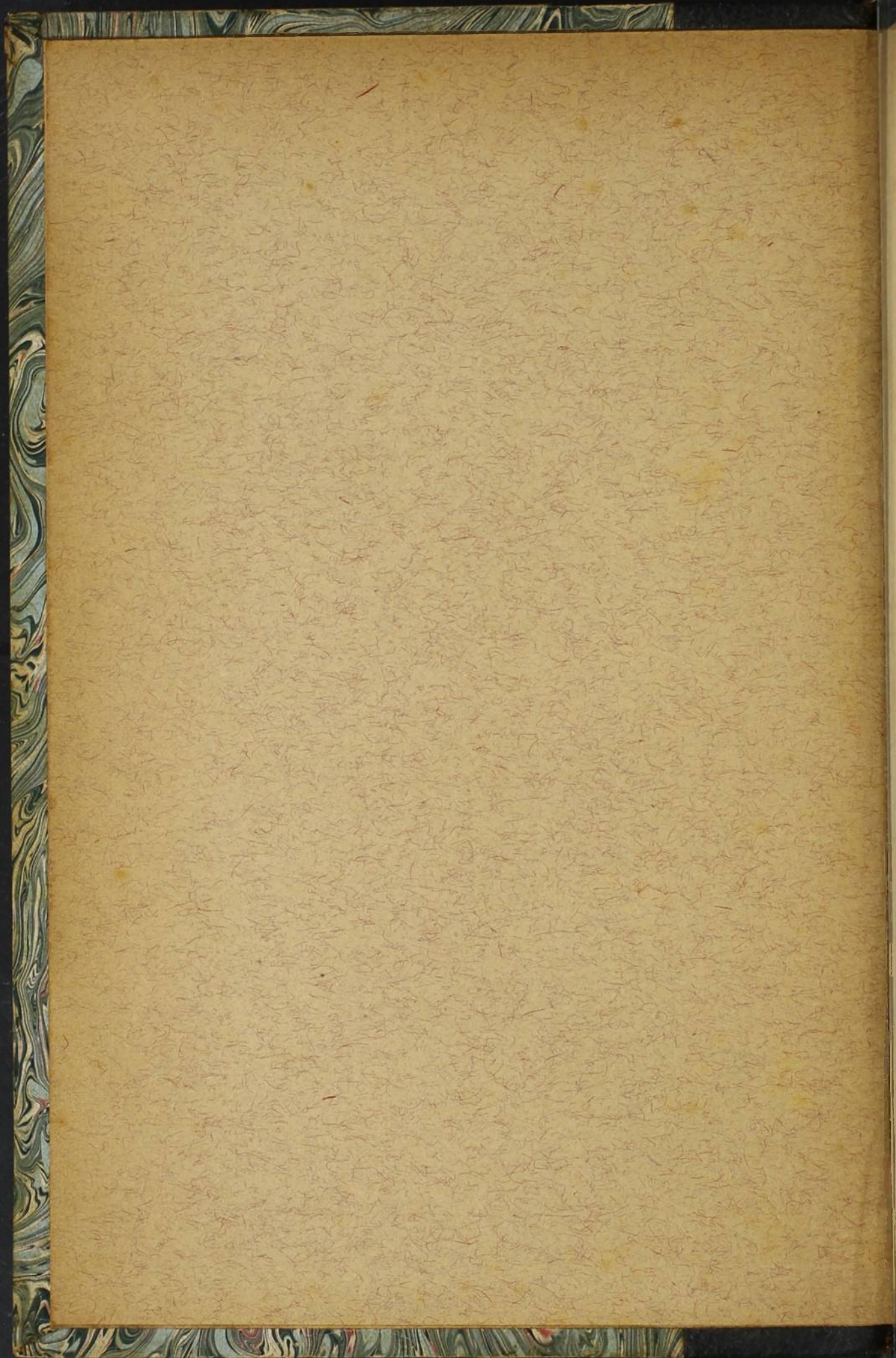




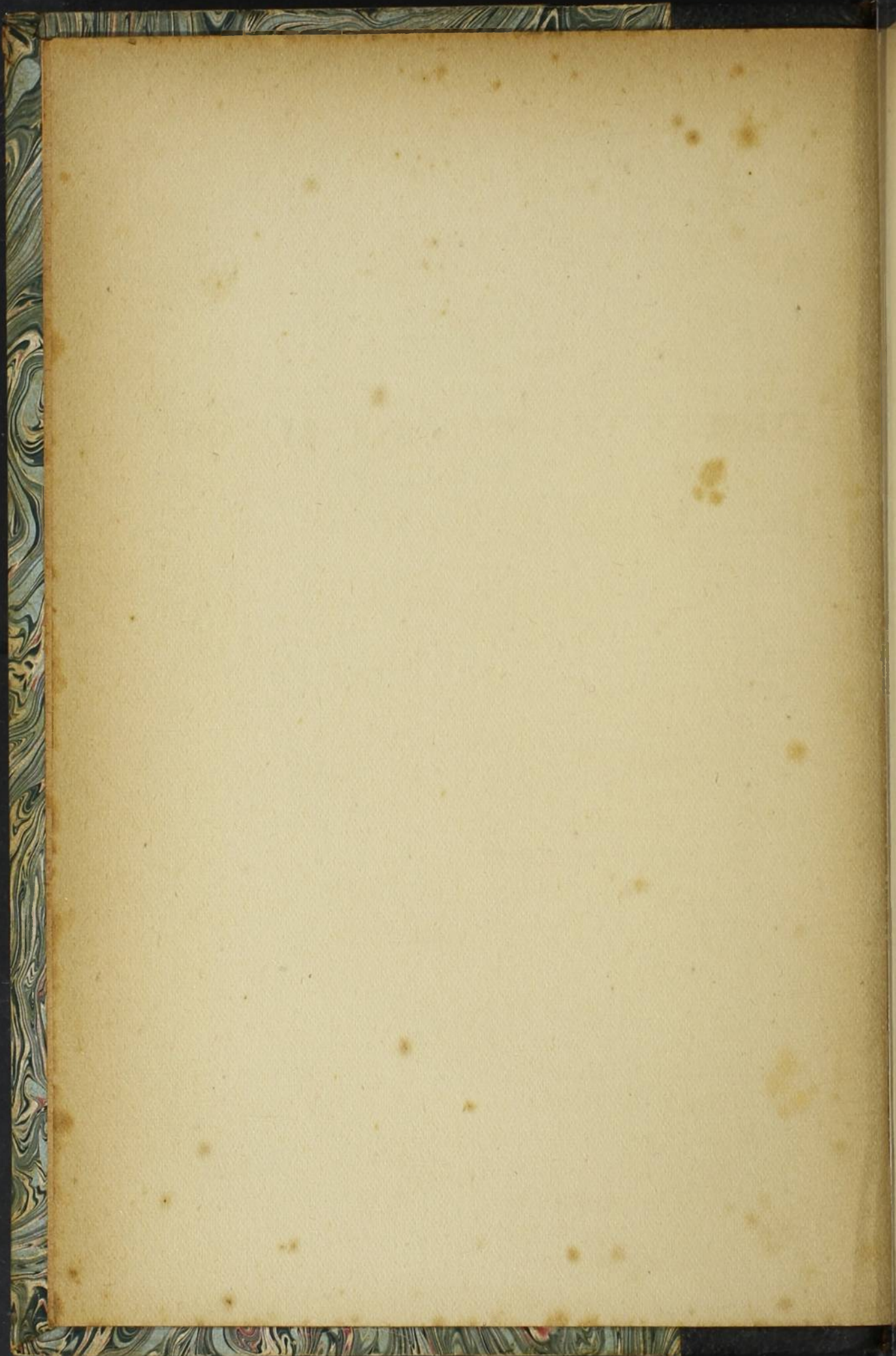
le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



TERRAS MORTAS



OBRAS DO MESMO AUTOR

Insulares, versos.

ROMANCES E NOVELAS

Jana e Joel

Holocausto

Pindorama

O Sargento Pedro

Praieiros

A Boa Madrasta

O Feiticeiro

A Cidade Encantada

As Voltas da Estrada

ENSAIOS

Vida de Castro Alves

A Arte de Escrever

Ensaio sobre a Independencia

Cultura da Lingua Nacional

Letras Academicas

«IMPRESSORA COMMERCIAL»
Rua Quirino de Andrade, 7
São Paulo
1936

XAVIER MARQUES

(Da Academia Brasileira)

TERRAS

MORTAS

Milagres

A Vila Morta

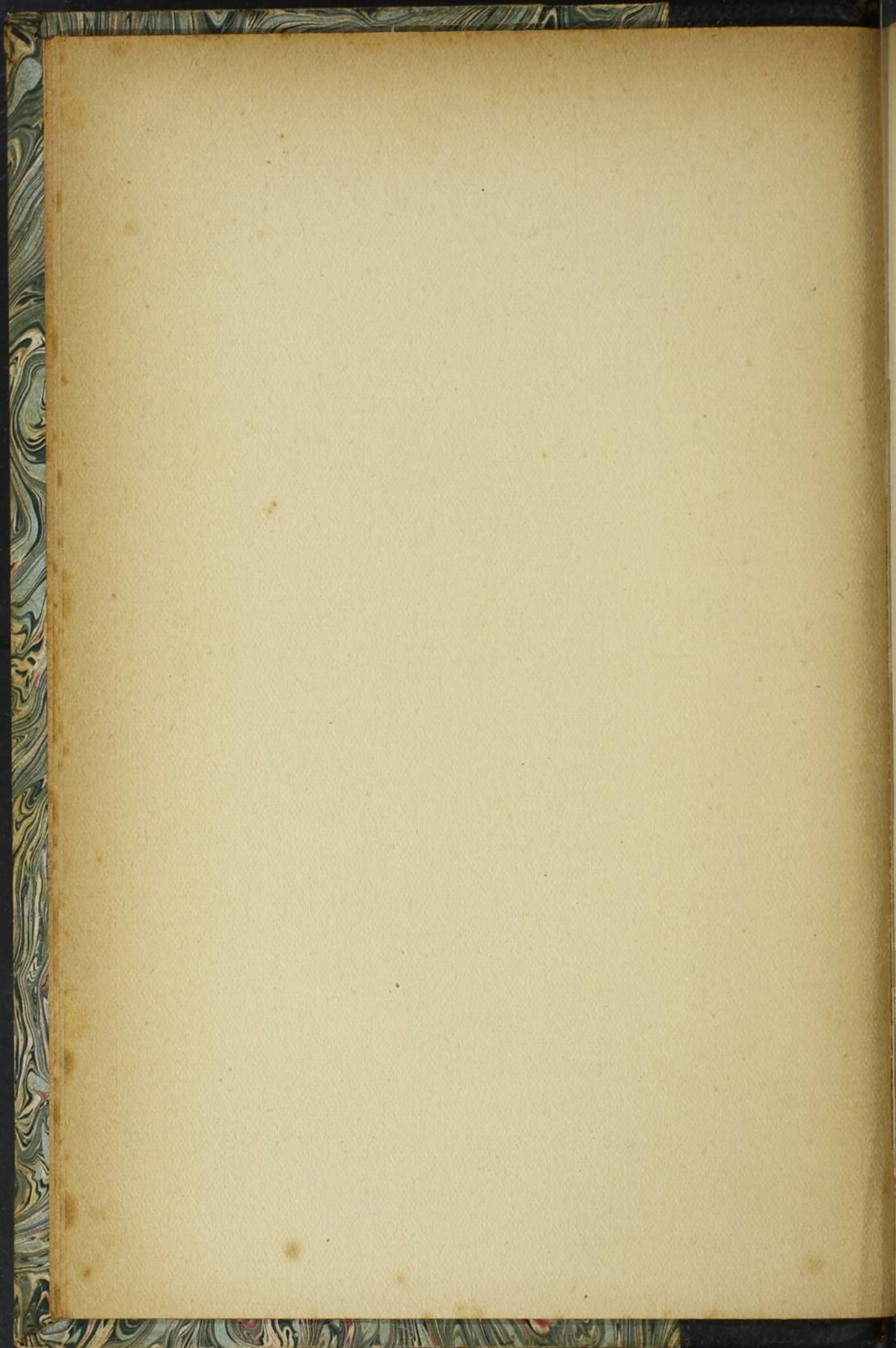
A Sombra do Malfetor



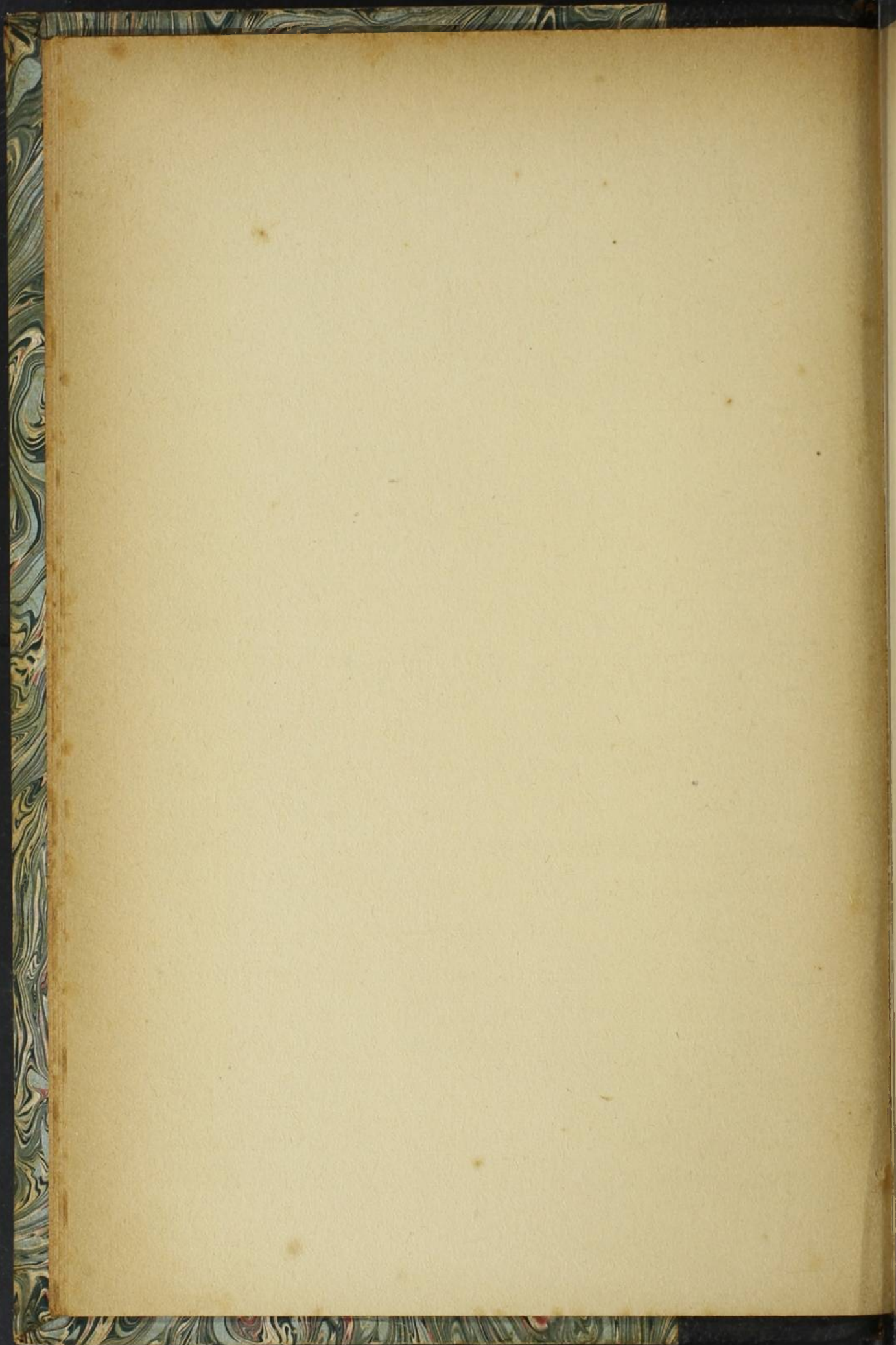
LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110

RIO - 1936



A VILA MORTA



I

A guerra dos Passos e dos Cadós foi uma guerra de famílias que teve por cenário a Serra de Itiuba. Durante longos anos, depois que a morte apaziguou os dois potentados e sua próxima parentela, as façanhas de cada bando constituíram o romanceiro das fazendas e dos ranchos. Os vaqueiros da região não as podiam referir nem escutar sem que pela espinha lhes passasse um arrepio nervoso, instintiva homenagem á crueza e prepotencia de que se fazia o heroismo dos regulos sertanejos.

Já era tradição pacifica a "vendeta" dos Passos e dos Cadós, quando a uma das vilas do sertão de baixo, a de Serrinha, foram ter, levados do acaso, dois dos seus descendentes bem apartados.

A feira de gado trazia periodicamente á praça uma arribada de marchantes e soltadores,

cada qual mais importante sobre os tacões de suas botas guarnecidas de esporas de prata ou inclinados nas selas, do dorso de bestas roliças, para fazer com os pedestres um pedaço de prosa garganteada, medida e acentuada pelos meneios do rebenque acorrentado ao pulso.

Concluidos nesse dia os negocios, não havendo mais compradores, as boiadas restantes trupitavam campo a fóra, umas em direção ao norte, em busca das fazendas de onde procediam, outras pela estrada real, demandando as grandes feiras de bovinos, muares e cavalos.

O sol, ainda alto, fulgurava sobre a flora rasa do taboleiro ondulante e sem limites. No deserto vasto, em redor da vila, só as manadas, afastando-se, levantavam tenues nuvens de pó. Do seio dessas manchas moveis vinham, cada vez mais longinquoas, as vozes longas dos boia-deiros modulando o canto de aboiar.

A' sombra das cajazeiras da praça acolhi-am-se grupos de serranos a comentar os incidentes da feira, quando se chegou a um deles o maior soltador da vila mais antiga daqueles sertões, a vila de São João de Agua Fria. O seu principal negocio consistia em comprar bois nas

feiras para a solta ou engorda nos pastos de suas fazendas.

Como se conservasse montado, disseram-lhe, oferecendo um banco:

— Não se apêa, coronel?

Ele respondeu dando um salto da sela e aprumando-se á sombra do chapelão borrêgo muito abado. O cabresto do seu animal foi logo disputado pelos peões.

Continuava a dispersão dos forasteiros e dos roceiros. O soltador alegrava a roda com picantes alusões aos marchantes de outras procedencias.

Aproximaram-se dois destes a cavalo, um da vila de Coité, o outro da vila do Raso. Ao primeiro dirigiu-se ele:

— P'ra onde você se bota?

— P'ra casa, coronel. Assim faz quem está p'ra ser chefe de familia. Vai ou não vai ao casorio?...

— Bom proveito... Se eu topasse lá com uma cabocla bonita... Mas qual! Naquela pobreza de tapêra!...

O homem de Coité, ferido em seu orgulho localista, revidou:

— Eu logo vi. . . “*Água Fria* não escalda pirão” . . .

Estava iniciado um interessante 'duelo de apódos.

— Diga o resto, intimou o de *Água Fria*. E sem esperar a resposta:

— *Serrinha* não serra pau grosso.”

(Risadas dos serrinhenses).

— “*Raso* não tem fundura”.

— Facilite. . . aparteou o segundo cavaleiro.

— “*Em Queimadas* não nasce capim”.

— E p'ra que, se lá não nasce burro? disse outro marchante presente.

— “*Coité* não dá selamin” . . . concluiu o coronel, fazendo carêta para o rival.

A roda gosou o dito, gargalhando. E os cavaleiros seguiram viagem.

Emquanto eles se afastavam o soltador de *Água Fria*, tomando á sua conta o homem de *Queimadas*, interpelava-o sobre o celebre pro-

cesso e condenação de Santo Antonio, padroeiro daquela vila, pelo assassinato cometido no adro da igreja por um escravo do santo.

— Mas a lei mandava, coronel...

— E vocês chamaram ao papo os bens de Santo Antonio...

— Ah! isso é lá com o juri.

— Que juri danado foi esse?

— Foi o 'de Agua Fria, coronel...

Novas gargalhadas. O marchante de Queimadas acabava de vingar o marchante de Coité.

O coronel voltou-se nesse momento para um grupo que se formara no centro do largo e perguntou com enfática lentidão:

— Que é, gente? Que estão fazendo acolá aqueles basbaques?...

— E' um cavallo chucro que todos querem amansar. Já derribou dois homens...

— Ai! ai!... Querem ver que é o pai de egua da lagôa dos Carros... volveu ele, aludindo á lenda dos cavalos selvagens que nas imediações da referida lagôa investiam contra os viandantes.

— Aquilo é um pôtro comprado hoje mesmo na feira pelo Maneco.

— Está me dando vontade mas é de ir amolecer a cabeça do poldrinho. . .

— Vamos vêr isto! exclamaram todos jubilosos, sem duvidar do exito.

E por que duvidar? Se estava ali á frente deles o Juca Passinho, o grande "Passinho", da estirpe do grande "Manoel dos Passos"?

Cavaleiro consumado e homem de força, o diminutivo não lhe negava o topête hereditario. Guardavam-se apenas as proporções, sem fazer injustiça a ninguem. O povo da serra marcava com a inconsciente ironia desses apelidos os graus descendentes da bravura e da fama.

Juca já marchava para a roda, acompanhado, oscilando os braços fortes de domador. O chapéu, para trás, descobria-lhe o rosto largo e quente, quasi imberbe, com as faces vincadas de sangue, encruadas pelo sol e pelo frio seco da serra. Os olhos sempre apertados, por cacoête. Um Passos não precisava escancarar as janelas para ver os sêres mofinos que se agitavam em torno de sua existencia.

Mal chegou, não houve quem lhe pergun-

tasse o que queria; adivinharam-lhe a intenção.

Curioso contraste para aquela raça de caboclos equestres.

Um barbaro vaqueiro, forrado de couro dos pés á cabeça, cedia a vez ao fazendeiro limpo, vestido de bom pano de linho, armado com um rebenque de luxo.

E que ia suceder?

— A questão é de perna, observou o Maneco, dono do animal.

Passinho não demorou em confirmar que assim era. Questão de pernas e de pulso.

Entregou o chapéu e cavalgou o pôtro arisco. Meteu-lhe as ilhargas no arco de uma tenaz, e colhendo as rédeas, forçou-o a reagir, com as esporas no ventre. Foi a prova. O animal, mordendo o freio, cresceu sobre as patas, empinou-se, pôs-se a rodopiar, sem sair quasi do estreito circulo que lhe traçava o cavaleiro. Subjugado com punho de ferro, caia de vez em quando sobre as mãos, enfrejava-se e ensaiava uns passos regulares. Mas de subito, revoltando-se contra o jugo, raspava o solo e voltava a corcovear e cabriolar, impondo ao domador prodigios de equilibrio e destreza.

Em dado momento alargou-se o circulo dos espectadores, num começo de atropelo. Alguns correram. A brutalidade da luta ameaçava-os. E o animal, fungando com violencia, parecia ter criado asas de grifo.

Juca pairava, mas aos pinchos, dentro de um vortice de galões, curvêtas, chaças, cabeios, garupadas e coices que arrancavam fogo às pedras desenterradas.

E os vaqueiros, em cõro:

— Branco de "talento"!

Nos minutos que durou este espetaculo, aliás comum naqueles dias de feira, fervilhou gente no sitio em polvorosa, a testemunhar e a exaltar a habilidade e a coragem do moço fazendeiro. A nenhum dos gritos de admiração que partiram desses curiosos se mostrou ele menos indiferente do que o era habitualmente em relação aos preitos dos seus serviçais. Mas já quasi a descavalgar, tendo num golpe combinado de redeas e esporas firmado o imperio do cavaleiro sobre a cavalgadura, teve a surpresa de dar com a vista em uma guapa amazona, que a certa distancia, descansando a mão da redea sobre o selim de banda, tambem estivera a presenciar como se amolece a cabeça de um bruto rebelde.

Desta vez Juca Passinho arregalou os olhos enjoados de mirar grosserias e vulgaridades; e com um sorriso de lisonjeado pela curiosidade da cavaleira, aguardou o gesto ou a palavra que ela porventura lhe destinava. O gesto não se fez esperar: foi um cumprimento meio enigmático com o chicotinho. E ato continuo partiu a desconhecida ao passo veloz de seu fino alazão, pageada por um cabra esguio e severo, tipo equivoco de capanga e domestico.

Passinho dignara-se divertir o povo e divertir-se tambem. Mas já bastava. Baratear-se é o que lhe não permitia a dignidade de senhor de feudo. Apeou-se e concertou as vestes. A um peão que lhe rogava: "Mais, mais, coronel", respondeu mal:

— Sai-te daí. Sou teu malungo? . . .

E já desinteressado de tudo aquilo que para ele não passara de um capricho momentaneo, voltou vagaroso, bamboleando-se, a açoitar com o rebenque, a perna das bombachas. Dirigia-se calado para o pé da arvore onde ficara a sua grande besta nedia, acompanhado por um só dos que o tinham seguido até ali. Parecia fatigado. E por isso, o companheiro, que era o seu agente na vila, convidou-o:

— Por que não descansa mais, senhor coronel Juca? Vamos para casa, que aqui está batendo muito sol.

— Vamos lá, respondeu ele, com ares de quem concede uma graça.

Sentaram-se os dois em bancos debaixo da beirada da casa, fronteira á arvore. Passinho sempre silencioso. Pensaria no negocio feito no dia? E o agente, filho de um caló com uma jagunça, puxando a barbicha grisalha, observava-o de soslaio, com o olho experto afeito á arrobação dos bois na feira. De si para si dizia:

— Deus queira que eu me engane...

Ia diminuindo a animação no principal logradouro da vila. Marchantes a cavalo, passadores de gado, agente de compra despediam-se no meio da rua em frases rapidas e ordens dadas em voz alta e sonora. A tarde polvilhando de ouro o candeal, as moitas de velame e calumbi, formava oasis de sombra suave no taboleiro. Em seus dextros animais forrados de peiteiras de couro, os vaqueiros, de guarda-peito, perneiras e gibão, seguiam rumo da catinga, para as fazendas. Carros de bois, recolhendo á vila,

cantavam mais e mais perto, aos gritos dos carreiros:

— Ôa! Ôa! Ôa!...

O ultimo rebanho atravessou o campo pela aberta, entre as casas da praça. O boiadeiro, de alpercatas, chapéu de couro, e ás costas, preso nos hombros, o sacco de mantimento, erigindo o seu perfil biblico, erguia a vara com o ferrão e deixava deslizar as primeiras notas do aboio melancolico, de todas as vozes a que mais encanta no deserto sertanejo.

II

Juca Passinho não pôde mais conter-se, e fitando no agente olhos maliciosos:

— Mas, Totonio, diga-me, quem é aquela?...

— De quem é que o senhor quer falar?

— Ora, de quem ha de ser... Da bela moçetona que parou o cavalo para me ver ensinar o poldro. Não se faça de sonso, que não houve quem não gostasse de olhar... Os olhos folgam de vêr, Totonio...

— Sim, meu coronel, eu tambem vi a tal amazona e não foi pela primeira vez. Pensei que o senhor já conhecia...

— Não, eu conheço o meu gado; aquela não é ovelha do meu rebanho.

— Pois aqui pouca gente não sabe que a Romana vem do Riachão, da fazenda do pai,

p'ra visitar uma amiga que tem na fazenda Lagôa. Em toda feira de gado ela passa por aqui, na ida e na volta.

— E quem é o fazendeiro que escondia essa fazenda com tanta usura?

— Esse homem, não sei se lhe dou uma boa nova, senhor Juca...

— Diga, homem de Deus!

— E' o coronel Doca.

— Doca!...

Passinho fez-se serio. Esse nome soou tragicamente aos seus ouvidos, despertando écos longinquos, écos de Umburana, Bebedouro, Vila Nova, Bôa Vista e Toca da Onça, adormecidos naqueles boqueirões de serra. Era uma tradição de guerra. Triste herança que ele, de sua parte, deixara e quisera deixar para sempre vaga. Todavia aguentou, sem se mexer, os écos da fuzilaria, que logo reboaram lá no rincão dos antepassados. A serra de Itiuba, se não lançava mais fogo, era ainda para muitos um vulcão de recordações mortais.

Concentrado, Passinho permaneceu alguns instantes, pensando a advertencia de Totonio. —

Teria este razão para aludir, nesse momento, ás antigas contendias das duas familias? Porque achou a proposito tal lembrança?

Daquella guerra sabia o que se contava em todo o sertão: as perseguições e as acometidas ferozes pelos respaldos da serra; o estouro do bacamarte, dia e noite, nas tocaias dos inimigos, onde quer que se acoitassem; os desafios e os combates peito a peito; a destruição das fazendas; a matança do gado; e por toda a parte, nas estradas e na catinga, os rastos de sangue que já se não perguntava de quem era, porque só podia ser sangue dos Cadós e sangue dos Passos... Quanto tempo, porém, já passado sobre a carnificina de Itiuba! E se alguns restavam dos dois troncos e podiam viver naquelas paragens, como ele e o Doca, sem se procurarem, mas sem se fazerem mal, não queria isto dizer que nenhum deles se considerava herdeiro do velho odio?...

Emfim havia muito tempo para pensar nisso. Por emquanto, abstraindo do passado e do obstaculo que porventura lhe surgisse daí, Juca prosseguiu, sem perder a aparente tranquillidade:

— Sabia eu que Doca tem dois filhos, mas uma filha moça como essa, nunca jamais ouvi

dizer. Onde andava então a princesa Romana? Vivia encerrada no *Castelo*, para não atear a co-biça no peito dos sertanejos?

— A Romana saiu da fazenda ainda menina; foi mandada p'ra a capital, e lá metida num collegio, recebeu educação fina, como era desejo do coronel. Lá de tempos em tempos, pelas ferias, vinha passar um mês na fazenda e voltava logo. Doca achava que este sertão era muito brabo e que as moças creadas aqui dão, quando muito, p'ra montar e fazer requeijão. Ela não podia estar neste agreste...

— Se isto é o *agreste*, ela vá p'ra o *mimoso*, que está perto de Agua Fria... Mas falando serio, deve de ser orgulhosa, observou Juca, lembrando-se do gesto com o chicotinho.

— Ah! isto é de familia. Soberbia como tem aquela gente... Ainda debaixo da agua!

— Se é pecado, eu tambem sou pecador. Ha de ser tanto por tanto.

Dizendo-o, o descendente dos Passos firmou a cabeça sobre os hombros largos em um meneio de quem se apresta para uma porfia. Sua attitude não escapou ao agente que já via como que armar-se uma intriga do destino naquêle encontro de Passinho com uma descenden-

te 'dos Cadós. O conhecimento que tinha dos homens daquele sertão, dos seus sentimentos, dos seus costumes e dos seus preconceitos, não o enganava. Era sempre assim. Subito o bom humor, a indiferença, a placidez desaparece, e os homens, inflamados como coivaras, entram a estalar e a lançar fumo por todos os póros. O orgulho é o calo irritadiço do seu carater. To-car-lhes aí é o mesmo que pisar em cascavel. O orgulho boja-lhes na alma como o cupim no cachaço do zebú.

O serrano deu tempo a que arefcesse o impeto do seu protetor. Este, voltando ao sentimento mais forte da ocasião, ao seu entusiasmo pela jovem cavaleira, pôs-se a arrazoar:

— Mas, Totonio, meu velho, que temos mais, eu e Doca, com a rixa dos nossos avós, a quem Deus tenha em santa paz? . . . Aqui mesmo já comprei gado do criatorio dele. Já cruzamos nessas estradas e levamos a mão á aba dos nossos chapéus. Amigos não somos, mas nunca ele nem os filhos dele me fizeram qualquer carêta . . . mal de que eu, aliás não morro. De maneira que . . . não se ria, Totonio, eu bem que podia me casar com a filha de Doca . . .

O proprio Passinho rebentou em gargalhada; mas cortando-a logo, acrescentou:

— Se ela quisesse, está visto.

— Se ela quisesse, emendou o agente, e se ele consentisse... Tem mais isto.

Foi o mesmo que lhe darem com um bastão no joelho. O moço fazendeiro distendeu as pernas num salto, empertigou-se sobre as botas e, com o rosto afogueado, disse do alto, modulando a voz redonda:

— E porque não havia de consentir?... Ai! eu queria ver me negarem Romana...

Continuou a falar, e com tanta veemencia que parecia já haver recebido a afronta da recusa.

O agente interrompeu-o:

— Perdão, senhor Juca. Não é porque o senhor não seja capaz e merecedor. Onde é que ela ia achar outro melhor?... Se eu digo isto é porque conheço o tomo do homem. O cavaco sai do pau.

Zuza do Riachão era outra figura das gestas sertanejas. Aplacada a luta de exterminio com sobreviver, tornara-se dono da fazenda grande,

propriedade agora do descendente dos Cadós, na aba da serra.

Esperava-se que amortecesse ali a sua belicosidade. Qual nada! O sangue lhe fervia nas veias. Sangrava-se de tempos em tempos. Nada acalmava o nervosismo do facinoroso. Ainda lá estava de pé a casa da fazenda cercada de muros que ele chamava o seu "castelo". Passava perto a estrada real para o norte, por onde transitavam as boiadas que desciam do Piauí. Zuza tinha escravos, com alguns dos quais formara uma guarda negra. Os boiadeiros em transito eram obrigados a presenteá-lo com dois bois dos mais gordos, e na volta da feira ainda lhes roubavam os alforques com o dinheiro. Abriu-se por isso nova estrada, muito distante da fazenda. Por esse tempo houve tambem os roubos de meninos, que iam vendidos para o sertão do Piauí.

— Artes dos quibungos, fazia ele constar.

Qualquer desrespeito a Zuza, a simples recusa de um favôr, um ato praticado contra a sua ordem, expiava-se com a vida.

Houve um português da vila de Serrinha que intentou libertar o sertão do banditismo do homem de Riachão, e para isso obteve do chefe de policia um troço de tropa que manteve algum

tempo á sua custa. Avisado, o bandido preparou-se para a fuga. Quando uma noite de luar o destacamento invadiu a fazenda, Zuza, em desafio, e por escarneo, fez soltar foguetes sem bomba. O clarão da lua projetava-se nos muros do Castelo e derramava-se pelo taboleiro como a agua de um açude. No terreiro divisaram os soldados uns volumes empilhados como trincheiras e outros esparsos pelo campo. Romperam o fogo. Depois de repetidas descargas, avançaram... Os volumes eram apenas esteiras enroladas. O Castelo estava deserto. Os soldados criam ouvir, ao longe, pelas quebradas da serra, os écos da gargalhada do facinora. Enquanto isto se passava, era o português visado na vila pela garrucha de um filho de Zuza e a muitas leguas dali um senhor de engenho que lhe negara auxilio, ao abrir a janela, pela manhã, recebia um tiro de bacamarte.

Fôra esse um dos antecessores de Doca no dominio do Castelo. E as suas proesas entusiasmaram muitos aventureiros por esses sertões.

— Com aquele era assim, concluiu o agente. De Doca não consta até hoje que roubasse nem matasse. Só ha de certo uma coisa; é que não vê homem aqui p'ra marido da filha... Mas,

como senhor Juca está caçoando, não é daí que ha de vir turumbamba.

— Não estou caçoando não, Totonio, re-darguiu o fazendeiro, com sisudez; confesso a minha fraqueza, gostei de Romana, e só se ela não quiser. . . Só a vontade dela pôde me fazer barreira. Assim mesmo quem amansa cavalo chucro também amolece coração de mulher. Ela querendo, eu cravo as esporas no cavalo e salto até o muro do Castelo. . .

Levantando-se, Juca Passinho chicoteou com o rebenque a perna da bombacha, e foi-se encaminhando para montar.

— São horas, Totonio; até breve.

— Fui magarefe, considerou Totonio, acompanhando-o. Posso dizer que tomava banho e matava o jejum com sangue. Atolado naquele lamarão vermelho, com a faca ensanguentada no punho, vestido de sangue, da cabeça aos pés, ehn! ehn! . . . não havia quem não dissesse que eu era o diabo atijando a fogueira do inferno. Ehn! ehn! . . .

Juca deteve-se, achando-o engraçado com a sua risadinha amarela em falsete e os olhos sonsos na cara chupada.

— Hoje em dia não, não gosto mais de ver correr sangue...

— Devéras, gajão?... Pois olhe, homem pacato é como João dos Passos que aqui está. Mas se tivesse medo de sangue e de fogo pedia a Deus que me matasse. O que é esta vida senão uma aventura?... Tenho feito muita viagem perigosa e de todas elas a vida é a mais comprida. A diferença é só esta. Mas deixe-se de agouro, meu velho. Sangue ha de correr, na certa; sangue de vitelo, de carneiro e de porco... na vespera do banquete. Esteja pronto...

— Tomara... Porque eu sou cavalo do pasto, que cheira o mau tempo no ar, ainda o rebôjo vem na casa de Nosso Senhor Jesus Cristo.

— Isto é que é ter faro de urubú. Ora adeus...

A vila recaíra no silencio que se seguia á labuta e ao reboliço dos dias de feira. O crepusculo já sombreava grande extensão do taboleiro. Juca Passinho, ao andar expedito da bêsta, varava a estrada margeada de alecrim aromático, e pensando em Romana via-a muito além, debaixo do incendio que lavrava sobre os espigões da serra fronteira, por onde rolava o sol.

III

Em pleno taboleiro. Fazia verde. O sol vinha' raiando. A neblina estendia um velario azulado sobre as terras altas da banda do Riachão. A estrada real, com o *salão* entorroadado, depois das ultimas chuvas, pelas unhas dos animais de tropa, estirava-se ainda erma por entre o candeal florido que perfumava o ar frio.

Bem proximo da estrada, num trecho de cerrado, acabara de apear-se um cavaleiro. Oculto pelas quixabeiras de fronde espessa, ele não dava pelos saltos dos veados mochos nem pelos furtivos mocós e preás que fugiam á sua presença, quasi a roçar-lhe o cano das botas. Voaços de jacús, gritos de nambús e seriemas a barafustar pelo mato, deixavam-no inalteravel. As florinhas palidas e olorosas da quixabeira, sob nuvens de jitaís e uruçús, amenizavam debalde a rispidez daquele recanto misterioso. Nada

o distraía do pensamento que o levara ali tão cedo.

Com o pescoço e o peito envolvidos nas dobras de longa manta de lã, vinha de espaço a espaço até á orla do caminho e demorava a vista nos longes da serra enevoadá. Voltava ao refugio. Contemplava aí o cavallo, cuja paciência lhe ensinava a sofrer.

— Ainda não está fóra de tempo, pensou.

Mas embora assim pensasse, não o inquietava menos a hipótese de frustrar-se aquella inofensiva emboscada.

Já o sol dissolvia a neblina. As quebradas e os recortes das terras ao poente do taboleiro começavam a delinear-se na transparencia do ar mais dilatado. Um som grosso e grave de gongôlo denunciava o gado de ao pé da serra. Mais perto ouvia-se o chocalho quasi insonoro de outro rebanho a pastar. Tornando ainda uma vez ao descampado, não foi sem certa emoção que Juca Passinho, o cavaleiro, avistou dois vultos a cavallo marchando em sua direção.

Apressou-se em recolher ao capão. E não esperou muito que não ouvisse o trote dos animais, como piloadas cada vez mais fortes e dis-

tintas, ir-se pouco a pouco ensurdecendo. Os viajantes tinham passado. Montou sem demora e surgiu na estrada. Reconheceu Romana e o seu pagem. Era dia de feira na vila e lá ia a filha de Doca, senhora da fazenda Castelo, visitar, segundo o costume, a amiga da fazenda Lagôa.

— Bem. Agora, disse entre si, tudo está em saber atacar a orgulhosa senhorita. Gente de luva de pelica, ensinada nas etiquetas da cidade, é preciso ter maneiras com ela, procurar palavras e arrodeios, e antes de mais nada um pé de cantiga. . .

Juca, apesar de ladino e pracista, receiava um desastre nesse primeiro assalto, que lhe decidiria da sorte. Sentiu-se quasi tímido. E não acelerou a andadura, porque precisava de tempo para concertar um plano. Ia ruminando uma idéa, quando viu avançar o cavalo do pagem e ir emparelhar com o da amazona. Ao mesmo tempo, percebeu que da sela do alazão de Romana alguma coisa se desprendia, caindo na estrada. Sacudiu as rédeas ao baio e não tardou em certificar-se do fato. Era um achado; na circumstancia, era um duplo achado. Desmontou, apanhou, apalpando-o, um pequeno embrulho de

papel branco atado com fita verde, e, tornando a montar, encurtou a rédea ao cavalo, esporeou-o e partiu a galope.

Varias vezes já se tinha voltado na sela, e sem duvida o tinha reconhecido, o cabra em quem ele via um capanga de confiança do coronel Doca.

Ao aproximar-se, foi moderando a marcha e, pondo-se á esquerda da cavaleira para olhá-la de frente, descobriu-se com muita cortesia e dirigiu-lhe a palavra.

— A senhorita deixou cair algum objeto na estrada... Eu venho das terras confinantes com o Castelo, mas por outro caminho. Logo que saí ali na encruzilhada, vi cair este pacotinho...

E o foi tirando do bolso.

Romana, sem dar sinal de surpresa, estendeu a mão e recebeu o embrulho, dizendo apenas:

— O senhor tomou um incomodo desnecessario. Quando eu dêsse pela falta despachava o pagem para procurar...

Juca teve a curiosidade de olhar a cara do pagem e viu-lhe os dentes muito brancos num

arreganho indefinível, que tanto significaria adulação como odio.

— Talvez já fosse tarde, replicou; algum tropeiro, algum outro cavaleiro podia apanhá-lo, não é? E, não sabendo a quem pertencesse, lá consigo diria, como se costuma: quem tem na mão é seu dono.

Cerrou um pouco os olhos e, com expressão risonha que se esforçou por ser gentil, acrescentou:

— De mais, senhorita, se me dá licença, eu para a servir faria até de muito bôa vontade as vezes de pagem . . .

Ela, sem acusar a mais leve perturbação, num movimento vagaroso da cabeça, pôs nele um olhar limpido, firme e grave. Nem franzido de testa, nem sobreceño, mas a dignidade de uma senhora que, segura de si, acha excusado desarranjar as linhas do seu semblante para alardear suscetibilidade.

Foi nesse momento que Juca, abstraindo completamente da má cara do cabra, posto á distancia, admirou a boniteza da neta dos Cadós, que nada tinha do aspero exterior e dos modos varonis das sertanejas, ainda as mais belas. O

rosto quasi redondo, alvo e aveludado, emergia, como um grande bogari, das voltas do longo véu azul que lhe descia do chapéu de feltro e se lhe enovelava na gorja côr de leite, como uma gargantilha.

Pelas abas do chapéu transbordava em bucles o cabelo castanho dourado. E ao ritmo do passo do alazão, seu busto, coberto de um estofo azul ferrête, a côr do amplo vestido de amazona, balouçava-se harmoniosamente.

Juca sorriu no intimo á graça com que a mão enluvada empunhava o chicotinho trançado, encastoadado de prata, e a boca fina e avara, incisa em traços curvilíneos, feria as parcimoniosas palavras, ou antes, sigilava-as com discreção de pessoa experiente e precavida. Agradou-se das feições, dos gestos, da gravidade, da calma de Romana, e do proprio serio com que ela se preservava de qualquer familiaridade. Estava, porém, disposto a gravar-se-lhe no espirito. Queria que a orgulhosa fazendeirinha formasse dele um juizo exato e pudésse, quando se separassem na estrada, dizer comsigo: se não é galante como os bonifrates da cidade, não é um sertanejo palonço e desamavel. Queria todavia que ela o achasse antes ingenuo do que presunçoso.

— Sou aquele, disse, depois de breve pausa, que a senhorita viu, se ainda está lembrada, lá na vila, na ultima feira, ás voltas com um cavalinho chucro...

— Lembro-me.

— Volto hoje para lá, que é dia de negocios; e como venho de Agua Fria, onde tenho a fazenda, quasi que madruguei no taboleiro. Viajando nestas estradas, onde a gente se encontra pelo acaso e vai de companhia para encurtar a jornada... Não sei se a estou incomodando com a minha companhia...

— Não, senhor; á vontade.

— ... é sempre bom que o desconhecido diga quem é, de onde vem e que rumo leva. Viaja-se assim mais tranquilo, não é verdade? (Erindo-se). Pois aqui está o homem de Agua Fria, o pacato João dos Passos ou Juca Passinho, como é mais conhecido em toda esta redondeza.

— Já eu sabia. Disse-me o pagem.

— Ah! ele me conhece. Melhor. Viajamos certamente com o mesmo destino; para a vila de Cima da Serra.

— Não vou precisamente para lá. Vou adeante.

— Bem o sei, vai á Lagôa. . .

Romana, estugando o cavallo, porque o sol ia amornando o ambiente, olhou Passinho com vaga expressão de estranheza, como pasmada de que estivesse tão inteirado das suas relações.

Ele prosseguiu.

— Lagôa é a melhor fazenda desta zona. Vale tudo, porque tem agua corrente. Neste pedaço de sertão seco, onde a agua é chovediça e os homens vivem com a enxada na mão cavando tanques p'ra guardar a chuva, o rio das terras do coronel Nizú é um rio de ouro. Eu invejaria o coronel se não tivesse lá embaixo, como tenho, agua muita. . .

— E *fria*. . . acrescentou Romana, fazendo rir ditosamente Passinho, que continuou:

— Mas que fortuna é isso, nestas bandas! Tão grande, — perdõe-me se lhe ofendo a modestia, como é se encontrar nesta bôa gente da serra e do mato moça fidalga, educada e engraçada, e que saiba montar deste geito, como a senhorita. . . Eũ apostava, só por isso, que não se criou fóra da fazenda.

— Aprendi durante as ferias, respondeu Romana por prazer.

— Mas, ia eu dizendo, aquilo é terra para criar com fartura toda a casta de gado; tem tableiro para cavalos e catinga para bois. A cavalhada cresceu tanto que uma porção dela ficou de uma vez nas brenhas, perto da lagôa dos Carros. E eu conheço um caboclo, que foi vaqueiro do coronel Nizú, e só com as sortes fez um rebanho tão depressa que tem hoje fazenda propria. Razão por que o vaqueiro de meu vizinho, cubiçoso e descontente porque a criação era pouca e a sorte é um boi por quatro e uma vaca por cinco, me fez um dia esta observação: “Seu coronel, o boi tem quatro quartos e a vaca só tem um” . . .

Romana, já disposta a achar divertida a tagarelice do moço fazendeiro, não pôde conter-se e num sorriso fugaz mostrou a mais linda cade-nilha de madreperola que Juca já admirara em boca de mulher.

Passavam por uma aguada toda coberta de golfãos e junco. Aí deixaram os animais beber. E daí viram á distancia uma grande boiada, avançando como para uma carga de chifres em rumo da feira. Ficaram em silencio a ouvir aquela melodia agreste do boiadeiro, cujas notas alongadas oferecem aos olhos uma imagem dos longos

caminhos a vencer. — Eh! cõ!... Eh! cõ!...
Eh! cõ!...

Seguiram por um atalho, entre moitas de jurema, sob a viva irradiação do dia alto.

Juca Passinho gosava o seu triunfo naquele sorriso arrancado á impassível cavaleira. Depois de referir-se ainda á fazenda Lagôa e á sua exuberante pecuaria, que enchia a catinga de gado barbatão, começou a narrar com exaustiva minúcia, o encontro que tivera no sertão de oeste, em caminho dos *gerais*.

Atravessava, ao romper do dia uma pequena clareira. Lá ao fim havia uma arvore folhuda. — “Que bom abrigo, disse ao camarada, para se fazer uma pousada!” Nisto saiu-lhe pela esquerda, do mato rasteiro, um boi desgarrado, que tomando a dianteira andou para a arvore e pôs-se a pastar os ramos baixos. Os galhos balouçaram, e um sussurro estranho saiu da espessura da copa, obrigando a bêsta em que ele montava a murchar as orelhas e a recuar sestrosa. A do camarada tambem se jogou para trás, alucinada. Maquinalmente levou a mão á garrucha e chamou pela Virgem. Imovel, sem poder avançar nem recuar, viu á primeira luz do sol arquear-se o dorso da féra, cujo pelo reluziu. Foi um re-

lampago. O raio da onça, onça pintada, pinchou do alto e caiu sobre o toutiço do novilho, que disparou aos pinotes, levando a féra grudada no cachaço, com as garras cravadas na cabeça e no sangradouro, de onde escorria o sangue pela barbel. Em vão o boi investe, recúa, berra, marra e afocinha o sólo... A onça agachada, resistindo e mordendo, penetra mais nas carnes da preza, e vai, com ela quasi fundida, formando um só animal, um monstro de duas cabeças, que ao mesmo tempo vive e agoniza.

O bicefalo, ensanguentado, afinal desaparece entre uivos de dôr e rugidos de voluptia carniceira... Puderam então prosseguir os viajantes.

— Imagine, senhorita, concluiu Passinho, o banquete lá na catinga... Emquanto eu cá, em jejum, me afastava daquella *deliciosa* pousada...

Contra a expectativa de Juca, a bela sertaneja sorriu quando ele terminou, limitando-se a perguntar-lhe:

— E que fez o senhor?

— O que é que eu podia fazer!... Salvo se eu andasse como os cavaleiros dos tempos antigos, pelejando por uma dama, porque então

eu ia buscar com as minhas armas e havia de trazer a ela, de presente, a pele da onça.

Depois de um subito silencio, Juca deixou cair estas palavras, em tom sentencioso:

— Quando a gente põe o pé na estrada, pensa que sabe aonde vai chegar e o que vai fazer. Não sabe, não... Tudo depende de um encontro...

E recolheu-se, pensativo.

Quando no pino do dia o grupo de viajantes entrava na praça da vila, muita gente da terra e de fóra, á sombra das cajazeiras e das barraquinhas, gente a pé e a cavallo, ao sol, ás portas das casas e das vendas, fazia o borbórinho da feira de cereais e comestiveis.

Em uma roda onde palestrava um velho catingueiro, houve quem dissesse, aludindo a Passinho e Romana:

— Agora sim, não ha mais perigo de outra guerra dos Passos e Cadós.

O catingueiro deu de hombros.

— Liga de cão com gato...

Poucos momentos de parada, e Romana ia prosseguir a viagem quando começou a passar uma boiada, e Totonio ao lado do passador.

Juca entusiasmou-se, e para reter mais tempo a viajante:

— Este gado é nosso. Vai para a solta... Mas vou separar tres rêses que vão ali. Olhe, senhorita, que beleza, aquele boi preto tapado... Não tem um sinal! Veja a armação do outro, o boi combuco... E que me diz do gaiôlo que vem atrás? Não parece o rei do rebanho?

— Realmente, com aquela corôa!...

E ele, á parte e malicioso: — “Testa-coroadada assim, não eu...”

Romana colheu a redea da montada. O fazendeiro despediu-se com largas cortesias, viu-a partir a toda a pressa, rumo do campo do gado. Ficou a segui-la com olhos compridos até o primeiro declive do taboleiro.

Não logrou o olhar que esperava, mas viu num lampejo a dentuça canina do pagem, que ele não sabia se sorria ou ameaçava.

IV

O coronel Doca, sucessor do antigo mandachuva do Riachão, continuava como chefe politico a sustentar, sem o banditismo do primeiro, os fóros da sua vila. Era esta um dos mais uteis burgos-pôdres de que dispunha o governo, qualquer que fosse o partido dominante. A opinião de Doca não variava: sempre governamental. O poder tinha para ele a certeza dos dogmas. — A verdade era o poder; o mais eram heresias.

Passinho, tambem coronel como os outros da velha guarda, mas moço e chefe de mais numerosa hoste eleitoral, não inspirava tanta confiança ao governo. Em Agua Fria transigia-se por vezes com as dissidencias, desviavam-se votos para servir a simpatias avulsas, faziam-se rodizios, furos e outras combinações suspeitas. Passinho lia os jornais e de vez em quando tinha veleidades de orientar-se pela politica geral.

Emquanto ele, com certo gosto para andanças de cavaleiro, seria mesmo capaz de trazer á sua dama a pele da onça, o outro, pé de boi, mais velho, sem entusiasmo, não cuidando de figurar, mas de consolidar-se, costumava dizer como os seus amoucos: — “Na carreira do cavalo não se olha para o cavaleiro, mas para o casco do cavalo”.

Na casa da fazenda, cercada ainda em parte dos muros outrora espingardeados pela tropa, e aos quais devia a denominação de Castelo, eram recebidos fidalgamente os viajantes que a procuravam para negocios ou em missão eleitoral. O orgulho do fazendeiro tornara-o inexcedível no tratamento dos seus hospedes.

Os homens de serviço, vaqueiros, trabalhadores, domesticos, todos muito disciplinados, cumpriam-lhe estritamente as ordens.

Austero, tanto em relação aos serviçais quanto em relação á familia, para repreender ou advertir bastava-lhe um gesto na face comprida, amarelenta e pregueada, um mordicar dos fios do bigode ruivo, o repentino sustar do seu passo traiçoeiro de felino, com a cabeça a passear como um pendulo, farejando erros e culpas. Mas se chegava a falar, era um repuxo de apostrofes,

invectivas, intimações; saia-lhe a voz regougan-
te, entrecortada de espasmos, aos latidos. Nin-
guem se animava a contrariar-lhe a vontade.

Havia no subterraneo do Castelo um tronco
para castigo dos insubmissos.

Dos seus tres filhos, só Romana, com ser
a que se educou á parte, longe da familia, mos-
trava menos temor deante dos acessos colericos
do pai. Em mais de uma tempestade domestica,
emquanto coriscava entre ralhos a indignação
do despota, ela imperturbavel fazia suas prendas,
lia ou ensinava um papagaio a falar. O coronel
reconhecia-lhe o carater voluntarioso e indepen-
dente, sem comtudo eximir-se por qualquer res-
peito, nas oportunidades, de exercer o seu poder
supremo.

Era chegado um desses momentos de inevi-
tavel atrito entre a filha e o pai. Doca teve ci-
encia de que Romana, pela terceira vez, em via-
gem de recreio á Lagôa, permitira que dela se
acercasse, sob varios pretextos, o soltador e che-
fe de Agua Fria.

Entrou embezerrado na varanda, na ocasião
em que ela, saindo do banho e acabando de es-
gotar uma chicara de leite quente, dava ordens
ao pagem para ter os cavalos arreitados na manhã

seguinte. Deteve-a, e autoritario, sem arroteios, increpou-a:

— Olhe, cá, minha senhora! Uma moça de família não se deixa acompanhar por qualquer desconhecido que encontra na estrada. Seja lá qual fôr o motivo que ele tenha para se aproximar. Devia saber quanto isto é feio e pode dar que falar, não só aos meus inimigos, mas a toda a gente. Cá na família não ha exemplo de tais leviandades. Já que as cometeu é acabar com os passeios. . . Estou ciente de tudo. A minha ordem é esta. Passeios acabados. . . Cada qual em seu rancho.

Romana recebeu com calma essa explosão. E respondeu, pondo nos olhos esconsos e turvos do velho genioso os seus olhos limpidos, cheios de piedade pelo erro e a semi-barbaria em que viviam os homens naqueles rincões.

— Não vejo nada de feio no que fiz. O meu procedimento só é censuravel para as pessoas que não conhecem os costumes da bôa sociedade.

— Como eu, porventura. . . rosnou o mandão.

— Era assim antigamente, no tempo em que

as moças não tinham licença de aparecer nem ás visitas, nem aos hospedes da casa. Andavam na rua de olhos baixos. Não conversavam com homens, por mais intimos que fossem. Que desdouro, meu Deus! escutar e responder a uma pessoa do outro sexo. . . Bichos do mato, senhor, é assim que na cidade chamam ás tristes creaturas mantidas neste regimen de separação e cafúa. Uma senhora que se respeita sabe fazer-se respeitar na companhia de quem quer que seja. Encontrei na estrada um cavaleiro; foi delicado, foi cortês. Não era um salteador. . . Não devia responder á sua cortesia com estes modos selvagens que só aqui se usam, talvez como defesas da virtude. . . Ora!

— Foi o que aprendeu no collegio! São estas as maneiras civilizadas, já sei. . . Fui eu o culpado. Quis ter filha prendada, e de lá voltou com muito juizo. . . Mas sempre é juizo de mulher. Dispensó a lição de civilidade; as lições quem as dá aqui sou eu. Meus avós é que sabiam criar. Vão os homens para onde quiserem, mas filhas se criam em casa dos pais, bem ou mal, que para esposas e mães não ha necessidade de tantas prendas e galanterias. . . Bem, já disse o que tinha a dizer. Acabou-se. . .

Romana não deixou terminar aí o incidente. Seguiu o pai até a sala de jantar. Tinha os cabelos a enxugar, soltos sobre o roupão; agitou a cabeça, numa sacudida leonina e continuou:

— Também não é um desconhecido aquele homem, bem sabe o senhor meu pai. . . Tanto assim que já negociou com ele, já lhe vendeu gado. . .

— Não eu; o passador, o meu empregado.

— Pois sim. . . E' conhecido, e bem conhecido. Entre os homens de representação (e encheu a boca, de proposito, com a palavra) entre os importantes fazendeiros, senhores de terras e de gentes, é até, dizem todos, um dos mais poderosos destes sertões. . .

Boca que tal disseste! . . .

Doca olhou-a com despeito. Não toleraria que ninguém lhe afrontasse o prestigio de potentado com paralelos semelhantes. Aquela filha, só ela, tinha o desassombro de pretender humilhá-lo, comparando-o com um inimigo nato da familia. Tanto peor para ela. Agora é que ia conhecer quem era mais poderoso.

— O coronel Nizú e a familia o conhecem. Trataram-no em minha presença pelo apelido,

com todas as atenções... E' o chefe da vila mais antiga, mais adentada...

O coronel foi aos ares.

— Então é lá que... Pois bem, não irá mais a Lagôa. Sou um chefe de familia, não sou um vaqueiro para andar por vaquejadores atalhando gado estramalhado... Passeios, dora em deante, só no terreiro da fazenda. Acabou-se...

Romana ainda retorquiou:

— Mas um pai não é um tirano; os filhos tambem têm vontade e devem ter liberdade.

— Estas liberdades, não! gritou o fazendeiro.

— Este regimen só nas brenhas; só as pobres matutas, infelizes, ignorantes, se conformam com este cativoiro... Eu não...

— Quer dizer?... interrogou ele, volvendo-se.

A filha nada mais disse. E retirou-se.

A casa vasta e silenciosa guardou como um tumulto as vozes desse dialogo de irreverencias,

Doca saiu enfurecido para o terreiro, embrulhando-se no capote surrado das viagens, com a cabeça descoberta a balançar nervosamente.

te, como faz a onça com a cauda. Encontrando o pagem, ergueu o dedo e a voz:

— Tomara eu ver sair cavalo daquela estrebaria para passeios! . . .

Romana recolheu-se ao seu quarto, com a alma dolorida, mas em revolta. Tinha a impressão horrível de que era uma mulher espancada. Muitas das palavras do pai recebera-as como sevícias. Impossível, porém, submeter-se ao capricho autoritário do homem viciado no mando pela subserviência dos que o cercavam. Seria, assim o julgava, uma ignominia. Filha e não escrava, devia mostrar também a seu pai que uma neta dos Cadós não desmentia a coragem de sua raça.

Romana deitou-se na sua camilha, conservando fechada a porta para o avaranrado. A penumbra suave do quarto, o silencio de redor, áquela hora matinal em que os serviços da fazenda ocupavam todo o pessoal no campo, iam-lhe pouco a pouco restituindo a serenidade. De espaço a espaço um mugido das vacas, que estavam sendo ordenhadas na malhada proxima, um vago aroma disperso pelo sopro que corria sobre o candeal e o alecrim do tableiro banhado de luz, o gemer longinquo de um carro de bois,

fino como a aguilhada ponteaguda do chamador, debuxavam-lhe na mente um cenario de vida bucolica, onde de bom grado encerraria os dias de sua mocidade. — “Mas livre, livre” . . .

E o sonho de felicidade iluminou-lhe o espirito: o jovem fazendeiro, franco, alegre, forte, dominado por ela, pondo em servi-la todo o orgulho que no comum daqueles homens só se fartava em suplantar o orgulho dos outros e em tyrannizar o povo rustico das fazendas e vilotas . . .

Lembrou-lhe a humildade com que aquele domador de poldros se desculpava, no ultimo encontro, na fazenda Lagôa, de andar como seu pagem e sua sombra pelas estradas, vendo amanhecer nos descampados do taboleiro e buscando-a nas imediações do Castelo, á hora fugitiva do crepusculo na serra.

E por que matar no coração daquele moço um sentimento que não a rebaixava, mas, ao contrario, ardia como um vaso de incenso deante dela, e era um hino á sua beleza? . . .

Levantou-se Romana, abriu as portas e deante do toucador prendeu os cabelos ainda humidos, cujos reflexos ao sol tinham o dourado escuro do mel da mandaçaia. Transpondo em seguida a varanda, saiu a procura da unica ami-

ga que naquela senzala de brancos lhe dera a provar alguma ternura. Sua mãe, pobre senhora reduzida á servidão pelo habito de pôr agua nas fervuras do irritavel despota, não passava do leite, do requeijão e da umbuzada.

Foi encontrá-la no mister de cada dia, junto ao cercado, envolvida com vaqueiros e serviçais. Enquanto umas vacas se deixavam mungir, outras sofriam nas têtas as trombadas dos bezerros gulosos, que depois de fartos pinoteavam com o leite a escorrer-lhes em fios alvissimos pelos cantos da bocarra. Nas cercanias do curral as novilhas, brancas, ruivas, malhadas, moviam-se, com as caudas oscilantes, sob o olhar teso do touro carrancudo. E se o marruá mudava as passadas, já elas pareciam espreitá-lo, passivas, sob a iminencia da cobrição.

Era nesse quadro de todas as manhãs que a mulher de Doca, alta e seca, a pele sardenta e as mãos grossas, mostravam a sua melancolica e resignada figura, muito semelhante ás escravas dos patriarcas hebreus.

Queixou-se a filha da brutalidade do pai e da vergonhosa, da humilhante reclusão a que pretendia condená-la naquele desterro, que já era a vida na fazenda.

A mãe olhou-a com ar piedoso, e por absurda que lhe parecesse a prepotencia do marido, não achou para dizer-lhe senão expressões de susto e conselhos de obediencia sem limites.

— Que fazer, filha? E' teu pai. Não já conheces aquele genio? Olha, foge de o contrariar, senão ninguem terá mais sossego nesta casa.

Era preciso padecer aquilo como se suportava a intemperie, a inclemencia da seca ou a friagem da serra.

— Não, minha mãe, não me sinto capaz de viver nesta sujeição, mais cativa do que as mulheres e as filhas dos vaqueiros, que vão á roça e á feira. A este sossego prefiro mil vezes...

— Cala-te; que remedio temos? Lembra-te que teu pai é neto dos Cadós...

— Eu mostrarei que sou filha de meu pai!

— Deixa-te de loucuras. Que pensas fazer então?...

Romana respondeu sem gestos, mas o olhar cheio de fulgor e a voz cortante:

— Libertar-me, minha mãe.

— Não te entendo...

— Casar-me.

— Contra a vontade dele?!...

A esposa-serva, assombrada, deixou cair das mãos tremulas um vaso de leite, e com olhos esgazeados, vendo afastar-se a filha, pôde apenas murmurar:

— Livrai-a, meu Deus, do erro em que eu caí e do castigo que até hoje estou sofrendo...

Apesar do sangue frio, que a fazia tenaz e valorosa na resistencia, Romana, tambem habituada a mandar e a ser obedecida, voltou para o quarto amargurada. Nunca se achara em tal estado de inquietação. Parecia-lhe evidente que o pai atalhava com esse interdito qualquer possibilidade de uma aliança com o neto dos antigos rivaes e inimigos da sua familia. Mas por que colocá-la nessa situação aviltante? Não era uma creança nem uma tonta. Por que privá-la até da liberdade de mover-se?...

A pobre mãe, sem ação, já a tremer de pavor. Os irmãos, afastados, livres do jugo, em suas fazendas. Os demais parentes, muito longe dali, na capital. Viu-se Romana sem amparo. Ela sózinha para lutar com a autoridade de um pai que se transformava em senhor!

Impotente, pela primeira vez vencida e, demais, escarnecida, ficou a pensar, revivendo men-

talmente as cenas de sua ultima excursão. En-
volveu-a de subito pesada nuvem de tristeza.
Cerrou a porta do quarto e volvendo-se cobriu
o rosto com as mãos e atirou-se na cama, sacudi-
da de soluços.

Desde a manhã seguinte o seu pagem, ás
ordens do capataz da fazenda, foi desligado do
serviço da estribaria.

Romana, indiferente ao que em casa se pas-
sava, taciturna e altiva, punha todo o cuidado
em recatar as paixões que lhe tumultuavam na
alma orgulhosa.

V

Duas feiras se passaram, sem que o povo da vila da Serrinha lograsse ver a garbosa amazona, agora mais conhecida pela paixão do fazendeiro de Agua Fria.

O seu desaparecimento causou estranheza e foi motivo de murmurios pouco lisonjeiros em torno da pessoa do saltador. Este, ferido pelas decepções, esquivou-se tambem, interrompendo aquelas entradas aparatosas e aqueles alardes a que habituara os serranos.

Do seu retiro forçado, Romana imaginava, presumia tudo isso, e mais do que tudo a preocupação, a inquietação de Juca, as suas proveis caminhadas até á Lagôa em busca de noticias, as suas galopadas pelo taboleiro e circumvizinhanças do Castelo.

Decorriam os dias monotonos, interminaveis, tardos em produzir o imprevisto, em cujo misterio dormitava a esperança da reclusa.

Ela fazia por distrair-se, afim de encurtar as horas desse martirio, sobretudo doloroso para o seu amor proprio. Encetava leituras com interesse, mas não tardava muito em recorrer ás paginas lidas, porque lhe havia escapado o sentido do que lêra. Sua agitação interior prolongava-se em vão; nada se modificava derredor, todas as coisas permaneciam naquela horrivel impassibilidade, ante a qual se quebravam os seus gestos de impaciencia.

O seu aspecto era entretanto calmo. Da sala grande, com uns moveis antigos, largas cadeiras pesadas de cujos encostos pendiam pelegos de veado e sussuarana, ia á varanda, onde o papagaio gritava e roia a taboa da gaiola, e daí assistia, como pessoa estranha á casa, ao vai-vem dos serviçais, estes entrando no deposito dos arreios, aqueles saindo do deposito das armas, onde havia bacamartes, garruchas, lazarnas e facões, juntamente com instrumentos de lavoura. Percorrendo enfasiadamente a varanda, tornava a parar e alongar as vistas para o verde dos umbuzeiros que formavam sébe em continuação do muro derruido. Por ali era o rumo dos viajantes que chegavam e das boiadas que saiam com destino á feira, precedidas pelo

passador montado. Vagamente, mas sem perder a fé, ela esperava surgisse dali, mais dia menos dia, o mensageiro, portador das ordens do destino, o precursor do acontecimento que lhe traria a inevitável liberdade...

Com este pressagio recolhia-se, disposta a tolerar a dureza implacável do pai, a prudência meticulosa da mãe, a neutralidade acovardada do seu pagem, cujo olhar a espreitava sempre com um quebro de compaixão que a envergonhava.

Emfim, uma bela manhã, em que á volta da casa e em todo o terreiro se encilhavam animais e andavam a pressa feitor, camaradas, vaqueiros, em preparativos para o rodeio do gado, sobreveio o acontecimento que Romana pressentia.

Achava-se ela no extremo da varanda lateral, quando apontou ao longe um homem montado. Viu-o aproximar-se, ser detido e interrogado pelo feitor. Depois de ouvi-lo, o velho caboclo, voltando para ela o rosto glabro, indicou-a, baixando os olhos, ao mensageiro. Era este um cabra de chapéu de couro, muito humilde e manso no falar. Dizendo ter vindo da fazenda Lagôa, pediu licença, apeou-se e foi entregar a Ro-

mana um embrulho atado com fita verde, muito semelhante ao que ela levara á filha do coronel Nizú. O positivo passou-lhe outro embrulho que tirara do bolso; tornou incontinenti a montar e partiu.

Romana entrou impressionada no quarto. Fosse aquilo o que fosse, trazia-lhe novo ar ao espirito.

O envolucro continha duas cartas, e eram ambas de Juca Passinho. Compreendeu o estratagemma.

Leu em primeiro logar a carta mais extensa. O fazendeiro não sabia o motivo daquelle seu recolhimento. Tinha, entretanto, a certeza de que não o causava qualquer enfermidade. “Em bôa hora o diga”. Que seria então? Qual o obstaculo que vinha interpor-se, barrando o caminho em que ele havia achado a felicidade com que sonhara para a sua vida? . . . Quem a privava assim de receber os preitos que ele se orgulhava de render “á mais nobre e á mais formosa das sertanejas?”

O jovem fazendeiro, deixando aí transparecer a suspetia do verdadeiro motivo, deu largas á exuberancia do seu sentimento, e como o

regato que gemeu bastante contra a represa, transbordou em confissões que ainda não acertara a fazer-lhe de viva voz. O domador confessava-se domado na sua alma solitaria e liber-rima, por ele proprio comparada a "um bagual dos pampas". "E agora, concluia o bravo rapaz, eu iria até aos abismos lutar com os monstros, se eles intentassem disputar-me a creatura de Deus que appareceu para matar a minha sede neste deserto."

Romana, a despeito de sua intrepidez, sentiu estremecer-lhe o coração em um pressentimento tragico. A linguagem do moço que a amava tinha os acentos rudes do selvagismo ingenuo nos homens mais placidos e mais generosos daquelas encostas da serra. Repugnavam-lhe fe-rezas, vociferações, expansões vulcanicas. Mas não menos repugnante e odioso lhe era o despotismo que se obstinava em querer imperar sobre corações que o destino já governava.

— Emfim, deixem-me a liberdade, murmurou, que eu nada mais exijo.

Quite com a consciencia, desdobrou a segunda carta. Nesta, muito laconico, em termos sobrios e tom cerimonioso, Juca Passinho preten-

dia a sua permissão para dirigir-se ao coronel Doca pedindo-a em casamento. "Com o que, rematava, me julgarei tão honrado quanto feliz."

Romana achou legitima a pretensão e não vacilou. Mas só á noite, na sala do fundo, quando o coronel repousava dos trabalhos da ferra dos novilhos, calculando com a mulher a produção do ano, pôde dar-lhe ciencia do pedido do fazendeiro.

Com a sua natural gravidade, mais acentuada pela magoa secreta, a voz branda, porém firme, dirigiu-se ao pai como quem ia tirar a prova real dos seus intentos.

— Aqui está uma carta que recebi hoje por um positivo . . . Uma vez que tenho de responder, espero que o senhor a leia e me diga as suas disposições.

Fez-se o silencio.

D. Hortencia, antes para dissimular que por curiosidade, arriscou timidamente a pergunta:

— De quem é, filha? . . .

— E' do coronel Juca, de Agua Fria.

Doca olhou-a com desconfiança. A naturalidade do tom lhe cheirava a atrevimento. Ca-

reteando, afim de morder um fio do bigode, ergueu bem alto o rosto bilioso e caminhando para a mesa, sem nada dizer, desdobrou a carta á luz do grande candieiro belga de kerozene suspenso do teto.

Depois de lê-la e matutar, voltou-se para a mulher, falando com arrastamento que dava peso ás palavras:

— Bem que o entendo... Ele quer, em suma, é revogar os meus atos com uma especie de carta de alforria... E quem mandou dizer a ele que a nossa filha era cativa? Obedecer aos pais não é cativoiro...

Romana acudiu, sem se alterar:

— Cativa estou, porque só tenho o direito de mover-me entre estas quatro paredes... Mas veja bem o senhor que não é disto que se trata. Eu não precisava de um paladino que viesse por este ou outro meio me resgatar... O coronel quer saber se pode dirigir-se ao senhor...

— E' excusado... adeantou Doca, jogando a cabeça grisalha e lançando a carta sobre o encerado da mesa.

Retomando a palavra, acrescentou:

— E' excusado. Podia logo responder, até

sem me mostrar este papel. . . Responder como deve.

— Em que sentido? Eu não sei como é que o senhor meu pai entende o dever de uma filha em situação como esta em que infelizmente me acho e sem culpa nenhuma. Fosse eu adivinhar. . . Vem um cavaleiro solicitar o meu consentimento para pedir a minha mão. . . Assim se pratica na boa sociedade. O que se quer é que o senhor, antes de mim, responda se o acha digno de ser meu esposo.

— Impossível! . . . respondeu o coronel, exaltando-se. Seja ele capaz como fôr, seja honrado ou patife, seja rico ou remediado. . . Nada disto me importa. . .

— Impossível porque?

Doca, exaltando-se mais, fez uma jura vibrante.

— Pela minha honra! . . . Entre ele e nós, bem o sabe, senhora, ha um abismo. O sangue dos Cadós não póde, não poderá em tempo algum unir-se com o sangue dos seus matadores. Traição, é o que isto seria. Traição! Traição! Traição! . . .

A mãe de Romana, á parte, rogava-lhe com

o olhar fixo e as mãos erguidas que se não rebelasse. Romana esforçava-se por não faltar de todo com o respeito ao pai, e tentando chamá-lo à boa razão, considerou:

— Barbaridades, senhor, barbaridades, que não são mais deste tempo... São coisas passadas, que nem devem ser lembradas por quem tem sentimentos cristãos, quanto mais com este rancor... Seremos obrigados a guardar esses odios de morte, a odiar inocentes, porque tiveram na família alguns inimigos dos nossos bisavós? Estes também não foram grandes culpados?...

— Então aceitaria?...

— Sim, senhor; não vejo nisso impedimento.

— Então renega os seus maiores?...

Novo jato de apostrofes e exclamações, lavas de fel que caíam em fogo sobre a cabeça da "filha ingrata", a quem ele acusava de dar as costas a uma geração de vítimas sacrificadas á furia dos celerados.

E com voz soturna, trepidante, cortada de espasmos, Doca evocou a chacina de Itiuba, a destriuição das casas, o saque, o roubo do gado. Tinha ainda nas pupilas flamejantes o incendio

das fazendas de seus avós. Roncavam-lhe no peito as descargas dos trabucos que prostraram os varões da família, um por um, surpreendidos nas seladas da serra e nas catingas, por onde andavam foragidos, procurando salvar os restos dos seus rebanhos.

— Renega todos eles, esquece tudo isso, para se unir com o neto dos carrascos? Não! Não seria mais minha filha!... Eu te lançaria a maldi...

A esposa já lhe estava caída aos pés, mostrando a cruz do seu rosario.

Doca susteve o impeto e recaiu sentado na poltrona de couro. Mas reerguendo-se logo, de punhos fechados, com a barbela a tremer, preferiu o seu veto neste brado, com que pôs fim ao debate:

— Oponho-me!

Imediatamente retirou-se da sala e desapareceu na sombra da varanda.

Era uma porta de bronze que batia, encerrando o sonho de felicidade de Romana.

Ela assim o compreendeu. Abalada pela violencia das emoções, muito palida e a sentir frio, correu para o quarto e jogou-se no leito.

Mais tarde foi procurá-la D. Hortencia, lastimosa, aflita, mas sem voto no conselho da familia. Sentou-se á borda do leito e oferecendo o regaço á cabeça de sua amada Romaninha, entregou-se com ela a uma efusão de ternura. Pôs-se a alisar-lhe o cabelo farto, enquanto gemia a dôr de sua inutilidade, de sua impotencia para atenuar a sentença do esposo inexoravel. Que podia ela fazer, se era tambem uma escrava, de longo cativoiro, sem vontade, e forçada a renunciar á propria consciencia? . . .

Carinhosamente repreensiva, Romana murmurou:

— Minha pobre mãe. . . Por que o acostumou a ser assim despotico?

— Tinha de ser, filha. Eu fui a culpada, mas a minha culpa já vem de longe. Escuta. . .

E com a piedosa intenção de preveni-la contra as consequencias de qualquer ato de desobediencia, de que não a julgava incapaz, como filha de pai, abriu-se e contou-lhe sem nenhuma reserva a historia da sua mocidade e do seu casamento, feito a contra gosto dos pais, de quem nunca mais se pôde valer nem esperar asilo nos casos de desharmonia domestica. Por isso vivia

ali anulada, resignada, sofredora, á discreção do absolutismo de Doca.

Romana teve essa noite um sono de passaro. Ao mais leve rumor, despertando agitada, associava passadas, tropel de cavalgada, movimento no deposito, correrias no terreiro. . . .

Ao amanhecer, apenas se ergueu da cama, procurou-a D. Hortencia para comunicar-lhe a ultima resolução do marido.

— Ele resolveu mandar-te para a capital, para casa dos parentes. Vai, Romaninha, minha filha; é melhor. . . . Passas alguns menses menos consumida. Eu fico aqui mais sózinha. Paciencia. O tempo traz remedio a todos os males. Queres ir? . . .

— Sim, minha mãe. Vou para a capital. E tomara que seja breve, que seja hoje mesmo. . . .

A mãe agradeceu-lhe a boa vontade, acreditando ter concorrido para restabelecer a paz do lar.

Romana, logo que soube estar decidida a viagem, apressou-se em responder á carta de Juca. A resposta foi breve, frisante e apaixonada: — “Parto para a capital sexta-feira; estarei sabado na estação tomando o trem. Sigo com-

boiada e guardada pelo feitor. Prisioneira, devo ir para onde me mandam. Mas meu pensamento é livre, meu coração é livre, minha vontade é livre. Escrevo-lhe estas palavras com a pena molhada em suco de velame; nenhum obstaculo, nenhuma força humana me impedirá de ser sua esposa" . . .

Foi o seu ex-pagem quem, secretamente, arriscando-se por dedicação a ela, levou esta carta á vila de Agua Fria.

VI

Com surpresa viu Passinho chegar á porta de sua casa, humilde e sorridente, aquele mesmo cabra dentado a quem atribuíra uma delação. Longe estava de esperar boas novas por intermedio de comparsa tão suspeito e enigmatico.

Desde o momento em que recebeu a carta de Romana, Juca Passinho entregou-se a vertiginosa atividade.

A's primeiras linhas fugiu-lhe o sangue do rosto, e sob a impressão de um tiro mortal no peito, quasi cambaleia. Lida toda a carta, reanimou-se e a onda que sentira esvair-se-lhe no amago, em retirada, refluiu rumorosa, férvida, espumante. Havia muito não experimentava assim a tensão dos seus nervos. Agora, na refrega, começava a reconhecer-se.

Os protestos de Romana diziam bem com o tipo da amazona intrepida a que já se sentia

ligado por igual coragem e pela mesma independencia de alma. No fecho decisivo da sua carta havia um juramento de amor que o embriagava como um vinho forte. — “Ah! Doca orgulhoso e rancoroso. Tu me recusas tua filha? Aceito o desafio”. Assim falando, Juca meteu no bolso o bilhete, apertando-o bem contra o peito, e passou a percorrer todos os comodos de sua vivenda, onde morava só com os seus empregados. Chamando criados e criadas, deu-lhes ordens com urgencia.

— Quero a casa bem arrumada e decente, recomendou. Estou p’ra receber amigos que chegam por estes dias.

Abriu a porta da sala de armas e revistou as peças de armamento, penduradas umas, outras encostadas aos feixes nos cantos do compartimento.

Saindo daí, cobriu a cabeça e desceu os degraus da varanda; lançou a vista á estrebaria, cujas baias estavam sendo lavadas.

Atravessou a rocinha plantada e cercada, e abrindo a cancela, ganhou a viela que passava ao fundo da roça e da igreja, ambas no mesmo alinhamento e a pouca distancia uma da outra.

Nessa rua tinham morada alguns dos trabalhadores e agregados da sua sequela, homens aparentemente cordeiros, mantidos por ele para todo o serviço, a pé e a cavalo, na paz e na guerra.

“A minha gente”, dizia, e com a qual ressurgia nele o tipo exótico e absoluto do senhor de pendão e caldeira, do mesmo feitio que o coronel Doca com os seus capangas do Castelo. Esteve em conversa com os de mais confiança. Era, porém, dia de trabalho, nos pastos, nas plantações de fumo, nas roças de cereaes. Juca deixou-os e tornou para casa.

A’quela hora calada do dia a vila sesteava, depois de humedecida por ligeira chuva.

O fazendeiro conservou-se recolhido. Tinha ainda varias disposições a tomar, e entrou na sala com as mãos enterradas nos bolsos das bombachas, a ruminar os seus planos. Encontrando um cão deitado sobre a pele de cangussú que servia de tapete, ralhou duramente com o caboclo em serviço. Nesse momento foi sua atenção despertada por forte resfolegar de bês-ta. Assomou á janela. Era Totonio, o seu agente de compras na vila de Cima da Serra, que se apeava do cavalo. Para ele, como para todos os

de Agua Fria, a porta larga da casa do chefe estava sempre aberta.

— Estou um tanto molhado, disse o agente, entrando. Começam as camboeiras. O fumo é que está gostando disto. Vi a lavoura toda por aí chovida.

— Estamos em outubro, Totonio; são os *cordões de São Francisco*.

— Ele que vá mandando, que a terra precisa desta sova. . . Mas como ia dizendo, eu tinha que aviar um negocio no Lamarão e me lembrei de descer até cá. Ora, vamos saber o que aconteceu ao senhor coronel Juca que não tem aparecido. E aqui estou pelo resto do dia e por esta noite.

— Totonio, disse o fazendeiro, pondo a mão familiarmente em seu hombro, você chegou não sei se diga em boa ou má ocasião. Mas seja como fôr, você chegou a tempo. Eu, para lhe falar verdade, tenho andado assim, assim, como quem diz — Com a cabeça á razão de juros. . .

— Ha novidade, então?

— Novidade muita já houve, e mais vai haver.

— Não me diga. . .

— Totonio, prosseguiu Juca, falando gra-

dualmente alto e sonoro, você tinha razão. Doca tem orgulho como Satanaz. Doca me recusou a mão da filha. Ha muito tempo, desde que ela deixou de ir á Lagôa que eu andava desconfiado, até que hoje, não ha bem duas horas, tive a certeza... Mas Doca está enganado. Eu recebi o recado e tomei como um desafio. Quem é Doca? Póde ser um rei lá naquelas catingas onde se amarra gente em pé de mandacarú... Mas se ele é chefe no Riachão, eu sou chefe em São João Batista de Agua Fria. E dizendo isto tenho dito tudo...

Isto significava, com efeito, não só a superioridade pessoal, senão a vantagem e a gloria reflexa de mandar em uma vila muito antiga, muito povoada e produtora, com jurisdição sobre leguas e leguas quadradas do sertão de baixo até quasi ás margens do São Francisco. Agua Fria, assentada em planicie de taboleiro, entre tarefas de pastos e lavouras, com a sua afamada igreja colonial, visitada pelo arcebispo que primeiro penetrou naquela região em visita e nela batizou e crismou a mais de dezoito mil almas, já era falada nas ordens regias de 1717 pelas suas plantações de tabaco. Agua Fria com o seu cartorio, as suas escolas, casa da camara e cadeia, e mais

a tradição da cadeira publica de latim e do corpo de ordenanças e cavalaria auxiliar, que tudo isso teve com os seus invejados fóros, ainda fazia mal ao figado do descendente dos Cadós, tanto mais que a dominava um descendente dos Passos.

Juca Passinho considerava-se, por tudo isso, um chefe indisputavel no sertão de baixo; e como era leal e cavalheiresco, não seria justo que lhe recusassem honra ou homenagem de que se julgasse digno.

O velho agente, lembrando-se da ameaça por ele proferida á porta de sua casa, em um dia de feira, depois de ter visto Romana, não duvidou mais que o valente soldador ousasse ir atacar os muros do Castelo.

— Depois de tantos anos, senhor Juca, uma nova guerra entre as mesmas familias? . . .

— Se assim fôr, acabará depressa; eu sou sózinho e sou o unico da minha raça que vive nestas paragens.

Então Totonio, sacando do arquivo de sua memoria novas informações a respeito do chefe de Riachão, referiu as peripecias quasi tragicas do casamento de Doca com a desventurada D. Hortencia, filha de um fazendeiro da Purificação dos Campos.

Depois de ouvi-lo com interesse, às vezes surpreso e jubiloso, Juca permaneceu algum tempo com as palpebras cerradas, como que em modorra, enquanto o agente ia ao interior da vivenda, disposto agora a demorar-se ali, a convite do chefe, o resto da semana.

Despreocupado de todos os negocios, prosseguiu Juca, nos dias subsequentes, a providenciar, visitando os homens de autoridade e posição da vila, prevenindo certas eventualidades, aparelhando-se com os meios necessarios para qualquer dos casos previstos.

Na sexta-feira, Juca, já impaciente, despachou um dos seus empregados, o mesmo que fôra ao Castelo levar as cartas, com a missão de verificar a partida da escolta que devia acompanhar a filha de Doca. A' noite voltou o explorador confirmando a partida e anunciando ter deixado os viajantes em um arraial onde certamente pernoitariam.

A atividade de Passinho tornou-se frenética. Acabou de preparar a casa, falou aos amigos politicos, conversou com os seus capangas. Estava disposto a tudo.

Aquela noite foi uma vigilia de armas.

VII

Sabado. Amanheceu sombrio e chovendo. Nas malhadas o fumo reverdecia, com as folhas velosas cobertas de pérolas.

Fazia frio. A vila continuava adormecida. Só na vivenda do chefe Passinho toda a gente desperta se entregava a tarefas extraordinarias.

Mais tarde o sino da igreja deu sinal, chamando o vigario. O sol irrompeu fulgurante sobre o alecrim molhado e as frondosas baraúnas da varzea distante.

A terra borrifada pelas camboeiras cheirava e fulgia, convidando ao labor as abelhas humanas. Mas bem poucos cediam á alegria do trabalho.

No interior das casas, no recesso das familias, lavrava em segredo a surda excitação da expectativa.

A' proporção que decorriam as horas, o sem-

blante de Juca Passinho refletia no olhar grave e nos tons ardentes da face a energia e a audacia dos seus pensamentos.

Veio em fim a tarde. Na viela, aos fundos da vivenda, seis homens armados de pistolas montavam nos seus animais, prontos para seguir o chefe.

Juca vestiu-se com algum apuro; meteu na cava do colete um punhal de prata lavrado, e no cano da bota uma pistola, em cuja coronha tambem reluziam labores metalicos. A' frente da casa, no largo deserto, o cavalo baio ajaezando o esperava. Depois de trocar com Totonio, á porta da rua, algumas palavras, montou e partiu acompanhado a distancia pela sua guarda.

A tres quilometros ao poente da vila, na mesma planicie de taboleiro, corria a estrada por onde os tropeiros e as boiadas demandavam as feiras mais proximas da capital e a estação principal da ferrovia. Na encruzilhada com o caminho da vila, Juca Passinho, afastando-se combinadamente dos seus homens armados, procurou o abrigo de uma baraúna e aí se deteve. Estava pensativo.

Uma linha sinuosa separa o heroi 'do bandi-

do. Juca se achava, nesse momento, na curva fatal da estrada, onde os seus avoengos de Itiuba, abraçando os bacamartes, iniciaram, em represalia, o extermínio dos Cadós.

Em breve percebeu um tilintar de campainhas, e não tardou passar por ele uma tropa carregada de sola e caruá. À madrinha, á frente, pitorescamente adornada no alto da testa com a sua boneca de varias côres, parecia ser o garbo dos celeres tropeiros. Vinham de Tucano, e foi um instante de distração para Juca a vista desses ladinos sertanejos, a quem o povo de Serrinha não poupava remoques:

“Sergipano

“E tucanista

“Nem fiado,

“Nem á vista.

Já mal se ouvia o passo rapido e sonoro da burrama, quando um tropear de montadas annunciou viajantes da serra.

Com pouca demora surgiu o comboio esperado.

A' frente, quasi emparelhada com o velho caboclo, feitor e passador dos rebanhos de Doca, vinha Romana, não mais nos trajos de soberba

amazona, mas coberta desde o regaço até os bicos das botinas por comprido e pesado cobrejão. Seguiam-se tres pagens e mais um animal com a bagagem.

Juca saiu ao seu encontro. Descobrimdo-se, radiante, notou-lhe no fino rubor das faces o rebate de profunda emoção. Logo, porém, que ela falou, respondendo á saudação, um véu de tristeza pareceu descer-lhe sobre o rosto, como se houvera estalado alguma das fibras de que se tecia a firmeza do seu carater. Romana havia evidentemente sofrido.

— Aqui estava á sua espera, senhorita, disse-lhe Juca, em tom veemente, — não só para lhe prestar as minhas homenagens, o que ha muito tempo não me é permitido fazer, mas para lhe pedir a maior prova dos seus bons sentimentos para com o sertanejo que não conhece mais repouso, nem tranquillidade, nem alegria na vida . . .

— E que prova devo dar-lhe, além da que já tem em suas mãos? . . .

— Não vacile, Romana . . . E' chegado o momento de decidir-se o nosso destino. Ou hoje ou nunca mais . . . Não deixe fugir a felicidade que o acaso nos trouxe. Romana, eu venho lhe

pedir, eu lhe rogo até de joelhos, que não continue esta viagem...

— Como?...

— Venho lhe pedir que me acompanhe daqui para a vila, que seja aqui o fim da sua jornada, porque tudo mais são arrodeios para fazer penar duas criaturas...

Ela acudiu, grave e surpresa:

— Mas assim?... Fugindo! Isto não é possível...

— Romana, creia no amor do homem que deseja lhe ver livre e feliz, mas também honrada. Se nada lhe impede, como jurou, de ser minha esposa, não serão estes poucos passos daqui á praça da vila e ao altar de São João Batista que hão de manchar seu nome...

E Juca apontando a igreja que subia, como uma nuvem branca, do taboleiro raso para o céu, acrescentou, urgindo-a:

— Lá estão abertas as portas da igreja, o altar iluminado, o nosso vigario revestido, com as testemunhas, esperando para abençoar a nossa união... E só assim deixarão de cair sobre este sertão as desgraças que toda a gente está prevendo...

Romana tinha baixado os olhos, parecendo concentrar todas as lembranças que lhe eram gratas ou penosas, e sobre todas a imagem de sua mãe, cujos infortúnios recordava.

Assim permaneceu instantes. Mas de subito, retomando os seus modos senhoris, voltou-se com o chicotinho em punho e fez sinal ao feitor que se aproximasse.

— Mande a escolta esperar e me acompanhe, ordenou.

O caboclo ia fazer qualquer observação. Ela, sem lhe dar tempo nem ouvidos, lançou o cavalo a trote, emparelhada com Juca, e foi seguindo o caminho da vila. O caboclo obedeceu e acompanhou-os.

Juca Passinho exultava.

Na igreja de S. João, ao pé do altar-mór todo iluminado, e em presença de poucas mas qualificadas pessoas, era celebrado, meia hora depois, o casamento da neta dos Cadós com o neto dos seus inimigos de Itiuba.

Quando os esposos saíam do templo, entre as reverências dos presentes, Romana, chamando de parte o feitor, disse-lhe apenas:

— Volte para a fazenda e conte ao senhor meu pai tudo o que acaba de presenciar.

Esse ato devia reconciliar duas famílias, neste e no outro mundo.

Tal era a opinião de todos, menos a do agente Totonio, cuja experiencia, mais certa que o focinho do cavalo, apontava o lado de onde viria a tormenta.

VIII

Antes de regressar á Serrinha a tempo de alcançar a feira de gado, o agente do soldador julgou conveniente avisá-lo, dizendo muito a sério:

— Cuidado, senhor Juca; é a hora da onça beber agua.

— Ha de me encontrar no bebedouro. Não tenho a vida p'ra negocio.

— Se quer que eu fique...

— Vá sossegado, Totonio. Você tem mais o que fazer. Tenho gente de sobra...

Juca Passinho, apesar do seu desassombro, não estava descuidado, enrvado e amolecido aos flancos da mulher. O orgulho, que fôra o campeão do seu amor, ainda tinha feridas abertas e revidaria prontamente a qualquer ataque do homem que o menosprezara.

Os capangas de Juca não se haviam desarmado. Eram agora em maior numero e viviam alerta. Todo o armamento que havia na sala de armas fôra distribuido entre eles. Os cavalos pastavam no campo e ao fudo das suas casas, peados ou encabrestados, para caso urgente.

O povo da vila, já sabedor de todas as circumstancias que levaram o seu chefe a casar-se á capucha, recolhia-se cedo, como de costume; mas dentro das casas fechadas, quando as trevas conspiravam com o silencio das ruas e dos caminhos, sussurrava-se com certo pavor produzido por imaginarios assaltos e combates iminentes.

Decorridos, entretanto, quatro dias, sem que nenhum acidente, nem mesmo rumor de ameaça, perturbasse o sossêgo da vila, os homens pacatos, os funcionarios, os lavradores e as familias, repuseram-se na sua preciosa tranquillidade e começaram a ajuizar do caso muito lisonjeiramente para a força moral e o valimento do coronel Passinho. Vigario, autoridades, escrivães, vereadores, todos asseguravam, em remate de conversa: "Não haverá nada". E repetiam o dito que o proprio chefe, com a suficiencia e o chiste de sertanejo mandão, costumava pro-

ferir em resposta a quaisquer ameaças: "O boi sabe onde arromba a cêrca".

Em casa de Juca ainda se ignorava em absoluto o que houvera na fazenda do Castelo. Só a mulher manifestava, por vezes, alguma curiosidade. Ele não. Disposto a arrostar todas as consequencias da aventura, coibia-se de falar a respeito com a esposa. Na conversa intima afastava qualquer conjetura, referencia ou simples palavra em que ela pudesse tatear uma ponta de remorso ou perceber sombra de duvida ácerca da legitimidade do seu ato de audacia. A intimidade na vivenda era disputada pelo goso, eram os desabrimentos, as violencias da paixão, o prazer sadico em que o orgulho do conquistador tripudiava feliz sobre a rendição e o abandono da bela creatura, sua magnifica presa.

No quinto dia, tendo ido á sua fazenda e feito bons negocios com os marchantes, Juca voltou fatigado, e para evitar a palestra da noitinha com o professor, o juiz de paz e o presidente da camara da vila, mandou fechar cedo a porta da rua.

Os agentes e cooperantes da sua politica já começavam a ter ciumes da filha de Doca, e desconfiando que ela fizesse arrefecer o interesse do

chefe pelo progresso local, aguardavam impacientes que chegasse para ele a saciedade.

A noite corria calma, sem brilho de estrelas e com grandes manchas negras a prenunciar chuva pela madrugada. Das cercas das malhadas vinham ao largo, completamente às escuras, bufadas de vagalumes.

Juca esteve á janela da vivenda, ao lado da mulher, até fartar-se de solidão e ter sono. Emfim tratou de recolher-se e fechou a janela. Mas ainda não se havia agasalhado, apenas Romana entrara no quarto com a lanterna para revistar a cama, quando a vila foi subitamente sacudida por forte e atroadora descarga.

O espanto imobilizou-os.

Olharam-se e compreenderam.

— E' ele... disse Juca, reagindo e precipitando-se para o fundo da casa.

Era ele, pensou Romana, acompanhando os passos do marido.

Aberta a porta, este escutou e correu até á cancela da rocinha. Não esperou muito que não visse os seus homens, no escuro, saindo das casas e voltando céleres com os animais pelo ca-

bresto. Estugou-os. Já eles esperavam por isso. Uns montados com a garrucha á cinta, outros ainda a pé a bater na fecharia dos clavinotes, apressavam-se ansiosos para responder ao desafio. Juca falou-lhes energico, dando ainda ordens.

Em pouco via passar o bando a galope, para contornar a igreja e tomar o caminho, de onde, não longe do largo, parecia ter rompido o fogo.

Juca Passinho entrou. Romana, excitada, aconselhou-o a não sair. A porta da rua já estava guardada por dois homens armados de bacamarte, a quem ele despediu, mandando-os postar-se junto á cêrca fronteira.

Nova descarga.

Juca desatendeu á mulher; desceu á rocinha, montou e com duas pistolas nos coldres saiu pela cancela.

Foi um momento de assombro.

Se os atacantes vencessem, era de esperar até o saque da vila. Mas a resistencia ia ser formidavel, a julgar pelo fogo cerrado com que se denunciou o encontro.

Todas as cassas permaneciam fechadas e sem restea de luz.

Ecoaram mais alguns tiros isolados. Ainda outros, mais longe.

O que o povo imaginava era mais ou menos o que se passava.

A essa hora fazia-se no escuro do campo e da encruzilhada um fogo intermitente de caça.

Os capangas de Doca, dispersos em guerrilha, investiam e fugiam, tentando pôr cerco aos de Passinho. Este com o seu troço, formando uma especie de quadrado, respondia com as pistolas e os clavinotes a cada surto dos inimigos favorecidos pela escuridão e as sombras de algumas baraúnas.

Por fim reuniram-se os atacantes, descarregaram as armas contra os outros e a galope lançaram-se na estrada, perseguidos a tiros pelos de Agua Fria.

Esperou-se na vila a continuação do tiroteio. Mas o silencio prolongou-se.

O povo, já agora na rua, queria crer na retirada dos assaltantes. De fato, a volta do bando trazia, sem muita demora, a certeza da fuga dos inimigos. Mas tres homens vinham baleados e seguiam com acompanhamento para tratar as feridas.

— Vitoria! diziam uns.

— Desgraça! respondiam outros.

Ecoss da Itiuba sangrenta dos Passos e dos Cadós... Era essa a reconciliação conseguida pelos seus netos!... Quem poderia mais dormir ali sem pesadêlos?... Muita gente sonhava. Os mais assombrados esperavam que os proprios espectros dos mortos desceriam da serra para vir lutar no taboleiro.

Juca recolheu-se pela madrugada para repousar.

Ainda não conhecia todas as consequencias imediatas do encontro.

Mas na manhã seguinte, bem cêdo, o capitão do bando trouxe-lhe noticias. Haviam ficado á beira da estrada, mortos, dois capangas de Doca.

Antes de os enterrarem, Passinho quis vê-los.

Lá estavam ambos, de barriga para cima, bêtados de sangue negro. A um deles não teve custo em reconhecer. Com a cebaça tombada num rêgo e o nó da garganta muito saliente, o

pagem de Romana mostrava-lhe a dentuça alva no ultimo arreganho da sua mascara ambigua.

O enterro se fez á pressa, afim de não impressionar o povo.

O desfecho, realmente, não prometia tranquillidade.

IX

Passaram dias. Ia completar-se a primeira quinzena depois do ataque noturno.

O povo da vila continuava inquieto, apenas confiando na vigilancia dos guarda-costas a quem o fazendeiro costumava incumbir a defesa da terra, de preferencias ao cabo e ás duas praças de que constava o destacamento policial ás ordens de um delegado simplesmente decorativo.

No consistorio da igreja, depois da missa dominical, alguns homens principais, á revelia do chefe, expuseram ao vigario os receios do povo e pediram-lhe que na qualidade de chefe espiritual daquele rebanho, interpusesse os seus conselhos afim de que o fazendeiro do Riachão não levasse adeante a luta. O padre Miguelinho, filho da freguesia, não via como excusar-se á mediação em bem da paz dos paroquianos. Se a questão era de familia, ainda estava na sua

alçada de juiz das consciencias intervir sem escrupulos. Apenas alegava, como causa provavel de insucesso, o haver celebrado o casamento. Sabia, acrescentou, que Agua Fria tinha inimigos, invejosos do seu passado, de sua prosperidade, do seu prestigio. O proprietario de terras que se opôs á passagem dos trilhos da via-ferrea por ali, esse despertara animosidade contra a vila. Além disso os chefes politicos de outras vilas andavam enciumados com o chefe local. Todavia, prometeu, aventuraria alguns passos em favor da causa dos seus paroquianos e conterraneos.

No dia seguinte, porém, á hora em que a gente que não trabalhava no campo se recolhia ás casas para sestar, entrou apressadamente na vivenda de Juca uma de suas vedêtas. Trazia uma espantosa noticia. O coronel Doca estava ás portas do povoado! Ele em pessoa, sózinho, tendo deixado os seus pagens na encruzilhada, vinha a cavalo em direção á praça da vila.

A noticia espalhou-se e fez tremer a população, no mais apavorante dos pressentimentos. — Seria possivel que fossem todos castigados pela culpa de um?...

Juca Passinho levantou-se da mesa posta, onde só esperava pela mulher que saíra do banho. Entrando na sala de armas, vestiu o seu traje de viagem, calçou as botas, enfiou a corrente do rebenque no pulso e com a pistola em punho dirigiu-se para a rocinha. Apareceu Romana, e sabendo do estranho caso, embargou-lhe o proposito.

— Não vá! Não apareça. Quem o recebe, se vier aqui, sou eu.

Passinho teimava em sair ao encontro do sogro. Foi preciso relutancia, muito protesto e exaltação. Romana, como ultimo recurso, tomou-lhe a saída com os braços abertos. Em seguida puxando para si a porta do corredor, vestida como se achava, com um roupão branco e os cabellos derramados sobre os hombros, encaminhou-se para a sala, no momento preciso em que o coronel Doca, parando o cavallo junto á soleira da porta, batia trez vezes compassadamente, com o cabo do rebenque.

Romana correu a abrir. Estava admiravel de calma e majestade.

Encarando o pai, respeitosa, mas sem hesitar:

— Se o senhor vem me trazer a sua bênção, disse, aqui estou para recebê-la.

Doca ficou-se uns momentos a contemplá-la em silencio, com os olhos empoçados no fundo das orbitas, o corpo caído para a frente, parecendo indeciso e mais propenso a perdoar. Depois endireitando-se na sela, já com o cenho habitual, respondeu:

— As minhas contas são com o chefe muito poderoso desta terra... Onde está ele? E' com ele que eu venho conversar...

— O chefe desta terra é meu marido á face de Deus e perante a sociedade... Não está em casa. Se estivesse não deixaria de acudir, porque todo o tempo é oportuno para se desfazerem desavenças.

— Então ausentou-se!... Obra do acaso. Perdi o meu tempo, disse Doca, em tom de mofo, — pensando que vinha encontrar-me com um homem...

— Senhor meu pai, eu não repetirei essas suas palavras a meu marido. Eu é que não quero que ele as saiba... Não devo fazer a desgraça

nem de um nem de outro... Que horror! No seio da mesma família...

— Que família?... Seu marido pôde ele ser; meu genro é que não, nunca, nunca!...

— Oh! senhor...

— Já era inimigo do meu sangue, prosseguiu com acento rancoroso; tornou-se agora inimigo da minha honra.

— Meu Deus! exclamou Romana, o senhor fala em honra com orgulho demais... E não tem razão para se julgar assim afrontado. Bem sabe que eu ia ser pedida, e o senhor nem sequer quis receber a carta do homem a quem está chamando inimigo da sua honra. Quem é aí o agravado?

— Juízo de mulher... Tudo está bem, se o ladrão vai com o furto ajoelhar-se aos pés de um padre...

Romana, com aquele gesto afoito conhecido de Doca, arremessando os cabelos para a nuca, replicou:

— Lembre-se que muito peor fez o senhor, indo com gente armada á fazenda dos meus avós raptar aquela de quem fez sua esposa, e antes mesmo de ela ser maior... Lembre-se do

agravo que lhes fez e dos sofrimentos de minha mãe, que nunca mais pôde ter o perdão de uma falta de que só o senhor foi o culpado. . . . Pensa o senhor meu pai que isso está esquecido? Meu marido já o sabia quando eu, de minha livre vontade, acetei a mão que me ofereceu. Por quem é, senhor, basta de odios, basta de vinganças. . . . Não queira destruir a minha felicidade!

Doca ouvia cabisbaixo e quêdo, com o sentimento da derrota impresso e vivo nas feições eriçadas.

Quando a filha calou-se, ele, suspendendo a mão que segurava as redeas, fez o cavalo dar uma volta.

— Então não está em casa. . . disse, acentuando bem as sílabas.

Depois lançando para ela um olhar que parecia vir de longe, deixou cair lentamente estas palavras:

— Basta, creatura. Eu vou e não voltarei aqui. Não virei mais tirar o sono dos felizes. Podem arrecadar as armas e dormir tranquilos. Vamos vivendo. . . . Vamos vivendo. . . . Demos tempo ao tempo.

E com um novo puxão das redeas, Doca

pôs-se em marcha vagarosa para ganhar a estrada.

No largo deserto, pelas grêtas das portas fechadas, centenas de olhos o acompanhavam.

Vendo-o afastar-se Romana sentiu pela primeira vez a confusão e a tristeza de vencer, nos embates violentos da vida, tristeza tão real quanto a amargura, que também já experimentara, de ser vencida.

X

Na vila pacificada, entregue o povo às suas lavouras, à colheita do fumo, ao replantio das pastagens, já não era o grande assunto das conversas o caso de família que por algum tempo alarmara toda aquela zona de áquem da serra.

A confiança na força e no poderio do chefe Passinho aumentou e estendeu-se com a vitória sobre adversario tão terrível qual o descendente dos Cadós.

Juca prosperava, impellido pelo seu instinto de dominação nunca em cheque. Além da solta de bois, possuía casas e terras, tinha um armazem para escolha de fumos, e tanto distribuía officios e cargos publicos pelos eleitores da vila, como ganha-pão às raparigas e aos velhos cansados de roçar e pastorear. Centenas de rêses gordas saíam das suas mangas para os marchantes que lá iam mensalmente abastecer-se.

Sociavel, exuberantemente venturoso ao lado da formosa mulher que já partilhava no seu prestigio de chefe politico, andava na rua sempre acompanhado, e na vivenda, para onde convergiam autoridades e funcionarios locais, estava a horas certas, como em audiencia, a opinar ácerca das questões particulares da terra.

Um dia, porém, no galarim do predomínio sobre a antiga vila de tão remotas origens e tão ufana do seu brilho colonial, foi Juca Passinho fulminado pela mais assombrosa das surpresas. No jornal do governo, que ele recebia e por onde se inteirava das coisas da administração, acabava de ler uma resolução da Assembléa legislativa desmembrando o municipio de Agua Fria em proveito de duas outras freguesias confinantes, e a cada qual traçando novos limies.

Passinho correu a mão pelos olhos. Subiu-lhe ao rosto um esto de vapôr e sangue.

Estava atordoado.

Repondo-se do choque, leu e releu, com assombro crescente. Chamou a mulher, e corrido de vergonha deu-lhe a ler tambem o ato do governo que seria o pregão do seu desprestigio. — A que e a quem attribuir essa miseria? Tanto

ele como a mulher compreenderam, mas nenhum se animou a declarar em voz alta a origem daquilo. Nem era preciso. A novidade transpirou. Não foi mais segredo para ninguém.

O povo de Agua Fria, tão alarmado e consternado quanto Juca Passinho, vinha para a rua e aí em pequenos agrupamentos comentava, discutia e lamentava a sua sorte. Junto á esquina da igreja houve um arremêdo de comicio, e durante alguns minutos o largo de São João parodiou o Forum romano. Um plantador de fumo, exaltado, rugia:

— Tudo isto porque não ha uma revolução neste país! Se houvesse, as gazetas atacavam o governo, o povo reclamava. A gente podia falar e não passava por esta desfeita...

Outro, já desiludido da valia dos chefes, considerava:

— Com a força do governo eles todos mandam chover. Sem a força valem tanto quanto eu...

Ainda outras vozes se atropelavam, umas irritadas, outras sentimentais.

— Agua Fria! Pobre de minha terra...

— Inveja! Inveja só.

— Perseguição... Traição do governo...
Governo maldito!...

Os protestos chegaram até á porta do chefe. Passinho apareceu á janela e prometeu que aquilo não ficaria assim, não; ainda tinha amigos, queimaria até o ultimo cartucho.

Afastaram-se os protestantes. Mas quando em meio do largo o mais revolucionario dentre eles aconselhava ao povo uma representação energica ao governo, um pacato empregado da camara chamou-lhe a atenção:

— Cale sua boca. Olhe quem vem ali...

Chegava, sonso e carrancudo, o cabo do destacamento policial.

O tabelião e um juiz de paz, aí presentes, dirigiram-se logo á casa do vigario, a pedir-lhe que escrevesse, como filho do logar, a representação que todos os paroquianos queriam assinar. O chefe espiritual prontificou-se a fazê-lo, porque julgava tambem humilhado, em seu altar, o proprio São João Batista. — Nem Agua Fria podia ser desmembrada, pois a vila fôra fundada por São João.

— Como de fato, disseram os dois emissa-

rios do povo, relembrando vagamente o passado da terra.

Referiu-se então o sacerdote, carinhosamente, às origens do seu povoado natal. E como um velho pai amoroso, recordando a inocencia e as graças infantis do seu filho dileto:

— Neste taboleiro, outrora deserto, só havia uma velhinha que habitava numa palhoça, perto da fonte. Todo viajante, tropeiro, marchante ou boiadeiro que por aqui passava ia bater á porta da velha para beber uma cuia d'agua.

— Que agua fria! exclamavam todos, satisfeitos. E prossequindo a viagem, iam gabando-a por toda a parte. E tanto falaram, tanto repetiram, que o nome pegou: Agua Fria... Presente de Deus á nossa terra, pequena mas bem nascida.

— E a historia da vila?...

Outra beleza, honra e galardão da terra de Juca Passinho. E mais não era lenda. — Das bandas de Ouriçangas, ao sul, viajando de uma fazenda, propriedade de rica familia colonial, costumava passar por ali, de vez em quando, uma jovem amazona relacionada com outra familia abastada, que tinha fazenda ao norte do

sítio da fonte. Tal qual fazia D. Romana do Riachão viajando com o seu pagem a passeio para a fazenda Lagôa, na Serrinha. Sucedeu que um dia, achando-se a rica senhorita de volta para Ouriçangas, o cavalo em que ela montava perdeu o freio e precipitou-se pela estrada em um galope desabalado. Não havia meio de conter a corrida louca. Uma desgraça iminente. Era o dia de São João Batista. Vendo a morte nos olhos, e impotente para sustar o galope delirante do animal, a cavaleira fez uma promessa. Prometeu que no lugar onde o cavalo parasse, aí ela faria levantar uma igreja a São João. O cavalo parou de subito, precisamente no sítio de Agua Fria. Foi edificada a igreja, e em torno da igreja, formando um circulo, construíram-se casas, e as moradas foram aumentando com a prosperidade do local, até que de simples fazenda, que era, foi elevado a freguesia e a vila.

— Quem a fundou não foi São João?

— Deve-se narrar tudo isto ao governo. . .

O vigario, porém, quanto a politica, tinha-se tornado ceptico e derrotista. — Os homens do governo são cabeçudos. Não ha razões que os convençam: as razões divinas ainda menos que as humanas.

— Está fóra de 'duvida, filhos, que juizo, sabedoria, onsciencia são atributos do poder. . . Tambem para dar valor a essas coisas do outro tempo é preciso que a gente tenha, além de luz na cabeça, um coração nos olhos. . .

Cheio de experiencia, suspeitava o ancião que a "princesa Romana" viria a ser, para mal de todos, uma Helena sertaneja. — Singular destino o de Agua Fria; uma mulher lhe dera origem, outra mulher lhe daria a morte! . . .

XI

Ocorrido um desastre, as vitimas sobreviventes se dividem: umas fazem todo empenho em sair quanto antes da situação em que as collocou o fato, considerado irremediavel; emquanto outras se distraem com a esperança de que os acontecimentos refluem como as marés, e passam o tempo a indagar das causas do desastre.

Isto se verificava em Agua Fria.

Uma suspeita levantada pelo vigario da freguesia tomava corpo e induzia algumas pessoas a crer que o desmembramento da vila seria o resultado de um trabalho junto ao governo pelos constructores da estrada de ferro, quando quisessem levar o traçado pelas terras de uma fazenda cujo proprietario a isso pôs embargo. A estrada passava agora a tres quilometros de distancia; mas não bastava esse detrimento. Era preciso que desaparecesse a vila.

Esta versão chegou aos ouvidos de Juca Passinho. E ele, fingindo acreditar, calou-se.

Ainda não se achara em contacto com o seu povo. Apenas duas visitas recebera, ambas muito discretas. A primeira, o presidente da camara municipal, teve por fim informar que nenhum papel oficial chegara ácerca da nova divisão territorial.

Só a este comunicou Passinho as suas disposições. E na mesma noite mandou preparar as montadas. Pela madrugada partia á espora feita, com rumo á estação da via-ferrea, para a capital.

Na ausencia do chefe, as autoridades, os serventuarios, pessoas do partido, todos contristados, continuaram a comentar diversamente o fato, dividindo-se em prognosticos mais ou menos pessimistas.

Reduzida a área da vila, iam restringir-se as jurisdições. O juiz, os escrivães, o avaliador, o coletor, os meirinhos, o proprio vigario sentiram para logo o desfalque nas vantagens dos seus cargos. Os vendeiros receavam perder muitos freguêses. Os lavradores de mandioca pensavam já em diminuir a plantação, porque as casas de farinha iriam ter certamente menos trabalho. As familias atormentavam-se com perspectivas tristes.

O sentimento de humilhação era geral.

— Em beneficio de quem, de que freguesia, de que vila?... perguntava no cartorio o tabelião.

E o coletor provincial respondeu:

— Em beneficio de um arraial. Da Purificação dos Campos...

O nome de Doca voltou á balha. Havia curiosidade em saber-se o que pensava e o que fazia a filha do coronel do Riachão, esposa do chefe desprestigiado de Agua Fria.

Em casa, só, com as pretas que a serviam, Romana tinha impetos de saltar para o campo, montar a cavallo e partir para o Castelo, afim de interpelar o pai e ter a certeza de que era ele o perseguidor do povo de São João. A tais impetos sucedia o desanimo. — Não, não havia duvida. E que podia ela fazer, se o pai confirmasse?... Voltaria de lá mais humilhada do que fôra... — Ah! sangue implacavel dos Cadós, que ainda fervia nas veias daquela creatura!...

Assim como Romana, o povo só admitia uma saída para esse estado das coisas; era ficar sem efeito o ato do governo.

XII

Com a partida quasi furtiva de Juca Passinho, a ansiedade dos habitantes da vila aumentava de dia em dia. Todas as vistas se voltavam para a estrada por onde ele seguira e por onde tornaria vitorioso, com a revogação da lei, ou definitivamente derrotado.

A duvida mais cruciante alastrava nessas interrogações que se faziam á surdina: — Teria o chefe influencia e força bastante para aparar os golpes do adversario? — Até onde chegaria, na satisfação do seu odio, a guerra declarada pelo terrivel manda-chuva do Riachão aos fóros e interesses de Agua Fria?

A espectativa era desoladora.

Passinho andava, na capital, de Pilatos para Herodes. Antes de ir ao palacio do governo, procurou os amigos, a quem favorecera com cen-

tenas de votos, e que na Assembléa acabavam de votar a maldita resolução sem sequer o ouvirem.

Apresentou-se, queixoso, mas humilde. Nenhum dos deputados amigos tinha responsabilidade no ato. Em assembléa numerosa, diziam-lhe, um deputado é apenas uma fração da soberania. Soberana era a assembléa em sua totalidade. Explicaram-lhe, com essas e outras razões transcendentales, o fato de serem conscientes mas irresponsaveis. O mais era com o chefe do executivo, que sancionara, como lhe competia, e mandara executar a lei.

Passinho ia de grupo em grupo, nos corredores e na secretaria da Assembléa, alegando serviços, dedicação, lealdade.

— Que fazer agora? respondiam-lhe; o governo recebeu e enviou-nos representações dos povos interessados. Tinhamos que atender.

E quem mais interessado do que ele, o chefe local, e a população de Agua Fria? Nenhuma consulta, entretanto, receberam. Tudo se fizera á sua revelia.

Desandou para palacio. Não pôde falar ao presidente. Responderam-lhe os empregados,

laconicamente: "A assembléa soberana legislou. O governo executou".

Era o mesmo que pretender apanhar á mão moreias no rio. Todos lhe escorregavam por entre os dedos. A culpa não cabia a ninguem. Juca Passinho aproveitou então, como a maior de espadas, ao que supunha, a representação do povo de Agua Fria, peça de efeito escrita pelo vigario. Foi levá-la ao presidente. Disseram-lhe em palacio que a levasse á mesa da Assembléa. Procurou de novo os amigos por ele presenteados com os votos dos seus eleitores. Desta vez aplaudiram-lhe a lembrança. Que sim, senhor; era o caminho direito. Mas...

— Falta alguma coisa?

E o deputado que folheava a papelada:

— E' que a representação vem dirigida ao chefe do governo. O amigo deve levá-la á secretaria em palacio.

Voltou Passinho para palacio. Esperou mais uma semana, até que o papel tornasse de lá para cá. Emfim chegou. Na camara lhe indicaram os canais por onde o mesmo tinha que transitar. — A representação iria á mesa para ser lida e enviada á comissão competente. Outro

deputado, também amigo, assegurou que faria tudo marchar depressa. — Ah! é favor, muito obrigado. Apertos de mão.

Vinte dias já eram passados sem que o coronel Juca ouvisse dos seus numerosos amigos políticos da capital uma palavra positiva e decisiva sobre o caso. Deu ainda mil voltas. Visitou os membros da comissão, cada um de per si, em suas residencias. Todos o trataram com atenção e maneiras elegantes, mas sobre o objeto da visita muito laconicos. Apenas um deles, politico ainda mal domesticado, não querendo que o coronel Passos o julgasse capaz de responsabilidade, falou-lhe nas prevenções do governo com certos chefes locais que faziam escrupulo em esmagar literalmente os adversarios.

— Então sou suspeito ao governo? . . .

— O governo, em materia de eleições, aprecia a maioria, mas prefere a unanimidade. . . E' o que supponho. . . Não digo com certeza. . .

E Passinho a protestar:

— Mas perseguir, processar, botar os homens p'ra fóra de sua terra! . . . E quando nós cairmos? . . . Não está direito. Por ser sertanejo não deixo de ser um homem. . .

— Faça que não sabe de nada, meu amigo. E creia na sua vitoria. Conte comigo...

Ao chegar á hospedaria, Passinho encontrou carta da mulher. O povo da vila impacientava-se com a demora da solução. Alguns de lá insinuavam que ele, sem coragem de regressar, tratava de vender as terras, o gado e tudo mais que possuia em Agua Fria. E curioso era que emquanto isso espalhavam os amigos, os adversarios começavam a manifestar-lhe simpatia.

Então Passinho, aborrecido com a jiga-joga dos politicos, quasi desenganado, crendo-se lançado ás urtigas pelo governo, tomou o trem e correu a paliar a desesperança do seu povo.

XIII

Era tudo incerteza em Agua Fria quando se annunciou a chegada do chefe. Muita gente acudiu a recebê-lo na estrada. Poucos, porém, o acompanharam até a vivenda. E' que o chefe, conforme observaram, vinha de crista caída. Estavam inteirados. — Com a força do governo todos eram fortes...

Não houve desta vez orador que o saudasse. A fanfarra dos seus belos dias de triunfo emudecera. Juca Passinho estava discreto como o doente que tem medo de alarmar a familia. Uma ou outra palavra... muita reticencia... a mimica inexpressiva de quem não encontra o que dizer. Chegado á porta da casa.

— Vamos aguardar a resposta do governo á representação do povo, disse, agradecendo a recepção.

E sem mais, despediu-se, e varou pelo corredor a dentro.

Tambem ele, como o povo, estava farto de promessas e decepções.

O seu orgulho de chefe gemia ao peso das humilhações. Seus rugidos, suas ameaças, trovejadas no lar, davam a Romana, com o espetaculo da impotencia, a sensação da derrocada.

Juca Passinho retraía-se, evitava o publico, isolava-se. Quasi ninguem mais o visitava. Amigos particulares, dos melhores, fugiam dele por misericordia, para poupar-lhe o vexame de confessar o seu desprestigio. Outros, indignados, pois iam perder tudo o que a politica lhes dera, zurziam duramente o pêlo do "unico responsavel".

Vingavam-se humanamente apedrejando o sol no ocaso. Os menos crueis, ouvindo os lamentos do povo, já inculcavam, como medida salvadora, a retirada do coronel para outra comarca.

Entretanto ainda não começara a tortura do condenado. Senhor de um burgo mutilado, o que já era irrisorio, tinha que assistir aos atos de degradação, consequencia do desmembramento.

E não esperou muito. O juiz teve para com ele a atenção de ir participar-lhe a transferencia

da séde do termo judicial, provisoriamente, para uma das freguesias limitrofes. E despediu-se em termos tão inesperadamente afetuosos, que chegavam a parecer compassivos. O juiz, que se valera tantas vezes da sua influencia junto ao governo, quitava-se pontualmente fazendo-lhe uma visita de pesames. A' intelligencia de Juca, apurada nesse transe como o ouvido dos tísicos, não escapou o sentido oculto de nenhuma das atenções e cortesias a ele dispensadas.

Para a nova séde do termo passaram-se, atrás do juiz, os serventuarios da justiça e varias familias.

Começou o exodo. Esperava-se a mudança da escola publica, uma vez que lhe escasseava a frequencia. Em sua queda o agonizado chefe arrastava a fama secular e a prosperidade da princesa do taboleiro. E já uma ronda de urubús pairava sobre a terra de São João; todos os logarejos dos arredores procuravam subir a custa de sua decadencia.

Foi-lhe arrebatada afinal a escola. O fôro estava paralizado. Os funcionarios municipais desempregados foram ganhar a vida a outra parte. As freguesias beneficiarias da partilha

das terras atraíam os lavradores de fumo, os roceiros, os pequenos criadores. O negocio dos vendeiros ia definhando por diminuição de bocas. Fecharam-se algumas vendas e bibocas. A coletoria provincial, acompanhando a baixa da renda, desceu de categoria e teve outro exator, pessoa estranha ao circulo das utilidades do chefe. Isso, aliás, já lhe era indiferente, pois o collegio eleitoral havia perdido mais de um terço do eleitorado com que preponderava nos comicios.

A sala da vivenda abria-se agora para as ultimas homenagens ao chefe, as despedidas que iam levar-lhe os amigos sem mais função na vila. Era um lenitivo para o rei deposto; lembrava-lhe que alguma coisa sobrevivia da extinta majestade. Tais esmolas de consideração já comoviam o ingenuo sertanejo, quando lhe vieram dizer que o professor publico e o coletor, seus familiares, haviam partido. Partiram sem lhe mandar sequer um recado. Compreendeu então a que ponto a desmoralização o tinha gangrenado. Só restava expulsarem-no coberto de maldições. — Se não tivesse ali os seus bens, disse nesse dia a Romana, ele é quem sairia adeante de todos, e por uma vez.

Abandonado e em tanta amargura, estremeceu ao anuncio de que uma pessoa o procurava. Não era pessoa da terra; era o seu velho agente de compras, chegado de Serrinha. Totonio não pôde calar o seu pasmo, vendo como o patrão e a esposa estavam perdendo o corpo. Introduzido, Juca fechou-se com ele na sala e esvasiou o coração. Totonio já se achava ao corrente dos fatos. O acontecimento havia transposto a serra e percorria o sertão. Todos os coroneis, chefes de todas as vilas e cidades sertanejas, tremeram ante a hipótese de cair-lhes em casa um raio como esse... As barbas se punham de mólho. As dedicações ao governo iam redobrar.

Totonio ainda falava:

— Eu bem avisei, senhor Juca. Está lembrado?... Eu chorei no ventre de minha mãe. Emquanto o senhor andava com lisura e punha as cartas na mesa, a onça do Riachão saía do covil com escuro e ficava a espreita... Agora esteve lá na vila se gloriando, andou na feira com os chefes de Raso e Coité. Riram-se muito e até saíram-se com a indireta: “Água Fria não escalda pirão.”

— Eu, Totonio, já podia ter decidido esta

contenda, quando ele veio aqui bater em minha porta. Mas Romana não me deixou, Romana me tomou a frente... Ah! João dos Passos, avô de meu pai... Como ele e os filhos, não tenho a vida p'ra negocio. Mas juro que um exemplo ha de ficar neste mundo de sertão. A injustiça do governo é um desafio. Pois eu respondo ao desafio... E venham as armas do governo contra mais um bandido.

— Pois é, meu coronel... Quem seu inimigo poupa nas mãos lhe morre...

Emquanto a conversa se fazia discretamente na sala trancada, Romana ia e vinha, inquieta, no corredor. Horrivel suspeita lhe torturava o espirito. — Aquela conversa em segredo... aquele cigano vindo de tão longe... áquela hora, quasi noite... E escutava pelas frestas. Impacientava-se. Tinha ganas de bater.

Tornava a escutar. Nada... Falavam lá dentro sempre baixo. Não pôde resistir; bateu.

Vieram abrir.

— Juca, disse Romana, represando a voz, — estou estranhando este misterio...

— Não é nada que lhe tire o sossêgo.

— Sem sossêgo já vivemos. Perca-se tudo.

Mas não se esqueça de uma coisa: o nosso inimigo tem um coração duro, é vingativo, não perdoa; mas olhe, é meu pai. . .

E sem esperar resposta, Romana afastou-se.

XIV

Desde essa noite não se falou mais no chefe de Riachão. O povo, por igual, hviaia abstraído do individuo. O seu duende era uma especie de hidra de cinco cabeças: o chefe do Governo, a Assembléa, o Funcionalismo, o Partido e a Policia. Reduzida a metade dos fogos, a vila tinha menos bocas para protestar. Continuava, todavia, a queixa, entremeada de invetivas aos poderosos e demonstrações de animosidade contra as populações beneficiadas com a mutilação da terra e a expoliação dos seus direitos e regalias.

Foi por isso, talvez, que em substituição ao delegado de policia, apareceu na vila um alferes com o titulo de suplente, homem intratavel e de todo estranho á localidade.

Juca estava prevenido para os grandes golpes que ainda tinha de sofrer, com o seu povo.

Conservava-se mudo e recolhido, aguardando a sentença final.

Um dia por outro a passagem do comboio era para ele e a mulher uma expectativa de fulminação. Com a porta cerrada e os ouvidos á escuta, esperavam ambos durante uma hora, desde que atroava no deserto o silvo alarmante da locomotiva com rumo ao sertão.

Esse suplicio teve fim. Foi no dia em que um emissario de Juca, chegando da estação com a folha oficial, leu e divulgou no largo da Igreja a nova resolução legislativa, — a sentença de morte. Por esse ato ficava extinta a vila de Agua Fria e elevado a essa categoria o distrito da Purificação, para onde fôra transferido o termo.

Se bem que já muito flagelado e batido, o povo não pôde conter um grito de assombro, de indignação e de dor nesse momento paroxistico de suas desgraças. Atonita, a massa popular afluiu instintivamente para a vivenda do chefe. Brados e clamores rompiam no largo como se fossem todos surpreendidos por um bando de assaltantes, saídos das catingas proximas.

Juca Passinho veio á janela com a esposa.

A intrepida fisionomia de Romana contrastava a calma de sua consciencia de bom cidadão. Tinha cumprido o seu dever. De que crime poderiam acaso culpá-lo? Mas o povo não vinha contra ele. Não havia mais ali acusados nem acusadores. O povo apelava ainda para o seu poderoso chefe de outrora.

— Já fiz o possível, meus amigos. Se tudo o que Agua Fria está sofrendo é por minha causa, estou pronto a abandonar a terra hoje mesmo...

O alarido crescia.

— Que posso mais fazer? Voltar ao palacio do governo... desse governo...

— Sim! Sim!... gritaram do meio da turba.

Neste ponto interveio a esposa do chefe. A altiva Romana, antecipando-se ao marido, avançou o busto e fez com a cabeça alta um autoritario gesto negativo.

— Não! Não!... bradou Passinho, dando voz ao gesto da mulher. Rebaixar-me ainda mais!... Dar este gosto aos nossos inimigos... e sem resultado!... Não! Não é possível... Deixarei Agua Fria, irei em busca de outra terra, onde a vontade do povo seja respeitada...

Ditas essas palavras, cruzou os braços, aguardando o voto da multidão.

Nisto acudiu o padre Miguelinho, chamando todos para irem levantar preces ao padroeiro.

Romana ficava, ainda exaltada, protestando da janela para a rua — que o mau governo havia de cair, que ela em pessoa iria cabalar contra aqueles homens injustos, inimigos do povo.

A igreja encheu-se. Homens e mulheres, penitenciando-se, ouviram a pratica do seu confessor e com ele rogaram treguas em meio de tantos e imerecidos castigos.

Depois disso começaram a dispersar-se. A esse tempo já á porta da igreja se havia postado o alferes de policia com os soldados do destacamento. Todos compreenderam. O povo devia morrer calado como o carneiro. O governo impunha silencio, sob pena de cortar a lingua aos imprudentes.

O protesto expirou em todas as bocas.

.....

Despojada dos seus fóros, a terra do brioso descendente de Manoel dos Passos, degradada a distrito de paz de Purificação dos Campos, foi

caindo na tristeza e no marasmo das terras devastadas por pestes, fomes ou guerras.

Restava desse naufragio a freguesia com o seu templo, a sua fabrica e a missa dominical, ouvida já por poucos paroquianos. O vigario, porém, havia celebrado o casamento de Romana...

Passados apenas onze mêses, o proprio sacerdote, em um domingo, acabada a missa, annunciou para os fiéis a sua ultima pratica. E' que a séde da freguesia, em virtude de outra resolução do governo, tinha sido mudada para a capela de Ouriçangas.

Sucumbido em meio de tantas desgraças, o vigario fez a sua pratica. Estava muito alquebrado, confessou, ao terminar. — Nada mais tinha que fazer, nem ali, nem neste mundo. Ia esperar a morte. Pedia ao povo que, resignado, continuasse a venerar o seu padroeiro.

Despedindo-se passeou a vista pela nave do velho templo de trezentos anos. Parou junto á grande pia de marmore, onde mergulhara gerações de fedelhos. Transpondo a porta central, contemplou a cantaria da fachada, as torres inacabadas, a vidraçaria das janelas, onde pa-

peavam andorinhas. Deu alguns passos; mas volveu-se ainda, e enviando um ultimo olhar ás paredes do templo, pôde apenas dizer:

— Não permitais, Senhor, que o braço dos demolidores se levante tambem contra as pedras de vossa casa! . . .

Quasi ao mesmo tempo um brado de vingança e morte, rompendo das catingas, repercutia pelas serras do sertão de baixo. Bandos armados invadiam vilas e povoados da região, travando combates com os destacamentos policiaes. As populações, sem tranquillidade, clamavam por garantias. As autoridades locais, impotentes para defendê-las, pediam mais forças ao governo. — Bandidos! rugiam os porta-vozes do governo.

Corria sangue nos taboleiros do Nordeste.

XV

O viajante que pela estrada de ferro de léste demandasse o sertão e o rio São Francisco, ao penetrar na região dos taboleiros, tinha que fazer breve parada num sitio ermo, além do apeadouro de Irará, precisamente á hora em que o sol tramonta na serra.

Dali, alongando a vista pela planicie, á direita, sua impressão do deserto acentuava-se com a melancolia da paisagem.

Lá, bem ao fundo, entre ruinas afogadas no mato, só um templo, alto, branquejante, um fantasma crepuscular, parecia resistir ao abandono, esperando a volta dos fiéis.

Se quisesse interrogar de perto aquela solidão, veria o forasteiro, aqui e ali, os destroços de uma colmêa laboriosa: restos de muros deruidos onde cabeceavam negros e coscorentos lagartos, pedras cobertas de liquen, vestigios de

alicerces de alguma antiga vivenda, fragmentos de telhas, montões de adôbes queimados e quasi petrificados, a lembrar lanços de paredes abatidas...

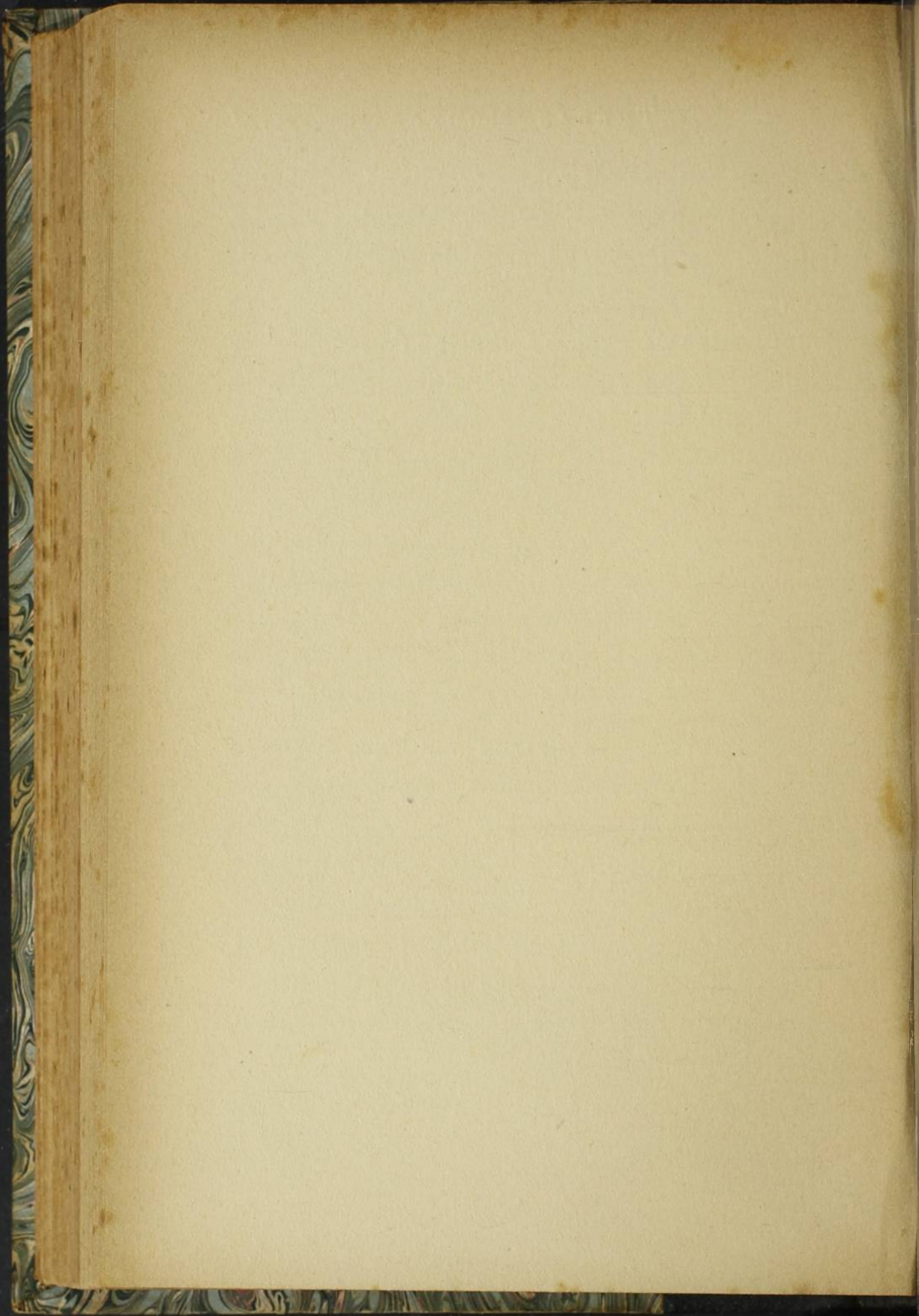
Lavradas de cupim, as portas da igreja desprendiam-se dos engonços, deixando sair pela soleira o pó da destruição. Pelos vãos das janelas arremessavam-se morcegos. Do beiral do telhado concavo pendiam ervas daninhas.

Em redor o mesmo angustiante espetáculo. Bronzeos mandacarús, secando em pé, ainda traçavam rumos de cercas e malhadas. Uma arvore de pomar, solitaria, apodrecida, mal recordava os braços ativos que lhe colheram os frutos.

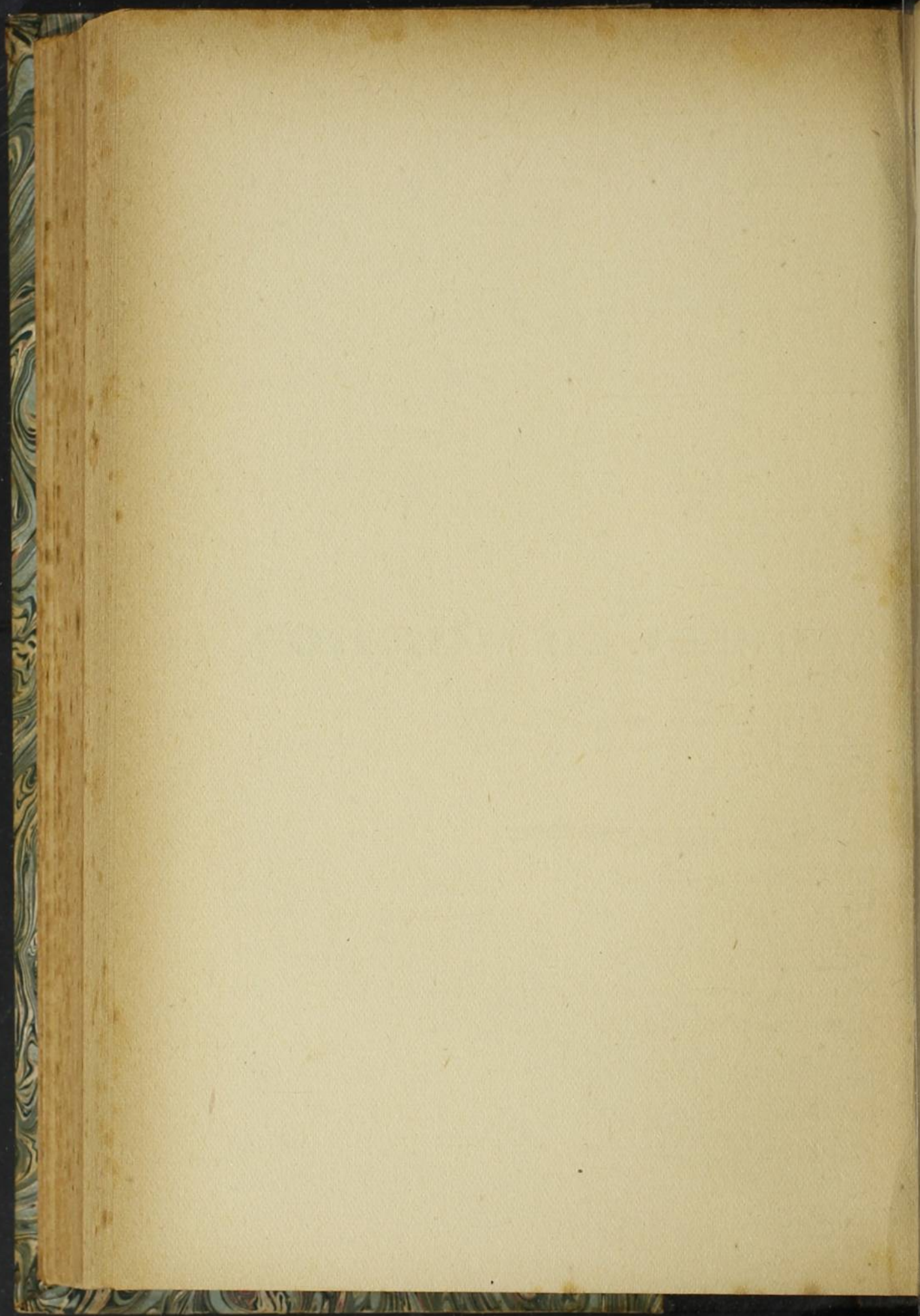
Por toda a parte atalhos sombrios, soturnos caminhos outrora rechinantes de rodagem, verdedas que foram transito de boiadas e de alegres tropeiros, tudo atufado sob a flora mesquinha, rispida e semimorta dos carrascais.

E o viajante, contemplativo, pensaria: "É uma tapéra, como tantas que se encontram nessas matas, de onde foge assombrado o matuto supersticioso..."

Era a vila morta de São João Batista de Agua Fria.



A SOMBRA DO MALFEITOR



I

João Grande foi o espectro mais familiar daquela pobre terriola, esquecida no profundo sertão.

Agrupados em uma extensão fantástica de terra quasi toda despovoada, os habitantes desse degredo encerravam-se com a herança mística de uns missionarios imemoriais que lhes deixaram por lembrança uma igrejinha e um cemiterio.

A semente espalhada pelos religiosos caíra em terreno fértil. Formou-se no arraial de São Francisco um povo crente e resignado, em cujo espirito, sob a perpetua sugestão do deserto alucinador, a fé e a devoção facilmente degeneravam em transe de fanatismo.

Homens e mulheres viviam em heroica pobreza, creando caprinos, extraindo e preparando as fibras de caruá, e de outras bromelias, condu-

zindo *tropas* e fazendo roças. Fiavam para tecer tipoias que levavam á feira, dali a quinze leguas. Caçavam teiús, nambús e giboias para comer. Bebiam agua do céu, quando o céu a concedia. A vida, entretanto, por amarga ou dolorosa, ninguem a maldizia. Vivia-se com simplicidade santa, com desapêgo franciscano, louvando o Senhor pelo bem e pelo mal distribuido ás suas creaturas.

Mas nesse eremiterio havia um anjo rebelde. Homem desabusado e opressor, João Grande se tornara o inimigo das almas simples, tentando corrompê-las e destruir a obra edificada com tanta paciencia pelos servos de Deus.. Senhor das terras, servido por fiéis capangas, armado de todos os poderes, ele ainda se impunha pela pletora fisica, o gesto incisivo e a violencia das paixões. Seu punho tiranico pesava desabridamente sobre quinhentas almas mortas. Solitario e solteirão, habitava num sitio distante do povoado. Nada, porém, ignorava do que aí ocorria. Estendia por toda a redondeza os seus tentaculos e, quando preciso, voava como um dragão e lançava a garra em golpe certo.

Esse regimen, fundado em antigos costumes dos senhores de latifundios, florescia na re-

gião como um arremêdo de feudalismo. Entre o castelão alcandorado em sua soberba e a misera gente chumbada á gleba não havia mediador, nenhuma intercessão. Os bons frades barbadiños de outrora, que disciplinaram a ralé instintiva, não tiveram ascendente sobre os potentados. João Grande, como os que o precederam no dominio da terra, olhava do alto e via naquela caterva mansa uma simples manada sujeita ao seu cajado. Já fazia muito não roubando os bens materiais dos rendeiros e agregados, aliás pobrezinhos. Não era, no sentido vulgar, um ladrão. Se bem que no ano terrivel da sêca e da fome, que dizimou os casais em cento e vinte pessoas, ele houvesse enriquecido mais, vendendo o xarque e a farinha que o governo lhe consignara para socorrer os famintos.

A maior, porém, das maldades que lhe imputavam, a torpeza, o vicio, o "pecado mortal" que o transformara em bête-fera, foi o pecado da carne. Essa incontinencia de vaso de luxuria, que em qualquer cidade civilizada faria de João Grande um João Maximo, naquele *agreste* adjudicado á barbarie tornou-se o suplicio da honra e do pudor das mulheres. — Suplicio! . . . Fossem lá dizer-lhe que as infelicitava, quando,

ao contrario, tantas vezes voltava descontente por haver baixado até elas. Tampouco se considerava um devasso, como qualquer frequentador de alcouces. Libidinoso; não libertino. Obedecia á lei de sua natureza, e fisiologicamente sincero, procedia sempre com seriedade animal, sem perversões nem cinismo.

Mais temido que um salteador de estrada, quem ousaria embargar-lhe a posse de mulher solteira ou casada em quem pusesse os olhos cúpidos? Exigia de todas esse tributo, e não lho so-negassem, porque seria desacato imperdoavel á sua autoridade. Nos casos de relutancia ou burla punia com rigor e sem remorsos, perseguia, martirizava, matava.

Pai de numerosa prole anonima, desconhecia voluntariamente os filhos, e sendo por eles ignorado, dava motivo a que já o suspeitassem de horriveis incestos.

Os modos graves como se apoderava das raparigas virgens e as incitava ao sacrificio tinha alguma coisa de ritual sagrado, que lembrava o culto fálico. Em tais circumstancias valia-se do espirito religioso do povo, que aprendera com os seus catequistas a desprezar a carne, a machucar as vaidades corporais, só se desvelando na

salvação da alma. Quem o não conhecesse, nú e crú, na verdade do seu natural, diria que ele desempenhava bem o papel de Satanaz ermitão.

O grão-senhor raras vezes mostrava no povoado, á luz do dia, o seu perfil adunco de rapineiro, largo de corpo e encontros, rosto vultoso, com hipnotica fixidez nos olhos raiados de sangue e a cabeça grossa, grisalha nas fontes, enterrada no chapéu, que não se movia em saudação a quem quer que fosse. Nunca por ali passou senão montado, metido em botas que o enguliam até os joelhos, e empunhando um chicote que trazia ostensivamente como insignia do seu soberano poder.

As incursões noturnas, pesadêlo das humildes familias, essas eram frequentes. Noites de assombro, aquelas em que o exator implacavel decidia-se a cobrar o imposto devido á sua salacidade, e saindo, a horas mortas, do retiro, penetrava no arraial e o sobressaltava com o tropel do seu cavallo. Eram então rumores de gente aflita nos sitios escusos, sustos, ais, constrangimentos, e conforme o recebiam, eram truculencias, estalar de portas forçadas, gritos abafados, ameaças de morte, cenas rapidas que acabavam pelo silencio da rendição. Algumas vezes, no

fim desses assaltos, havia uma mulher espancada, um marido apunhalado, uma donzela raptada, cujo destino ficava envolto em misterio.

Não foram poucos os casos em que ele fez sequestrar o marido para prear a companheira. Na mais baixa escala da miseria capitulavam, os coitados, já fartos de sofrimento, na contingencia de arrancar á terra, com desespero, o pão amargo da vida, uns como tropeiros, viajando leguas, sob um sol candente, para vender peles de cabra e fibras, outros, vagabundos do deserto, na solidão intermina dos taboleiros. Essas ausencias dos "chapéus-de-couro" ainda mais estimulavam as audacias licenciosas de João Grande.

Por muitos dias, depois de cada aventura, murmuravam-se queixas, lastimavam-se as victimas desse depravado cativo. João Grande estava longe, indiferente aos vãos e medrosos murmurios. — Não lhes tirava nada do necessario para viverem em paz. Como preço dessa paz que lhes concedia não era senão muito razoavel...

O povo da soturna tebaida, sem recurso e sem defesa, resignava-se finalmente a mais esse flagelo periodico. E só do céu esperava remedio.

Na imaginação popular a morada do solitario seria a caverna de um ogro insaciavel, com sumidouro para as infelizes que lhe resistissem. Ao Casanova rustico, sem a elegancia siquer da sedução, acrescia um Barba Azul feroz, como o da lenda. Como quer, porém, que lhe qualificassem os atos, ele sentia-se sempre bem, porque tinha apenas consciencia da necessidade de tais atos. — Se era tirano, disso não tinha culpa: sofria tambem a tirania de sua carne.

Certa vez, por exceção, achou-se entre os párias do arraial, com ares de sisuda complacencia que lhe não disfarçavam o asco, empertigando-se á passagem daquelas figuras barbarescas, mal cobertas de pano grosseiro e couro. Homens cujos rostos abaçanados contrastavam com o azul claro dos olhos; outros brancos, com placas de fogo e reflexos de sol no cabelo alourado. Rostos pardos, de feição cabocla, parecendo amassados em poeira e suor; estes eriçados de barba dura e rasa, aqueles patinados como esculturas de bronze antigo. Gente que figuraria bem num quadro onde se representasse o sequito do Cristo quando andou no mundo consolando os desgraçados.

Iam justamente em busca desse conforto, na

velha igrejinha, ao apelo do missionario que desde a vespera ahi celebrava os atos da "santa missão".

Para ali tambem se dirigira o grande peccador.

Sua presença não escapou ao capuchinho. Era este um frade vociferador e terrorista. Brando contra os vicios, a impiedade, os pecados mortais, foi particularmente inexoravel com — "essas vis creaturas entregues á bestialidade do instinto sem freio, que as converte em monstros". E terminando, num gesto profundo que escancarava o abismo, o pregador, rubro de colera sagrada, empurrou os monstros para o inferno.

De olhos baixos, submissos, mas atentos, olhos costumados a espreitar as maldades da vida, os sertanejos observaram a impassibilidade do peccador e seguiram apreensivos pela sorte do frade.

Quando dias depois, encerrada a missão, o missionario ia retirar-se do povoado, João Grande mandou apanhar e levar-lhe de presente uma das bēstas mais fortes e andadeiras dos seus pastos.

II

Descera o homem, alto dia, a revistar o ter-
reio das suas polardas, e entrou sorrateiro pelo
mais ermo dos arruamentos. Contendo a mar-
cha do cavalo, ia, como de costume, correndo a
vista pelas casas, de um e outro lado. Emquanto
recebia, daqui e dali, as reverencias devidas á
sua nobre senhoria, perscrutava dissimuladamen-
te o interior das toscas habitações.

Em uma destas lhe estava reservado o qua-
dro da felicidade que ele não conhecera em sua
vida de prazeres roubados: o idilio de um cabrei-
ro, moço, forte, barbaramente ingenuo, extatico
ante a jovem trigueirinha que o enleava com o
sortilegio do olhar e da voz cantante. E esta
cena invejavel se passava sob as vistas de outra
mulher, tranquilamente sentada, a fiar caruá, no
fundo do aposento. Era a fiandeira Gervasia e
sua filha.

O cabreiro impressionou-se com o flagrante

oferecido ao homem odiado, a quem os seus companheiros, por chufa e á boca pequena, chamavam "o bode cego".

João Grande, fascinado pela graça cabocla com que a rapariga fustigava tão naturalmente o varão, prosseguiu com aquela imagem duplamente irritante a lhe queimar as entranhas em fogo de desejo e ciume.

Na mesma noite a sua guarda recebeu ordens e partiu a cumprir uma diligencia no arraial. E durante longos dias a noiva do cabreiro debalde o esperou, encostada ao portal da casa ou vagando pelo campo onde as cabras pastavam e berravam, abandonadas do pastor.

Muita gente conjeturava a tragedia implicita nesse desaparecimento. Uma semana decorreu, e a desconfiança, lavrando surdamente, converteu-se em certeza. Certeza consternadora, porque o jovem cabreiro era dos mais estimados habitantes do logarejo.

Agora todas as atenções se voltavam para a triste rapariga que o amava. Mais uma que seria breve sacrificada á lascivia do monstro.

Tropeiros e outros moços passaram a falar do caso em segredo, afim de não amedrontar as mulheres. — Que faziam esses enjeitados da

sorte reunidos em tão grande numero, longe do povoado e dos caminhos, em lugar de onde a terra mais arida os repelia? Andavam de cabeça inchada. Tinham no peito, a estalar, uma fogueira, cujo fumo lhes toldava a consciencia. Surgia em cada um deles, do subterraneo de sua humanidade, uma alma eriçada de instintos violentos.

Resultado de tudo isso: houve no povoado de São Francisco uma excepcional, uma incrível conjura para assaltar o esconderijo da bête-fera.

E uma noite tenebrosa, sob a iminencia da tempestade que vinha libertar da fome os sertanejos, nessa noite, ao rasgar dos relampagos lá nos confins do taboleiro, seguiam os conjurados em marcha rapida por espinhais e rodeios, loucos por aforquilhar a gorja da onça dentro de sua toca. Mudos e inexoraveis, agigantavam-se aos clarões do céu negro. Eram os raios vibrados pela tormenta contra o tirano. Ainda que a custa do sangue e da vida de alguns, essa noite, unica em sua humilde existencia, lhes pagaria vinte anos de servidão e deshonra. . .

* * *

A' mesma hora, já debaixo da vasta sombra a desfazer-se em agua, o arraial, inteiramente

fechado em trevas, repousava agradecido á providencia celeste.

Em sua casa, desde cedo trancada, a fiandeira e a filha dormiam resignadamente, quando lhes vieram bater aceleradamente á porta.

Foi a rapariga a primeira a despertar.

O coração saltou-lhe em forte rebate. Mal pôde acender a candeia, e em sobressalto, agasalhando-se á pressa, acudiu a suspender a tranca da porta.

O cavaleiro, tendo deixado o cavalo na borda do campo, vinha meio curvo dentro de uma capa escura toda molhada, com as botas encharcadas e o chapéu desabado pela chuva que o apanhara em viagem. — Queria um agasalho, rosnou. E ante o pasmo da rapariga foi entrando como senhor e jogando-se, derreado, com todo o peso do corpo, sobre um estrado que servia de canapé. Emquanto despia a capa e sacudia o chapéu, as duas creaturas, á sua discreção, achegavam-se a um canto, transidas de terror.

João Grande, como se nada percebesse, pôs-se a enxugar com a mão peluda as faces borrifas

das de agua. Depois, voltando-se, imperturbavel, disse com modos paternais:

— Ora sosseguem . . . Quando o mau tempo passar, e eu me retirar daqui, podem dizer que são felizes . . .

Entrou a falar do beneficio que aquella chuva prestava a todos. — Já não haveria sêca esse ano. De fome ninguem morreria. As aguadas, áquela hora, já estavam transbordando. Motivo para se alegrarem . . .

As mulheres continuavam acuadas, mudas e a tremer. E a chuva a bater na terra endurecida, embalando o sono do povoado com promessas de fartura.

João Grande já se mostrava aborrecido com a pantomima das duas *assombradas*. Ia pôr termo áquilo, mesmo porque se sentia deveras cansado e precisava repousar. — Chovendo assim não se podia botar a cabeça fóra tão cedo. Portanto . . .

Abriu a capa sobre uma tripeça. Tirou da cinta as suas armas e colocou-as na mesinha, ao pé do estrado. Em seguida estendeu as pernas e chamou a moça para lhe safar as botas.

— Veja só como estão! . . . Puxa com força, filha. Tem paciência . . .

Dirigiu-se á fiandeira, em tom suasorio:

— De onde saiu tanto medo, senhora? Vá deitar-se, vá, que já é tarde. Isso chove assim até de madrugada. Durma sem cuidado . . .

A rapariga ajoelhada, tiritante e com esforço, descalçou-o, e já se levantava para acompanhar a mãe, quando o hospede, fazendo com os braços e a cabeça um gesto violento, reteve-a, soprou a chama da candeia e espojou-se brutalmente no estrado.

Lá fora a chuva redobrou fragorosa e os caprinos soltos, roçando-se nas paredes das casas, berravam freneticamente.

Velando sózinha em seu quarto, a desgraçada Gervasia desfazia-se num longo e soluçado choro que se diluia no rumorejar da agua sobre os palheiros e telhados.

* * *

Como fôra previsto, só pela madrugada acalmou o tempo.

A sombra ainda espessa foi pouco a pouco se esbatendo e abrindo em raias e manchas palidas a dentro das habitações fechadas.

O arraial ressonava, encolhido no banho de humidade da noite. Mal se ouviam na rua os passos de algum madrugador e os bocejos de outros ainda recolhidos na vizinhança.

Foi no torpor e na turvação dessa hora flu-tuante que do interior da casa de Gervasia par-tiu um grito estridente, grtio estupendo de hor-ror, como só o lançaria um louco, porque era a propria voz da loucura. E a essa explosão res-ponderam logo exclamações dolorosas, de al-guem que acaso vira uma desgraça consumada.

Instantaneamente alastra-se o rumor em to-do o arruado e ouvem-se ruidos de passos apres-sados e carreiras. Acodem da vizinhança mulhe-res tremulas, estremunhadas, a grenha em pé, ainda cobrindo o corpo, e a interrogar-se com es-panto, em vozes trepidantes. Aparecem, lar-gando á tóa chapéus de couro e alpercatas, ho-mens que já se aprestavam para a labuta. Agitamdo-se todos no terreiro da casa da fian-deira. Esmurram a porta. Chamam, gritam por Gervasia. Gritam pela filha de Gervasia.

Escancara-se, emfim, a porta. Os vizinhos invadem a sala, em borborão, juntam-se á fian-deira que vem tapando os olhos com os dedos hirtos, e no crepusculo do aposento, ante o qua-

dro cuja realidade os confunde, quedam estupefatos.

João Grande, ao comprido, sobre a esteira que revestia o estrado, estava imóvel, com o peito hirsuto á mostra, o bojudo ventre descomposto, as faces turgidas horrendamente enegrecidas. Dos labios lhe descia uma babugem de goso interrompido. Os olhos fitos e as narinas dilatadas no ultimo esforço para sorver o ar da vida.

— João Grande fulminado! . . . João Grande morto! . . .

Mas seria verdade? Estaria devéras morto? . . . Ainda duvidavam, e hesitantes, homens e mulheres avançavam até o estrado, recuavam, entreolhavam-se.

Crescia a multidão, desorientada, sem saber onde pôr o sentido, se na enormidade daquela massa inerte, quasi sordida, se na insuperavel aflicção da fiandeira, se na mudez e no olhar esgazeado da filha, impassivel no seu desalinho como a figura da demencia.

Grupos e mais grupos acorriam. Já não era multidão. Era o povo, toda a população do arraial, fervilhando na rua, em frente á casa, que-

rendo certificar-se do fato, querendo ver abatido, impotente, nulo, aquele que fôra longos anos o flagelo de tantas almas e de tantos corpos.

E' nesse passo que um novo troço de homens, de ar torvo e surpreso, invade a sala, e o primeiro a entrar exclama, como se fôra burlado:

— Ah! adivinhou! . . .

Vista, contemplada, admirada aquela coisa asquerosa, descomunal e incrível, vinha chegando a todos o cansaço e a repugnancia, ao mesmo tempo que se lhes impunha a inevitavel, a enojosa tarefa de remover a mortualha.

Nesse interim, dentre os ultimos homens chegados que ali se desafogavam, falando já com certa ousadia, outro se destacou sugerindo o destino que devaim dar áqueles despojos. Era uma idéa negra e horripilante. Seria, na intenção do tropeiro, a justa represalia dos oprimidos e dos ultrajados . . .

Mas esse povo inculto, creado no amor e no temor de Deus, recebia ordens divinas. O povo estremeceu e protestou:

— Misericordia! . . . Não! . . .

Que isso bradava ao céu. Não viam ali

mesmo o castigo? E não já estavam todos livres?... Não!

O homem rancoroso emudeceu. E ninguém ousou.

Seriam na verdade mais capazes de prostrar dez vivos do que profanar um morto.

A carniça foi respeitada. Lançaram-lhe em cima a capa ainda humedecida. Adicionaram-lhe a bagagem: as armas, o chapéu, as roupas e as botas. — Boa viagem... Deus te perdôe!...

Caiu sobre todas as miserias e abjeções daquela noite de horror um silencio misericordioso. E mais tarde, com um dia suave de céu azul e campos tapizados de verde, lá foi João Grande enrolado em esteiras, rezado e levado nos hombros de suas vítimas, a apodrecer em paz na terra fresca do cemiterio.

III

A mulher que escapou dos braços de um cadaver trazia no ventre o germen da vida. Esse germen vingou, a despeito de tudo quanto o agourentava, e tempos depois era uma franzina creança, levada á pia, intencionalmente com o nome de Piedade.

— Senhor! tende compaixão de tantas infelizes! . . . exclamava um dia a pobre Gervasia, com a menina pela mão, vendo expirar a sua filha demente, a mãe da mal-nascida Piedade.

Emquanto a neta da faindeira crescia, ainda alheia aos casos tragicos que funestaram a sua vinda ao mundo, o povo do melancolico arraial, livre da opressão de tantos anos, sentia-se, todavia, sujeito, ainda preso por laços misteriosos ao poder malefico do opressor.

As mulheres, particularmente, afanadas na labutação de casa, ajudando os seus companhei-

ros a suportar a pobreza, quando menos esperavam tinham o espanto nos olhos e o corpo arrepiado pela subita presença de João Grande.

Repetiam-se os encontros, e de cada caso se faziam narrações impressionantes, ouvidas sob apreensões pelas vizinhas e por estas recontadas, de porta em porta, a todo o povoado. E todos a uma voz: — Alma ruim é que faz visagem.

Um dia foi a lavadeira que vinha da aguada, ao escurecer, e na encruzilhada viu surgir e num apice desaparecer — Deus me perdõe — a figura satânica do obsessor, reconhecível, até por causa das botas que lhe subiam ácima dos joelhos.

De outra feita, a mulher do tropeiro abaixada no cercado, ás avemarias, a mungir a cabra para aleitar o filhinho, ao levantar a cabeça deu com os olhos em um homem que estava parado a vê-la tirar leite; esse homem trazia o chapéu desabado sobre a testa, uma capa ruça ao hombro e por sinal também umas botas. Tal e qual...

Uma noite, a filha de outra cabocla, teceira de tipoias, encaminhando-se para a casa de umas camaradas onde havia serão, afim de

ouvir contar historias, retrocedeu correndo e tão apavorada que deixou cair e quebrar-se um aribé cheio de coquinhos de ariri. E' que vira o intrujão encostado á janela das vizinhas, a espiar as raparigas que palestravam lá dentro.

O cavaleiro espantalho, saudoso da crapula, atormentado pelo desejo póstumo da carne, continuava a farejar e a requestar as moças como no tempo em que as arrebatava na garupa do seu cavalo sinistro. — Até depois de morto pecava... Bem ele quis na hora da morte levar a outra comsigo... Deus te perdôe!...

Uma particularidade o tornava exquisito aos olhos das mulheres: nenhuma conseguia vê-lo de lado e reconhecer-lhe o volume. Viam-no apenas de frente ou de costas. Era um homem chatô, de duas dimensões, como uma barata esmagada, de que fica no chão a casca inteira em todos os seus contornos.

Desmontado, álalo e inerme, ele não se traía menos pela estatura e a largura dos hombros, pelo geito de estar, meio agachado, atolado nas botas, como se levasse ao costado algumas arrobas de chumbo. — Seria o peso dos pecados?... Esta era a crença geral.

Por muito tempo ainda a possibilidade de se mau encontro inquietou a gente de São Francisco. Os que o não temaim e nunca o vislumbraram, esses mesmos o esconjuravam. O moitibó na estrada, á boca da noite, o corujão no telhado da igreja, o tatú-peba no cemiterio tornaram-se entes quasi inocuos ante o vulto do cavaleiro tétrico. Era um tormento novo. O grande pecador enganava a morte, como dantes iludia e forçava as raparigas.

Então fizeram todas um acordo tacito para o despacharem ás boas, sem esconjuros afrontosos e irrtiantes, com orações fervorosas e rosarios piedosamente rezados, como se sufragassem o mais querido e chorado dos seus defuntos.

* * *

Foi um dia de imenso alivio, aquele em que as vitimas do implacavel ex-homem deram fé de sua longa ausencia. Havia mais de ano e meio que os arruados e as travessas, o campo e as encruzilhadas, os cercados e fundos de casas se conservavam desimpedidos do importuno transeunte. Isso valia por uma prescrição de todos os direitos.

Prolongando-se a folga, toda a gente se foi persuadindo de que ele, afinal, desenganado da

estima d'este mundo por quantos, aqui, e de qualquer forma, tencionam eternizar-se, resolvera definitivamente emigrar.

Já então muitos dos antigos humilhados, em uma expansão de humor rarissima entre homens tão atribulados, taciturnos e de consciencia religiosa tão severa, começaram a tratá-lo com pouco respeito, pela alcunha de "o homem das botas".

O apelido vingou. As proprias raparigas, lembrando os casos passados, ouviam-nos com discreto ar de riso e olhares de esguêlha, como se lhes contassem o casamento de algum macrobio pactuado com bruxas. — Ora já se viu?... E gosavam a pretensa malicia do simulacro de homem, o galanteador-fantasma, o gaiato "homem das botas".

Foi essa a unica desforra dos párias. Daí por diante ninguem mais se temeu de João Grande, agora reduzido a João Ninguem.

Ornado com esse raboleva, o pantomineiro funebre, como se houvera encontrado o seu cavallo, fugiu a desfilada até á brumosa fronteira do esquecimento. O ridiculo matou o espectro.

IV

Sobre o arraial de São Francisco pesavam receios de nova sêca.

Tinham falhado as trovoadas no ano anterior e findara a estação sem que houvesse caído mais que uma pancada de agua, das chamadas chuvas de umbú.

Recomeçava a estiagem. Ia morrendo o verde nos campos. E emquanto os dias fulguravam em reverberações de fornalha, as noites, ironicamente frias, anunciavam a recrudescencia do incendio.

Os tropeiros que por ali faziam transtio já vinham cavando as raizes dos umbuzeiros para extrahir-lhes agua com que matar a sêde. Pelos taboleiros, entre o braseiro do horizonte e a cinza ardente do solo, encontravam-se retirantes famintos a alimentar-se com a polpa do chique-chique.

Por tudo isso grande era a ansiedade pela visita dos missionarios que vinham percorrendo os povoados da região e convocando o povo ás preces. A "santa missão" era o assunto de que falavam á noite as sonolentas vizinhas, já preparadas para as penitencias, para os casamentos e os batizados. As mulheres ninaram as creanças, deixaram-nas dormindo sobre as peles de cabra ou no fundo dos panacuns, e vieram pousar, sentadas ou de cócoras, na soleira das portas, a refrescar. Como a lua, quasi plena, vinha clareando, as casas conservavam-se ás escuras. O luar em São Francisco era um presente do céu que a pobre gente, agradecida, sabia aproveitar, como aproveitava e poupava o azeite da candeia.

A rua já estava a meio iluminada. Uma faixa de luz paralela a outra de sombra, desdobrava-se com projeções para o interior das casinhas de toda uma banda do arruado. — Lua sertaneja, lua dos pobres e dos viandantes, que bem lhes fazia ao corpo cansado e á alma apreensiva, mostrando-lhes na face impregnada de tanta doçura o reverso do atroz, do incendiario sol dos dias climatericos! . . .

— Stá que é um dia! . . . dizia uma vizinha, transfigurada, com a claridade no rosto, para a

da casa defronte, do lado da sombra, que falava menos do que cismava.

Ambas ficaram a contemplar o tempo e o céu.

A mais moça, disfarçada na penumbra, viajava com o pensamento pela estrada de vinte leguas que áquela hora ia levando na sola das alpercatas o jovem tropeiro, seu noivo. — E voltaria, ele, a tempo de encontrar as missões para se casar? . . .

A outra queixou-se:

— A aguada está baixando que faz pavor . . . Se não chover na lua nova, que será da gente?

Tambem esta esperava o seu caboclo de um tableiro longinquo, aonde costumava ir “caçar” palmas de ariri para fazer esteiras. — Louvado Deus por esse luar que faz dia claro nas estradas do sertão e cuja benignidade chega a enternecer a natureza.

As mulheres calam-se de novo. Como que têm receio de perturbar a calma do céu e da noite. E' talvez o sono que vem chegando, com o silencio contagioso das outras casas que já se fecharam e adormeceram.

A mais moça suspira e volta a falar na santa missão e no missionario.

— Tomara que só chegue p'ra semana que vem...

— Mas a sêca, menina... pondera a mais velha, olhando sempre a lua, tão bonita e nua-zinha... sem uma nuvem — ai de nós! — donde se pudesse esperar um borrifo...

— Tudo neste mundo é assim...

Triste sorte a do sertanejo, que nesse mesmo limpido azul onde apascenta os olhos, aí está lendo o prognostico da iminente calamidade!

Com a mão no queixo, as vizinhas bocejam e continuam a cismar, até que a noiva do tropeiro, espreguiçando-se e bocejando mais alto, se despede.

— Já vai?

— Nhóra sim. Boas noites.

— Boas noites, menina... respondeu a outra, e aludindo ao companheiro que tarda: — Mas até esta hora... Que aconteceu?...

Vão recolher-se.

Nisto surge bem perto, na sombra da casa fronteira, e vai passando lentamente, sem falar a

ninguem, um homem alto, meio vergado, com o chapéu desabado e uma capa escura no hombro. Não podia ser o caboclo. Arrasta os pés, mas sem ruido, parecendo, pelas suas botas de montar, ser algum viajante que vem de longe e leva comsigo um grande peso. Quem quer que seja, passa e logo desaparece, virando para o oitão da casa.

— Não vi quem foi... diz, baixando a voz, a moça que estava na penumbra. — Conheceu? Nhóra?...

A vizinha, surpreendida com a pergunta, responde:

— Não vi nada... Foi quem?

— Nhóra sim... um homem...

— Gente!... Passou aqui?...

— Bem pertinho.

— Uhm! uhm! Credo!...

E sem nada acrescentar, a mulher do caboclo benze-se e fecha a porta.

A vizinha apressa-se em fazer o mesmo. Mas antes de trancar a porta, põe ainda a cabeça fóra e lança uma vista á rua, de ponta a ponta.

Silencio enorme. A sombra estava impregnada de terror.

Anda para o quarto. Aí encontra a avó sentada na cama a debulhar um rosario. Conta-lhe assustada o que viu e a estranha resposta que lhe deu a vizinha. Cobre os olhos com as mãos e encolhe-se muito na mesma cama, a tremer.

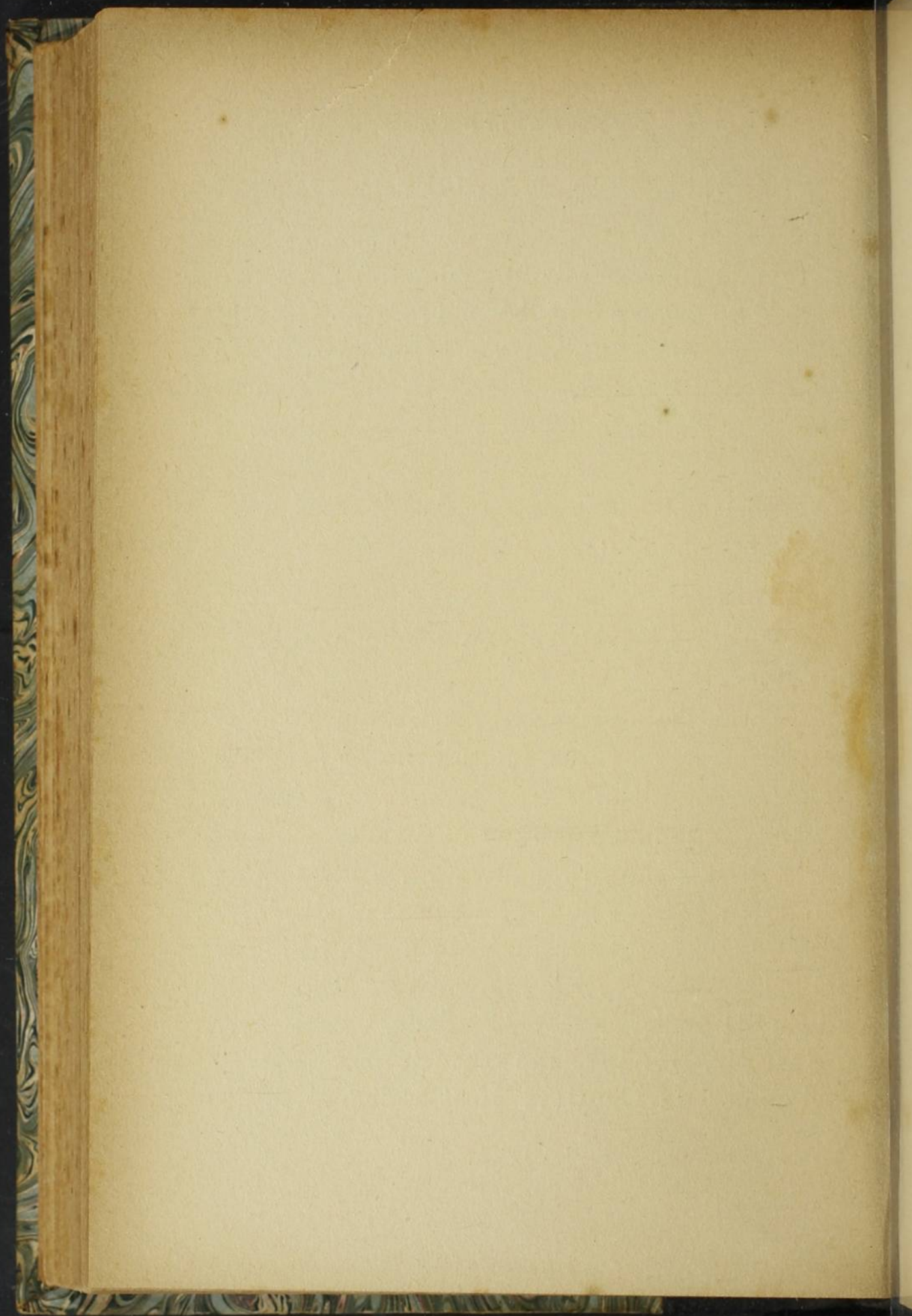
A velha, depois de ouvi-la e cismar, fala, quasi cochichando:

— Reze, minha neta, reze por seu pai...

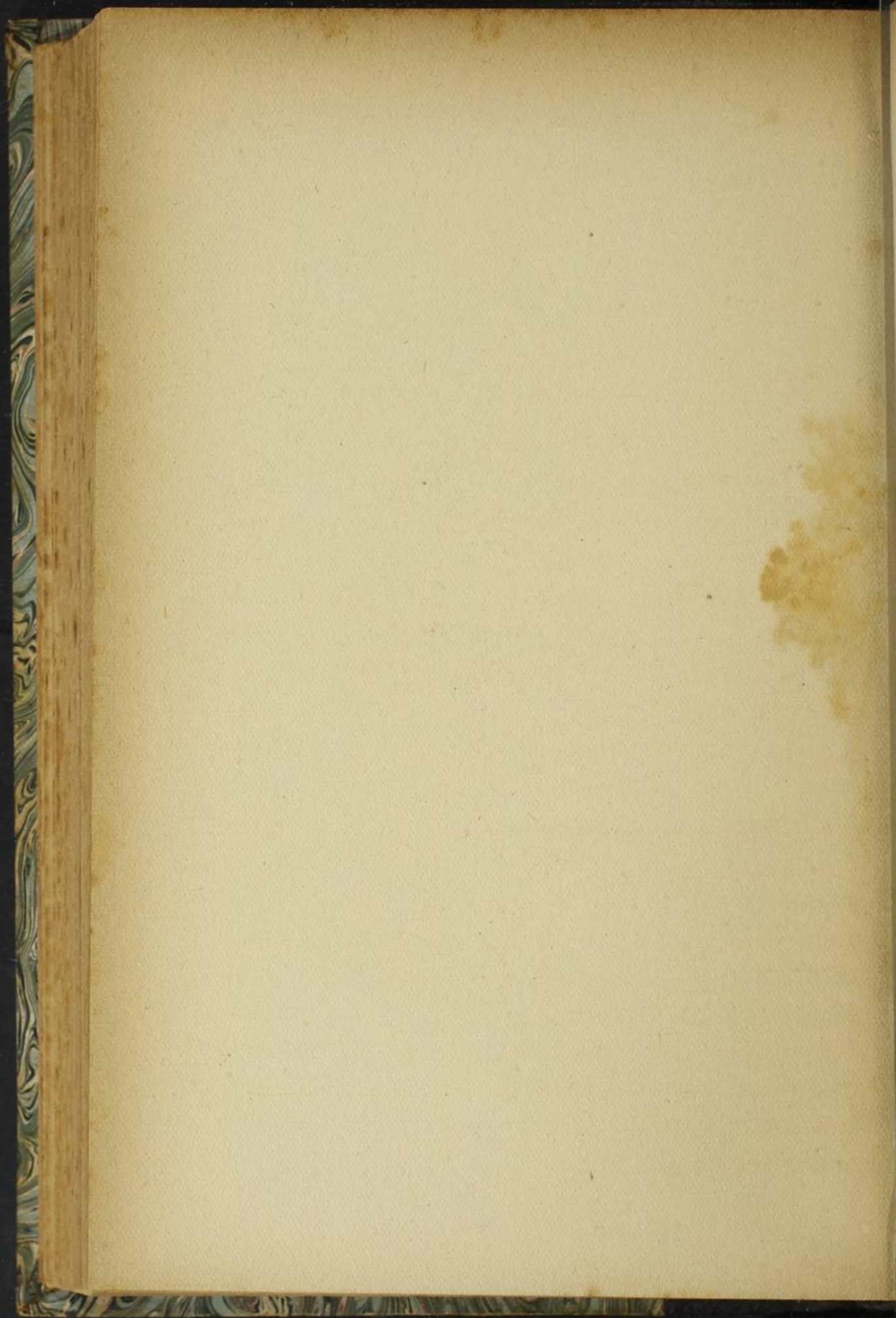
— Por Nossa Senhora, minha avó... O que foi?...

Torna-lhe a velha Gervasia, sempre em segredo, que essas coisas insondaveis só se dizem de alma para alma:

— O que eu estou lhe dizendo nunca ninguém disse e nunca ninguém ouviu dizer neste mundo... Porque nunca tal coisa sucedeu. Eu digo que você, Piedade, conheceu esta noite seu pai pela sombra... Ele precisava de seu perdão e veio lhe pedir... Reze, Piedade, vamos rezar por seu pai. E não queira saber de mais nada... Ah! poder de Deus!... Justiça divina!...



MILAGRES



I

— Graças á estrada de rodagem e ao automovel, o brasileiro sedentario do litoral começou a descobrir o Brasil. Aliás a terra desconhecida, o deserto, o nosso *far-west* quasi confina com os fundos dos predios urbanos, nas cidades da mata. Esta é a surpresa que vamos agora experimentando . . .

O excursionista prosseguiu:

— Tendo demorado menses em um belo trecho daquela zona, chegou-me a vez de verificar o fato. Ali, como todo o viajante que galga os planaltos do interior cuidando ir dominar o panorama de um hemisferio, senti muitas vezes a atração dos horizontes que se encurvam para além das serras enevoadas. Fechado em um desses circulos tanto mais constritores quanto mais dilatados, provei tambem o sentimento do irremovivel que ditou a trova ao sertanejo morto de saudades do seu bem:

*"Abaixai-vos, serras altas,
"Quero ver toda a cidade...*

A minha privação não durou muito. Foi só enquanto não me acudia o prestimoso Antonil, exemplar da gente nova do nosso país, intelectual e pratico, adestrado para viver a complexidade da vida moderna. Pôs-me logo ele á disposição a sua maquina de rasgar horizontes, que é ao mesmo tempo, por não ser possivel acumular os proveitos, a maquina de suprimir a paisagem, substituindo-a por dois unicos pontos: o de partida e o de chegada. Antonil, porém, fiado na calma e na firmeza de pulso com que sabia regrad as impaciencias do explosivo, assegurou-me que venceriamos muito á vontade as distancias, sem prejuizo do prazer dos olhos.

— A's mil maravilhas, disse eu.

A manhã estava fria na mata. A cruviana começava a povoar a rua de capotes.

A invernia na mata correspondia á estiagem na catinga. Não contando com a temperatura que aí nos esperava, eu, de minha parte, não só enfiei o sobretudo, mas tomei ainda a precaução de meter no bolso as luvas de lã.

O automovel incitava-nos, latejando sob o freio. Partimos.

Eu sempre na ansia de romper o circulo que vinha desde muitos dias me comprimindo a curiosidade, circulo formado pelas lombadas das seras de Ribeirão, ao sul, da Tartaruga e da Giboia, a nordeste.

A estrada se abria, bem limpa e batida, em tangentes afuniladas e lindas curvas, em terreno pouco acidentado.

Era dia de feira. No primeiro quilometro do percurso, gente das roças, a pé e a cavalo, vinha vender o fruto dos seus trabalhos da semana: cargas de inhame, batata doce, inhambú e tangerina; tapioca, farinha, feijão e mangalô; caixões de rapadura, gaiolas de passaros, amarrados de galinhas, ovos, legumes; carne do sol em mantas, peles curtidas de gato do mato, gamelas cavadas em jequitibá, tamboretas de umburana com tres pés de pau d'arco.

Passada essa caravana mercante, entramos no despovoado. Aí tivemos os encontros habituais: o boi que foge, pinoteando, ao soar da buzina, o matuto solitario, andando com desconfiança pela ourela da estrada; o lenhador que

destroi a capoeira, com a mesma inconsciência do antepassado que destruiu a mata. Durante a estação, porém, a figura mais interessante naquele cenário desmesurado é a do catingueiro retirante, mesquinho, magro e peludo, com a mochila de esteira às costas, arrastando as alpercatas de sola em busca de trabalho na mata. A mata, sempre verde e produtiva, bom recurso enquanto não rebôa a trovoadas que molha e reverdece a catinga. Não ha então, para o catingueiro exilado, atractivos que iguaem os do seu tojal. E se ele se retirara com o cavallo, tem que voltar sózinho, porque, mal ouviu o trovão, o cavallo dispara sem o dono e vai esperá-lo no viçoso deserto. Aí recomposta a familia, continua o pária o seu viver ritmado pelo verde e a sêca, e se não é vaqueiro, a colher os umbús, a pegar com armadilha de pedra os mocós e a caçar o veado mocho que lhe fornecem o sustento.

Em certo ponto, depois de havermos atravessado a mata das Covas e cortado extensas varzeas, interroguei o companheiro e guia ácerca da direcção da serra.

— A serra, disse-me ele, já ficou atrás de nós.

— E daqui lá, a Milagres! . . .

— Quasi nada... Um salto.

— Um salto de *chevrolet*... Mas antes da era da gazolina?

— A' unha de cavalo? Mais de metade de um dia. E por que caminhos!...

Assim realmente era impossivel, por mera satisfação de turista, ou mesmo por dever de patriotismo, conhecer a terra da patria. Ficava entretanto ali por perto, a menos de dez leguas de distancia, um dos recantos misteriosos onde costumavamos situar o Brasil longinquo e inacessivel á civilização, quando ele era apenas o Brasil incognito, sem vias transitaveis e sem meios de transporte.

Já nos apareciam as graciosas palmeirinhas e os tragicos mandacarús, carateristicos da região que demandavamos. O desejo veemente e panteistico de sentir a natureza em estado virgem, na passividade vegetal e no automatismo do instinto animal, fazia-me considerar importuno todo o vestigio de sociabilidade humana. Todavia tivemos de entrar em Tartaruga, povoado á raiz da serra, sanatorio para muitos doentes e bom terreno caféeiro. Ao meio da rua estava um cartaz manuscrito, anunciando tourada na fa-

zenda do coronel Janjão, “com gado brabo verdadeiro, geral 1\$000”. Por aí deslisou o nosso carro em um trato de lagêdo, como se corresse sobre pavimento de asfalto. E paramos para matar a sede em um dos caldeirões que a natureza cavara nesse chão encascado.

II

Depois de ligeiro descanso, apressamo-nos.

Outro horizonte nos encerrava, limitado a noroeste pelos morros de Lagêdo Alto e de Tapêra. Estavamos no limiar da catinga bravia e sêca. A transição era brutal. Vinhamos cursando uma via de esmeralda, em região paradiasiaca, e de chofre nos achavamos em outra que teria emergido de um diluvio de lavas. A luz do céu que ha pouco resplendia nas comas verdes dos gigantes da mata é aqui a luz exsicante que recresta folhas e estipes, recose as fibras dos cactos e das bromelias. O clima, nestes confins, é uma certeza matematica. O viajante está com um pé no inverno e o outro no estio.

Perplexo deante da barreira erguida á nossa frente, pareceu-me que teriamos de furá-la, convertendo o automovel em *tank* de guerra.

— Entramos bem por aqui, disse com toda a sua fleuma o guia, conduzindo o carro.

Do recinto lageado penetramos imediatamente na espessura. E foi um mergulho de duas horas, até a fazenda Rio Sêco, onde reaparece o campo e de onde já se avista a morraria de Milagres cercado o arraial de catingueiros assim denominado.

Durante a travessia, por tubulosa estrada que era apenas um sulco aberto no macisso do catingal, tive pela primeira vez a impressão do fundo deserto. De lado a lado do caminho, até onde alcançava o meu raio visual, só descortinava massas de garranchos, cipós e espinhais, a que já estava reduzida toda a catinga. Nessa estâse da seiva, a triste e enfezada vegetação dorme um sono cataleptico de seis meses. Raras são as manchas verdes que ainda persistem na téla. E quasi todas de um verde anemico, cinzento, que definha e morre antes de amarelcer ou de sanguificar-se, como na folhagem do umbuzeiro. Essas manchas eram as palmas do aricurí, uma ou outra umburana, quixabeira ou catinga-de-porco, as folhas largas do icó e pequenas copas de joazeiros, sobre tudo os angulosos mandacarús, cujos articulos, eriçados de

espinhos, que os judeus não imaginaram, parece meterem medo á propria canicula, que os poupa. O tom geral, porém, dava-o á paisagem o *mato branco* (segundo a optica imprecisa do indio) nos vastos estendedouros, leguas e leguas quadradas, de esqueletos vegetais... Monotonia esmagadora, a dessa flora hetica, em cavernas, quasi funebre... E' um imenso ossuario que contrista as proprias aves, raras e mudas, em vôos preguiçosos procurando algum raminho verde. Que falta me fazaim as flores de umburana de cheiro, cujo perfume sorvi com volupia em outro tempo e outra paragem do sertão de baixo!...

Enredando-se, amontoando-se formam bastidas impenetraveis todas as especies da flora horrida: o calumbi, a opuncia, a quixaba, a unha-de-gato, a micaela, o cambui, a palmatoria, o caruá, o chique-chique, o cardo, a macambira, o gravatá, quasi tudo mirrado, em caules ressequidos e torsos, galhos e ramarias em gravêto, espiques, raizes e sarmentos enrilhados, a que a terra avara e o sol barbaro suprimiram até a ultima gota de linfa. Só as flores de escarlata do chique-chique e da palmatoria sobrevivem, fulgurando como brasas no lar de um forno apagado.

A' margem da trilha levanta-se ás vezes um mandacarú com a polpa da haste arrancada, não obstante as terriveis armas que o defendem. Algum boi desesperado de fome e sêde, resguardando com esforço instintivo a mucosa das ventas, o abocanhou. A parte devorada murcha, conservando a côr ferruginea da cicatriz. Foi um bocado que custou o sangue da rês faminta. Sem tanto risco, vemos adiante, encabritado sobre o espique do aricuri, o cabrito silvestre a repuxar os longos peciols do cacho guarnecidos de côcos maduros. O caprino guloso mastiga e delicia-se. A mucilagem verdoenga transborda-lhe dos cantos da boca voraz e desce pelo focinho agudo.

A catinga armazena os mais variados instrumentos de suplicio. E' facil distingui-los. São cravos, puas, aculeos, cordas, serrilhas, forcados, bastões, estrepes, corôas de espinho. A' simples vista prova-se uma sensação mortificante. E a imaginação ferida confirma o horror do primeiro sertanista que depôs contra esse páramo infernal, onde efetivamente medra a especie denominada figueira do inferno. Imagino-me precipitado naquela rêde multipla de arames farpados. Forcejo por libertar-me, e vou deixando

em farrapo as minhas vestes, os cabelos nas garras dos mandacarús, o rosto e os olhos picados pelas pontas de fogo do calumbi e do joazeiro, a pele cerrada pelos dentes das cactaceas. A cada passo um repuxão das unhas-de-gato. Enlaça-me o cipó imbê; caio de joelhos sobre um tapête de cerdas rígidas e ponteagudas. Pedacos da minha carne vão ficando em lascas entre os gravetos duros como ferro. E meu sangue espirra e floresce em estrelas, na catinga, como o sangue de Jesus sob a corôa e os cravos, no Calvario. . .

O contraste de tamanha agressividade e aridez com a mata hospitaleira, vigorosa, intensamente pintada a clorofila, reparte-nos a alma entre a amenidade e o confrangimento. A mata é a estancia dos pastores da écloga virgiliana. A catinga é um circulo de condenados da tragedia dantesca.

Entre todos aqueles instrumentos supliciantes um ha que se diria criação de engenho diabolico: é a "cabeça de frade". A certa altura da excursão desço do carro para examinar de perto essa pequena obra prima de perfidia. A "cabeça de frade" abrolha de espaço em espaço, vegetando isoladamente em logares pedregosos,

ofensiva como o ouriço-cacheiro. Parece um gomo ou féto do mandacarú. E' semelhante a um bolbo talhado em arestas, inapreensível, todo cravejado de aculeos rijos, em forma de rosêtas; no cimo a corôa, saliente, esponjosa, de onde emergem, para morrer depressa, lindas florinhas purpureas, a que sucedem minusculos favos da mesma côr. Sob o pêlo da corôa estende-se um frouxel de algodão alvo e macio. Não lhe toqueis, porém: sentireis logo as pontas vivas das agulhas que vêm pungindo sob aquela maciez de seda.

Continuando a nossa *entrada*, não tardou me alegrasse um quadro imprevisto. A trilha apertada na sequidão do deserto alargou-se de repente em clareira iluminada pela agua rasa, mas resplandecente, de uma lagoinha, em que os paturis e espanta-boiadas, voejando, se dessedentavam. A catinga oferece, de longe em longe, ao viajante esses claros humedecidos por depositos superficiais de chuvas da outra estação. Fingem salões pavimentados de cristal, ornamentados em toda a circumferencia de gravatás amadurecidos, laminados de ouro.

Supondo interessar-me mais no goso desse oasis, informou-me Antonil:

— Esta é a lagôa da Morte...

Procurei adivinhar. Algum crime... Tragedias comuns da vida... Coisas da humanidade, a mais feroz, dizem, das especies animais. Eu, porém, não viera até ali de humor literario, em busca de tema para novela ou drama. Vinha bancar o naturalista, sôfrego de conhecer um aspecto da criação sem o seu rebarbativo soberano. Que me importava o bipede implume com a sua razão tantas vezes ábaixo da impulsividade especifica do bruto, com a sua turbulencia mais perigosa que a do nosso irmão em Francisco de Assis, o silencioso maracajá?...

Meu guia insistiu:

— Ha obra de vinte anos andou por aqui um estrangeiro (holandês, supunha-se) de olhos azues e cabelos louros, visitando plantações e negociando safras de fumo... Um dia esse adventicio appareceu morto ao pé daquele joazeiro... Tinha varias partes do corpo mutiladas. Estava emasculado...

Lamentei em geral a morte do homem, que vive menos do que um joazeiro.

Mas do caso não quis saber. Muito mais me interessava o que eu via na copa da arvore

fatidica. Um carrega-madeira, saltitando entre os ramos, ocupava-se em construir o ninho. O ninho dessa ave é uma comunidade ou uma colônia. Ao primeiro construído vão se agregando outros, juntos porém á parte, servidos todos por uma especie de tunel que os comunica. E' uma familia unida, a dos carrega-madeira.

Do trançado da catinga rompeu um boi e se pôs a lambar a agua escassa da lagôa, prestes a consumir-se.

Prossequimos a viagem, rumando pela vereda. Emparedado no mato branco estorricado, parecia-me correr entre duas incomensuráveis fogueiras ali armadas á espera da chama de um fosforo lançado por qualquer viajante inadvertido. — Que belo fantastico, para um Nero daqueles cafundós, seria a noite acesa pelo clarão da catinga incendiada!...

No momento em que a sinistra imagem me passava pela mente soprou levissima aragem, e em vez de flamas, vimo-nos cobertos de folhinhas rosadas dos umbuzeiros, que o vento nos trazia como uma chuva de petalas de rosas. Isto queria dizer que a estiagem recrudescia.

Mais meia hora de marcha, e outra clareira

e a respetiva lagôinha em sua moldura de gravatás. A cada momento eu tinha a ilusão de ver surgir no campo do para-brisa outro habitante excêntrico daquele abrolhal. A ema, pernalta, escanifrada e semi-nua, de longo pescoço depeñado, uma vez surpreendida no caminho, não tergiversa; galopa á frente, com velocidade superior á do automovel. O espanto lhe impõe a mesma direção do carro, e o carro é o seu magnete. De quando em quando esporêa-se com um choque das asas curtas contra as ilhargas. E corre mais. Afinal, invicta, mas cansada, barafusta na urze e desaparece. Dizem que lá dentro, sob a obsessão do perigo, se abaixa e esconde a cabeça na areia. O que olhos não vêem coração não padece...

Encontramos ainda terceira lagôa, a maior, já na fazenda Rio Seco, á vista dos morros de Milagres,. Neste sitio paramos de novo e fomos até a beira da agua, que não dava mais para cobrir o peito de um pé. A afluencia de paturis e outras aves sequiosas era extraordinaria. Bebiam tambem varias rêses, duas entre elas mutiladas pela catinga, — um boi nambi e um garrote rabicó.

Repousamos á sombra de uma gameleira.

Arvore estranha á flora regional, se bem que plantada no campo, não ficara imune do contágio da catinga. Alta e ramalhuda, em desproporção com os anões vegetais que a cercavam, — que fizeram estes? Por judiaria, enxertaram-lhe feias parasitas, pregaram-lhe nos galhos, em grande abundancia, longas e ridiculas “barbas-de-velho”; e assim, com essa caraterização que a deformava e abatia em seu orgulho, ficou a majestosa gameleira perfeitamente irreconhecível, ou, segundo a giria dos matutos, ficou “acatingada”.

III

Entramos em Milagres sob uma atmosfera em que pairavam cinzas de borralho. A catinga avançava, de um lado e de outro, a hostilizar-nos. É sempre esqueletica, simpática ao fogo: um incendio em perspectiva.

No centro do arraial rarêa o mato, mas rebentam as rochas. Milagres é um pedregal entresachado de casalejos, num anfiteatro de morros. Paira sobre ele um silencio cemiterial. A cada passo afloram penedos mascarando as casas, angustiando as passagens, empecendo a marcha e o acesso aos pontos elevados. A secura do ar é tanta que os telhados se conservam limpos e vermelhos, parecendo feitos com telhas saídas na ocasião do forno da olaria.

Ha um morro inclinado, logo á entrada, macaqueando a torre de Pisa: é o da "Andorinha". Outro, rotundo, o do "Calvario", com um tor-

reão abobadado, onde plantaram uma cruz, seria um arremêdo de catedral, se não imitasse antes uma fortaleza, cujos canhões foram substituídos por bromeliáceas douradas. Do formidoloso morro da "Lapa" deriva por "minação" a água turva em que se banham com fé os peregrinos. Ao lado, entre este e a serra da Andorinha, levanta-se o "morro do Clemente"; á distancia, servindo de sinaleiro, o morro calvo "Cabeça de velho", projeção da serra do Bastião. E bem no recinto do povoado, o singular entre todos, pitorescamente denominado o "Cuscús". E' um morrête que diríamos moldado ao fogo, num cuscuzeiro monstro; e para maior verosimilhança, apresenta, do vertice á base, larga fenda cuneiforme, como de uma talhada que lhe tirassem á faca. Se examinarem de perto o sitio, como eu fiz, verão estendido á flor da terra longo bloco prismático, em forma exata de cunha, cujas proporções o ajustariam á fenda. E' a talhada do cuscús.

— Mas quem o cortou? perguntei aos meus botões.

O naturalista ou geólogo autentico invocaria aqui o dinamismo subterraneo que no curso dos milênios remodelou a crôsta do nosso mes-

quinho globo. Eu . . . recompús o combate entre Titãs, que dali teriam pretendido realizar a sua ousada aventura. — o assalto ao céu. Desavindos por qualquer motivo, entraram a lapidar-se, arrancando ao solo os rochedos, lascando penhascos, e no furor e confusão com que se agrediam, sem alvo certo, lançando mórro sobre mórro, ou deixando-os cair e cravar-se na arena, fragmentados em penedias.

Sobre essas rocas talhadas a pique recosta-se hoje, quando o sol vai se abismando além da serra, o catingueiro triste, como o titã vencido, a sonhar com as camboeiras que tardam em reflorecer a catinga.

Era o momento de vermos a igrejinha da Senhora de Brotas de Milagres. Subindo a encosta do morro da Igreja e contornando pedregulhos, descobrimos a capela. Do adro pudemos avistar as casotas dos romeiros, todas fechadas, aguardando, com a volta das chuvas a epoca das romarias. Na galeria dos ex-votos via-se uma velha, cuja idade, se lhe estampava no rosto de pergaminho. Apresentou-se-nos como a zeladora da capela. Conversada por Antonil, entrou a contar-lhe a sua vida de "pobre viuva" que, ia por vinte anos, exercia aquela de-

voção. Sem custo confessou o que havia de mais dramático em sua história. — Fôra abandonada pelo marido, com um filho nas entranhas; largou-a para sempre o homem, com ciúmes de um estrangeiro a quem dera agasalho... Estava, entretanto, inocente.

— E o estrangeiro?... perguntou Antonil.

A velha juntou as mãos, pregou os olhos no altar e respondeu, compungida:

— Dizem, meu senhor, que apareceu morto na catanga...

Meu companheiro volveu para mim os seus olhos analíticos de juiz de instrução. Já eu, farto de insinuações, estendia a vista aos longes da paisagem cinerea, no propósito cada vez mais firme de resistir á banalidade dos enredos humanos, sempre os mesmos, na cidade ou nas bre-nhas.

Descemos e artvessamos a ruazinha que serve de linha divisória de dois municipios. Entre o morro da Lapa e a serra da Andorinha abria-se a garganta por onde passam os carros, demandando a catanga alta de Veados. O circuito de pedras aquecia e a fazenda Rio Sêco atraia-me com a aguada periclitante do seu simu-

lacro de lagôa e com a sombra da gameleira entupida de "barbas-de-velho".

Transpondo em dois passos o limite de Taperá, entramos em uma casa das terras de Amargosa, onde nos serviram de boa vontade preá moqueada com feijão mulata-gorda e farinha de mandioca. Bebemos agua da fonte dos Milagres, e repousamos.

IV.

A' tardinha, aos pulos e arrancos do *chevrolet*, saímos de Milagres e seguíamos em direção á lagôa. Mas um incidente inesperado nos forçou a sobrestar no trecho mais largo do caminho, O carro parara.

Nessa mesma ocasião, irrompendo do mato, a correr, um boi fugido atravessava a estrada, perseguido no rasto pelo vaqueiro.

Vendo-nos ali esbarrados, a pouco mais de dois metros, o moço campeiro, montado e vestido de pele, o busto reto no seu guarda-peito, deteve-se curioso e voltou para nós a face quente e imberbe, como uma mascara energicamente moldada em semi-circulo pela serigóla e a aba do chapéu de couro. Displicente, contemplou-nos um instante. Mirou com evidente menosprezo a nossa maquina parada, e prosseguindo,

depois de a fulminar com um relance dos seus olhos azues, penetrou na massa da catinga como um ariete.

Meu companheiro, impressionado, perguntou-me, enquanto examinava o carburador:

— Que tal o catingueiro estrangeirado? . . .

— Um belo tipo, na verdade?

— P'ra dizer que é o filho da zeladora da capela com o . . .

— Da pobre "inocente"? atalhei. E' possível. São já quatro personagens em busca de um autor . . . Desta vez, porém, perderam o seu tempo.

Antonil retomando o seu posto, ao volante, ainda acrescentou:

— E' um achado, e despreza-o . . .

— Nada de novo nem de particular . . . No sertão como na cidade, por toda a parte, é, com diferença de estilo, o mesmo ato da tragedia humana: Amor e Morte.

Disse e calei-me.

Era noite fechada e corriamos com velocidade, quando os faróis do carro se refletiram na lagôa da Morte.

Os mandacarús fantasticos se erguiam inteiriçados, como sentinelas negras á margem da trilha.

O silencio terrifico do deserto pesou sobre nós, apenas interrompido a espaços pelo soar da buzina.

INDICE

A VILA MORTA

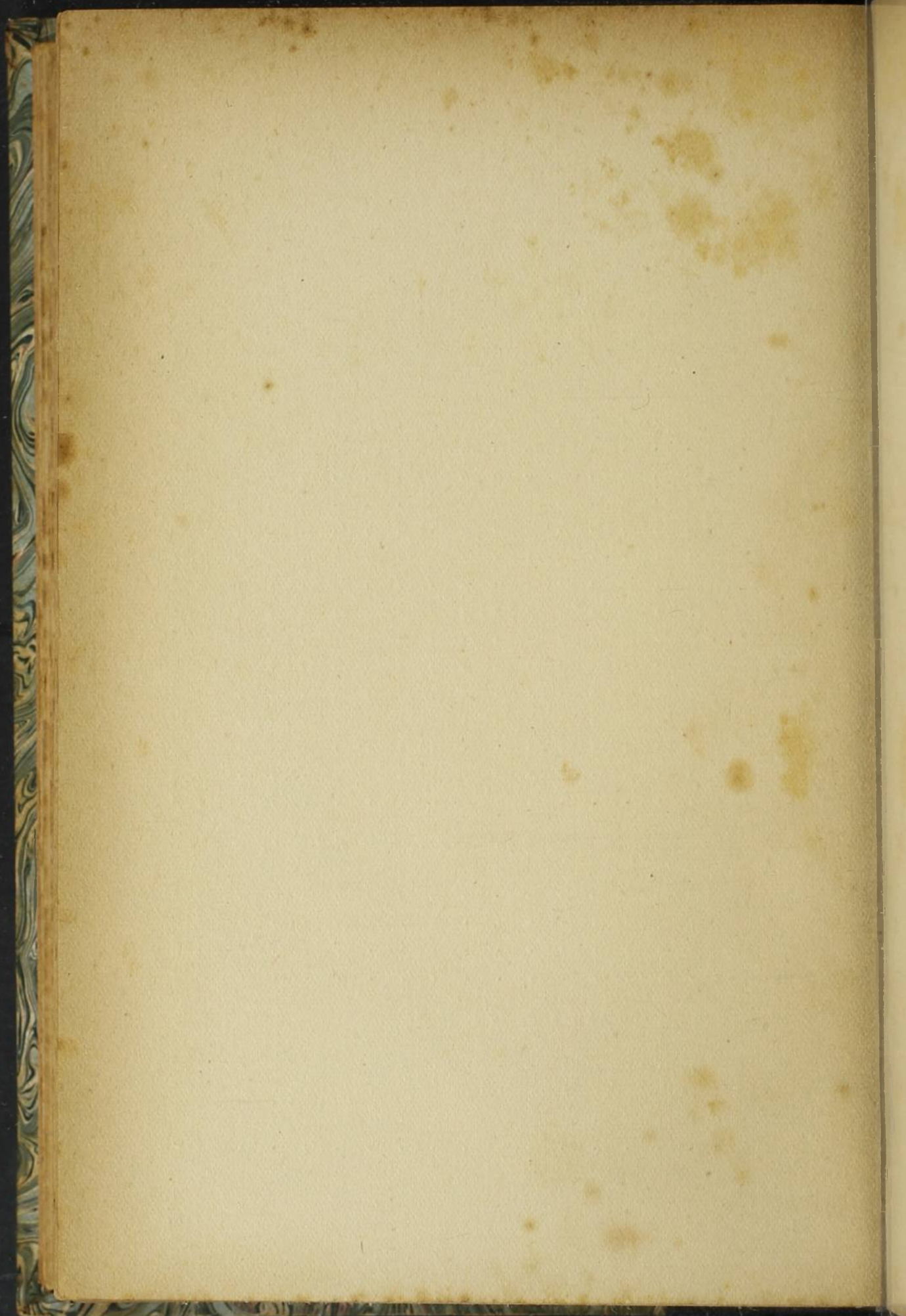
		Pag.
Capitulo	I	9
"	II	20
"	III	30
"	IV	43
"	V	56
"	VI	69
"	VII	76
"	VIII	83
"	IX	91
"	X	98
"	XI	105
"	XII	108
"	XIII	113
"	XIV	120
"	XV	126

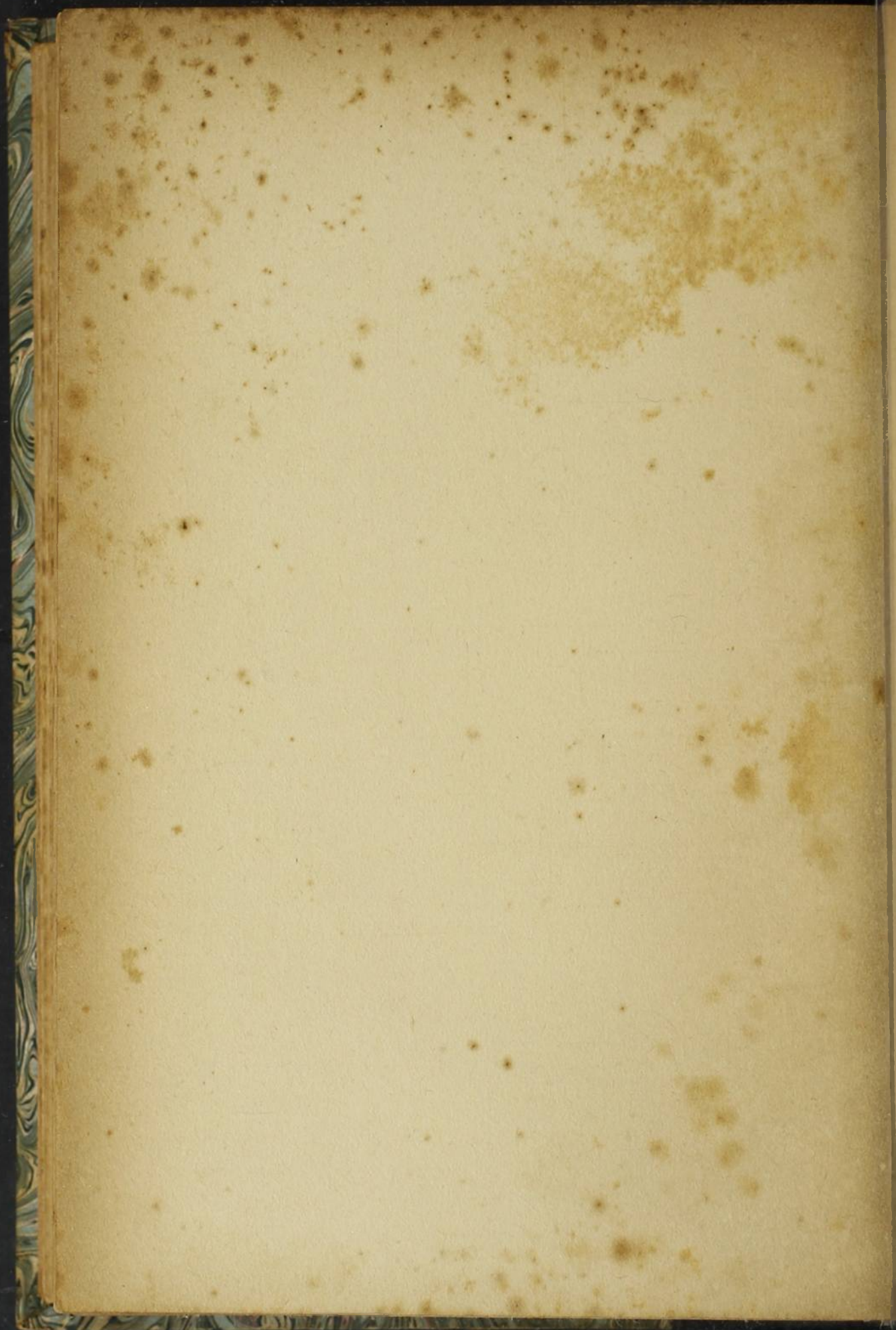
A SOMBRA DO MALFEITOR

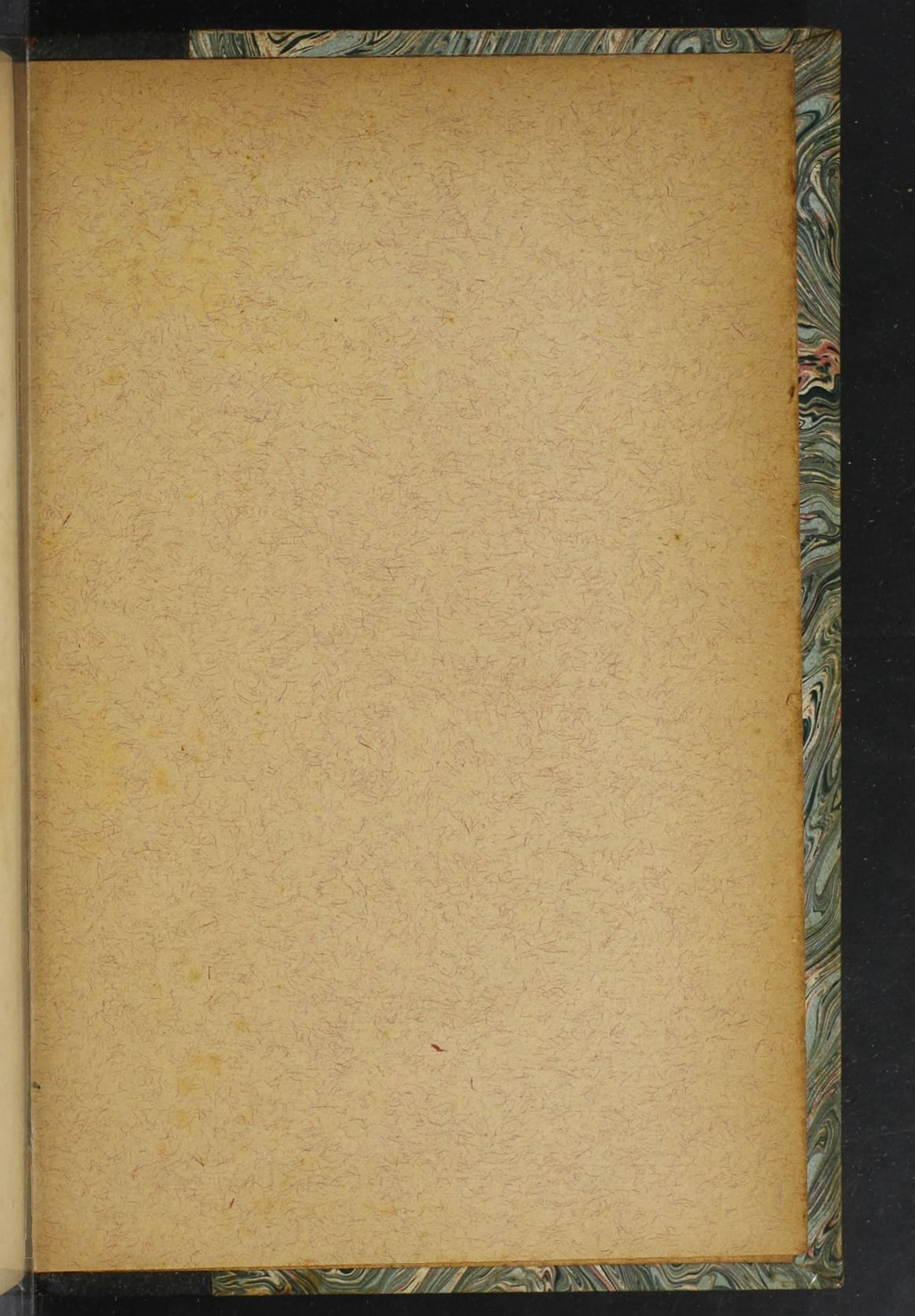
Capitulo	I	131
"	II	139
"	III	149
"	IV	154

MILAGRES

Capitulo	I	163
"	II	169
"	III	184
"	IV	179







24868

